

MANOEL BASILIO FURTADO

MEMÓRIAS
FLUMINENSES

ITINERÁRIO DA FREGUEZIA DO
SENHOR BOM JESUS DO ITABAPOANA
À GRUTA DAS MINAS DO CASTELLO



CAMPOS DOS GOYTACAZES



2014

F992i Furtado, Manoel Basílio.
Itinerário da Freguesia de Senhor Bom Jesus do Itabapoana à Gruta das Minas do Castelo / Manoel Basílio Furtado.— Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2014.
119 p.; il. - (Memórias Fluminenses; v.2).

Reedição da obra original de 1884.
ISBN 978-85-99968-48-2

1. Bom Jesus do Itabapoana (RJ) – História. 2. Bom Jesus do Itabapoana (RJ) – Descrições e viagens. I. Título.

CDD 981.53 20.ed
CDU 94(81)

Essentia Editora

Rua Coronel Walter Kramer, 357
Parque Santo Antônio - Campos dos Goytacazes/RJ
CEP 28080-565 | Tel.: (22) 2737-5648
www.essentiaeditora.iff.edu.br | essentia@iff.edu.br

Tiragem: 1000 exemplares

Impressão: São Jorge Gráfica e Tecnologia | Tel.: (61) 3035-8300

Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense

Reitor	Luiz Augusto Caldas Pereira
Pró-Reitor de Administração	Helder Siqueira Carvalho
Pró-Reitora de Desenvolvimento Institucional	Ana Lúcia Mussi de Carvalho Campinho
Pró-Reitor de Ensino	Carlos Márcio Lima
Pró-Reitora de Extensão e Cultura	Paula Aparecida Martins Borges Bastos
Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação	José Augusto Ferreira da Silva

Coordenação Editorial da Série Memórias Fluminenses

Gustavo Gomes Lopes
Paula Aparecida Martins Borges Bastos

Comissão Organizadora

Claudia Herrera de Vasconcellos
Fernanda Lima Rabelo
Gustavo Gomes Lopes
Kárin Klem Lima
Maria Catharina Reis Queiroz Prata
Paula Aparecida Martins Borges Bastos
Rogério Ribeiro Fernandes

Equipe Editorial

<i>Capa, Projeto Gráfico e Diagramação</i>	Cynthia Santos Monteiro
<i>Catálogo</i>	Henrique Barreiro Alves
<i>Revisão de português do Prefácio</i>	Ednalda Maria da Silva Ribeiro

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos, pela disponibilização do material que permitiu compor esta edição, às seguintes instituições:

Fundação Chico Boticário, na cidade de Rio Novo, MG;

Arquivo Público Mineiro, na cidade de Belo Horizonte, MG;

Espaço Cultural Luciano Bastos, na cidade de Bom Jesus do Itabapoana, RJ.

Comissão Organizadora

SUMÁRIO

PREFÁCIO À 2ª. EDIÇÃO	07
NOTA EXPLICATIVA	15
Fragmentos do “Itinerário da viagem de estudos às províncias do rio de janeiro e espirito santo” pelo naturalista Dr. Manoel Basilio Furtado, auxiliar do Museu Nacional	17
CAPITULO I – Da freguezia do Senhor Bom Jesus. Sua topographia. Suas riquezas naturaes. Falta absoluta de socorros espirituaes	23
CAPITULO II – A partida. – A estrada nova do Calçado. – O Arraial do S. José do Calçado. – O Ribeirão do Café. – A Freguezia do Alegre. – Um professor de francez e as gallinhas suras	31
CAPITULO III – Do Itapemirim. – Das differentes especies de veados matteiros. – Da gitiranaboya e do seu pretendido veneno ..	41
CAPITULO IV – Continuação. – Da formiga saúva. – Da fazenda das Duas Barras – As minas do castello e os padres jesuitas. – Considerações sobre a Gruta e seus habitantes	55
CAPITULO V – Um sphynge raro. – Das differentes especies de biguatingas. – O encontro com um bando de vagabundos. – Do rio Muquy e sua synonymia	87
CAPITULO VI – Do café (coffea arabica. L.): sua historia, qualidades e usos	105
CONCLUSÃO	117
NOMES DA LINGUA COROADO	119

PREFÁCIO À 2^a. EDIÇÃO

A obra

O livro do naturalista Manoel Basilio Furtado é uma das mais antigas obras de que se tem notícia, sobre o atual município de Bom Jesus do Itabapoana nos primórdios de seu povoamento. Escrito em 1875 e publicado em 1884, o texto descreve uma Bom Jesus incipiente, tendo em vista que o nascedouro da cidade remonta à década de 40 daquele século.

Sua importância para a região se detecta quando o primeiro jornal deste município, denominado *Itabapoana*, publica em 1907 alguns capítulos do livro, indicando, porém, a ausência das primeiras páginas e o desconhecimento do nome do autor:

BOM JESUS DO ITABAPOANA é o titulo de um interessante trabalho que hoje começamos a publicar, o que nos foi apresentado pelo nosso dedicado amigo Luiz Guilhermino de Mello.

O auctor desse trabalho não o sabemos, porque a brochura que temos está truncada, isto é, faltam-lhe as primeiras páginas, em uma das quaes talvez encontrassemos o seu nome.¹

Na segunda metade do século XX, Antonio de Souza Dutra, farmacêutico e cronista do jornal *A Voz do Povo*, de Bom Jesus do Itabapoana, refere-se ao livro de Basilio Furtado como “um livro muito raro”².

Em livro editado por Delton de Mattos³ sobre os escritos de Antonio de Souza Dutra, consta a inclusão de parte do livro de Basilio Furtado, sendo publicados os capítulos de I a IV, sob o seguinte título inicial: “Parte conhecida do livro sobre viagens do cientista Basílio

¹ *Itabapoana*, Ano 2, N. 20, periódico publicado em Bom Jesus do Itabapoana, 19/05/1907.

² DUTRA, A. S. O Rio Itabapoana. In: *A Voz do Povo*, periódico publicado em Bom Jesus do Itabapoana, 03/07/1971.

³ DUTRA, A. Páginas Memoráveis de Bom Jesus do Itabapoana, editadas por Delton de Mattos. Rio de Janeiro, Textus, 2004.

Furtado, escrito em 1875, relativo às margens do Rio Itabapoana, examinada por Antônio Dutra”.

Esse pequeno histórico sobre a difusão do livro (ou ao menos seu conteúdo) ao longo do século XX na região do Vale do Itabapoana, além de registrar o interesse que desperta para os moradores locais, reafirma as dificuldades encontradas para se finalizar esta segunda edição do livro de Manoel Basílio Furtado, devido a sua condição de livro “raro”. O único exemplar encontrado e que serviu de base para a presente reedição, encontra-se na Fundação Chico Boticário, na cidade de Rio Novo, MG, terra de Basílio Furtado. Faltam, porém, no exemplar, além das fotografias integrantes do livro, as cinco primeiras páginas. Esta é uma condição muito próxima daquela já indicada no jornal *Itabapoana*, a respeito do exemplar utilizado como referência para publicação no periódico em 1907 (“faltam-lhe as primeiras páginas”). Também no livro editado por Delton de Mattos, tendo por base arquivos do Sr. Antonio de Souza Dutra, são publicados apenas alguns capítulos (“parte conhecida do livro”).

Nenhum outro exemplar, além do constante no acervo da Fundação Chico Boticário foi encontrado, o que demonstra o quão raro se apresenta este livro atualmente. Foram realizadas exaustivas e criteriosas buscas em diversas instituições. O livro não foi localizado em pesquisa realizada junto a importantes instituições nacionais, como Biblioteca do Museu Nacional, Arquivo Nacional, Biblioteca Nacional, Museu Emilio Goeldi e Arquivo Público Mineiro. Também foram realizadas pesquisas via internet, com consulta de diversos sites para possível localização de acervo, porém sem sucesso.

Pode-se afirmar que o livro “Itinerário da Freguesia de Senhor Bom Jesus do Itabapoana à Gruta das Minas do Castello”, lançado em 1884, é hoje uma raridade.

Essa ausência, a Série Memórias Fluminenses busca compensar, trazendo ao público, 130 anos depois, esta reedição da obra, importante documento para a memória do noroeste fluminense e da região sul capixaba, e por que não dizer, da migração mineira na região.

O Vale do Itabapoana no século XIX

É curioso observar que, enquanto em grande parte do Brasil, as regiões mais próximas da costa atlântica foram ocupadas pelos colonizadores a partir do litoral, seguindo daí para o interior, no extremo norte fluminense, na região que hoje se conhece como “noroeste fluminense” seguiu-se o caminho inverso: sua ocupação ocorreu de dentro para fora, em uma situação bastante peculiar, que marca até os dias atuais a cultura regional.

Muito mais que uma confluência geopolítica, essa parte limítrofe entre Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo possui uma história comum que nasce com a própria natureza, envolta pela Bacia do Itabapoana, e que vai se transformando pela mão humana durante a ocupação de seus territórios.

As terras margeadas pelo rio Itabapoana constituem um caminho natural que conduz cada vez mais ao leste, em direção ao Oceano Atlântico, e foi nessa direção que diversas famílias mineiras iniciaram uma colonização agrária que passa a se valer da exploração da terra voltada principalmente, em seu início, para a subsistência e o extrativismo.

No período áureo do ouro nas Minas Gerais, a Coroa cuidava com grande rigor da manutenção das rotas oficiais para o litoral através da Estrada Real. Não havia interesse e era até mesmo desestimulada qualquer ocupação que possibilitasse rotas alternativas rumo ao mar. E o rio Itabapoana, nascendo na serra do Caparaó e buscando obstinadamente o mar, acabou se constituindo uma extensão do chamado “Sertões do Leste”, nos séculos XVIII e XIX.

Terá havido, assim, uma política deliberada de “não ocupação” das terras hoje conhecidas como “noroeste fluminense” ao longo de um determinado tempo colonial, com a intenção de manter uma barreira natural para possíveis rotas de fuga dos produtos das ricas “minas gerais”? O que podemos afirmar é que na primeira metade do século XIX a situação vai lentamente mudando: levas de famílias mineiras começam a migrar para o noroeste fluminense e também para algumas regiões do sul capixaba.

Alguns fatores apontados como possíveis causas para essa migração são o declínio da produção e da importância econômica do ouro das Minas Gerais, a Revolução Liberal de 1842 (denominada na época como Guerra de Santa Luzia) e mesmo a Guerra do Paraguai, quando diversas famílias tentavam evitar o envio de seus filhos para a guerra, conduzindo-os para outras paragens.

A respeito de Bom Jesus do Itabapoana, Padre Mello, figura de grande relevância intelectual na região, e um dos principais compiladores da história da cidade em seus primórdios, narra o seguinte:

De tres fontes principaes colhi os dados que pela probidade de quem m'os forneceu e pela harmonia das narrações nos topicos essenciaes não offerecem motivo de dúvida. Essas pessoas gozam ainda hoje de certa publicidade em nosso meio: Antonio T. Sequeira, Antonio Lisboa e Manoel Pinto de Figueiredo.

Eram todos concordes em que Antonio José da Silva Nenem adquiriu a posse destes terrenos, contidos na bacia do Corrego Campo Alegre; que elle com sua familia aqui viveu até quase 1850 e viera de Minas, Rio Novo, provavelmente em 1842, por occasião e talvez por motivo da Guerra de Santa Luzia [...]⁴

Observa-se assim que, em Bom Jesus do Itabapoana, não foi diferente, e não por acaso um dos primeiros relatos impressos sobre a “vila do Senhor Bom Jesus” é feito por um viajante mineiro, naturalista de Rio Novo. Não por acaso porque o autor conta já ter estado outras vezes nessas paragens, e há diversos indícios, relatados pelo próprio Basílio, que apontam parentesco e amizade com outras famílias mineiras que já se haviam fixado ou possuíam terras no local, como é o caso do Coronel José Carlos de Campos, parente afim do Dr. Maurício Gurgel, seu compadre e companheiro de viagem. O autor afirma ainda que, nas matas do Itabapoana, os moradores são quase todos oriundos de Minas Gerais, e a expectativa de contínua leva de migrantes mineiros pode ser depreendida quando este justifica seus relatos acerca de Bom

⁴ MELLO, Padre. O Meu Campinho: Primordios de Bom Jesus. In: *A Voz do Povo*, N. 235, periódico publicado em Bom Jesus do Itabapoana, 25/06/1938.

Jesus por poderem essas notícias “ser de utilidade e servir de guia aos que quizerem vir estabelecer-se com fazendas”.

Explica-se, assim, que a Expedição do mineiro Manoel Basilio Furtado e seus companheiros rumo à gruta das minas do Castelo, no Espírito Santo, tenha início em Bom Jesus do Itabapoana, estado do Rio de Janeiro. Curioso observar que sua rota até Castelo, durante o trajeto capixaba, tenha seguido a Bacia do Itabapoana, descrevendo localidades como São José do Calçado e Alegre. Nesses locais também é possível perceber a ocupação mineira, a partir das observações do autor e seu contato com moradores da região.

No período em que passa por Bom Jesus do Itabapoana, a região está politicamente ligada a Campos dos Goytacazes, ao tempo em que esta cidade se encontra em seu esplendor. O pequeno povoado, em 1875, compõe-se de cerca de 2/3 de homens livres e 1/3 de escravos. Os bens eram escassos e a vida levada com muita dificuldade. Apesar de já possuir duas escolas públicas, o “responsável” quase nunca se encontra no povoado, preferindo o bem-estar de uma cidade do porte de Campos dos Goytacazes. Também a igreja, construída no largo de Santa Rita, encontra-se abandonada, e Basilio Furtado faz duras críticas a esse descaso da paróquia.

Seu sentido naturalista aponta a riqueza da flora e fauna da região, procurando descrever ou identificar diversas espécies que grassam o Vale do Itabapoana, dando especial atenção aos peixes do rio Itabapoana. E assim continua em todo seu percurso, descrevendo também na região capixaba diversos aspectos da natureza com os quais vai se deparando. Com esses relatos, é possível recuperar aos leitores da atualidade uma imagem do que foi a região da Bacia do Itabapoana nesses tempos passados.

Ao chegar a Castelo, Basilio faz uma descrição detalhada da gruta, e aponta teorias sobre a origem dos esqueletos ali encontrados.

A preocupação com a questão indígena é abordada no livro, permitindo observar a visão humanística do autor, que se contrapõe aos métodos de extermínio praticados na época contra os índios.

Consta também um pequeno glossário de termos da língua dos Puris ao final do livro, realizado a partir de seus conhecimentos e pesquisas.

Há ainda um capítulo praticamente dedicado ao café, cultivo ainda embrionário na região noroeste fluminense e sul capixaba, mas considerado promissor pelo observador viajante.

As ironias que o naturalista utiliza com relação aos viajantes estrangeiros, que erravam suas descrições justamente por não conhecerem o lugar e suas especificidades, tem sua razão de ser. A cultura eurocêntrica da época acabava por atribuir menor valor aos naturais da terra. Pode-se supor que Basílio Furtado tenha se ressentido dessa realidade, percebendo que seus estudos naturalistas muitas vezes não recebiam o devido valor em detrimento daqueles realizados por naturalistas estrangeiros, mesmo quando estes apresentavam trabalhos com resultados equivocados. Talvez essa condição possa ser uma das explicações sobre o desconhecimento geral das obras científicas desse brasileiro naturalista, e a dificuldade atual em se encontrar seus relatos e obras publicados.

O autor

Grande parte da biografia de Manoel Basílio Furtado aqui apresentada tem por base o discurso de posse à Academia Mineira de Letras, realizado pelo Sr. Olympio Araujo⁵, em 1911, cuja cadeira teve como patrono o Dr. Manoel Basílio Furtado.

Nascido a 2 de novembro de 1826, na freguesia de Capela Nova das Dores da paróquia da Real Villa de Queluz, província de Minas Gerais, Manoel Basílio Furtado era filho do capitão Manoel Antonio Furtado (conhecido como Capitão Basílio, e posteriormente envolvido com a Revolução Liberal) e D. Maria Luíza de Jesus.

Apesar do interesse em estudar na Faculdade de Direito, seguiu as orientações de seu pai, cursando a Academia de Medicina do Rio de

⁵ ARAUJO, Olympio. *Dr. Basílio Furtado: perfil biographico*. Typ. do Rio Novo, Rio Novo, Estado de Minas, 1911.

Janeiro. Casou-se em 1862 com Felisbina Furtado, passando a residir na fazenda “Santa Eugenia”, em Rio Novo, Minas Gerais, propriedade da família de sua esposa. Teve três filhos: Arthur Eugenio Furtado, Petronilla Furtado Ladeira e D. Eugenia Furtado Murgel. Esta última foi esposa do Capitão Gustavo A. Murgel.

Atuou na política local, tendo sido vereador em Mar de Espanha e posteriormente deputado da Assembleia Provincial nos anos de 1868-69.

Apesar de sempre atuar como médico, seu interesse pela História Natural era uma paixão e um ideal, atuando especialmente nos campos da antropologia e arqueologia indígena, bem como da zoologia (em especial da ictiologia). Também aprendeu a arte fotográfica, e com sua máquina realizou reproduções de acidentes geográficos, regiões e objetos pesquisados.

Segundo Olympio Araujo, a primeira excursão científica de Basilio Furtado ao Vale do Itabapoana ocorreu em 1860, ocasião em que se deu seu encontro com o professor Charles Frederick Hartt⁶, com quem passa a se relacionar. Nessa viagem faz contato com os índios puris, acompanhando suas caçadas e estudando seus costumes e sua língua. Dessa viagem capturou vários espécimes de animais, transportando-os vivos para Minas Gerais no seu regresso.

Em 1873, retorna às Matas do Itabapoana, junto com seu amigo e compadre Dr. Mauricio Gurgel. É desta viagem que resulta, segundo palavras de Olympio Araujo “o importante trabalho, enfeixado em modesto livro”, o qual foi datado de 1875 e publicado em 1884. Esta seria sua segunda publicação, lançada sob o título: «Itinerario da

⁶ Em 1860 o geólogo americano Charles Frederick Hartt encontra-se fazendo parte da denominada Expedição Thayner. Ao passar por São Fidélis, realiza uma excursão a cavalo, em companhia de Copeland, rumando em direção ao norte. Seu trajeto passa por Valão Grande seguindo até Bom Jesus, no rio Itabapoana, que divide as províncias do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Em seu livro “Geologia e Geografia Física do Brasil”, publicado em 1941, no Brasil, pela Companhia Editora Nacional (1ª edição, V. 200), Hartt indica que, da serra denominada Matuca “até Bom Jesus, a região é toda de gnaiss, com morros baixos arredondados, tudo coberto de florestas do máximo vigor de vegetação. O rio Itabapoana é um pequeno curso d’água comparado ao rio Pirai junto da Estrada de Ferro D. Pedro II. Entre Bom Jesus e Ribeirão do Jardim a terra é quase sempre baixa, entremeada de morros gnáissicos arredondados de pouca elevação. O rio é ladeado por terras planas de aluvião, frequentemente alagadiças, servindo de refúgio a grande número de aves aquáticas, piaçocas (*Parra jacana*), grou, etc.”

Freguesia de Senhor Bom Jesus do Itabapoana à Gruta das Minas do Castello», – na província do Espírito Santo em 1875. – (Rio de Janeiro – Typ. e lith. de Machado e C. – Rua de Gonçalves Dias, n. 28 – 1884).

Em 04 de março de 1879, é nomeado “Coadjuvante do Museu Nacional”, cujo Ofício de nomeação consta nos arquivos do Museu Nacional (RA 7 D7 f. 104). As constantes contribuições de Basílio Furtado ao Museu Nacional podem ser constatadas nos arquivos dessa instituição, no livro de Lançamento de Objetos entrados no Museu Nacional, entre os anos de 1876 e 1892 (RA 303 D303), indicadas nos anos de 1876, 1877, 1878, 1879, 1885 e na correspondência com Ladislau Netto, quando diretor do Museu Nacional, a qual se encontra no Fundo Manoel Basílio Furtado, no Arquivo Público Mineiro.

Na condição de colaborador do Museu Nacional, Basílio também fez parte de uma expedição da qual participou o imperador D. Pedro II, organizada pelo professor Hartt, sob a direção do Dr. Ladislau Netto. A excursão foi à gruta da “Babilônia”, na fazenda de Sant’Anna, município de Juiz de Fora, onde Basílio Furtado havia pesquisado anteriormente esqueletos e vestígios humanos encontrados no local.

Manteve correspondência, entre outros, com os naturalistas Charles Hartt, Louis Agassiz e Dr. Ladislau Netto, e em especial com o professor Emilio Augusto Goeldi. Olimpio Araujo afirma que foi este último quem divulgou o nome de Manoel Basílio Furtado para o mundo científico europeu.

Bom Jesus do Itabapoana, 03 de dezembro de 2014

Paula Aparecida Martins Borges Bastos

NOTA EXPLICATIVA

Tendo em vista a ausência das cinco primeiras páginas do único exemplar do livro encontrado, e que deu origem à presente edição, procurou-se preencher as lacunas que faltavam a partir de outras fontes documentais, de forma a garantir ao leitor uma narrativa completa, o mais próximo possível da íntegra do texto original:

(1) “Itinerário da viagem de estudos as províncias do Rio de Janeiro e Espírito Santo”, texto de Manoel Basilio Furtado, datilografado por Arthur Basilio Furtado, filho do autor, e que se encontra no Fundo Manoel Basílio Furtado (Acervo do Arquivo Público Mineiro em Belo Horizonte, MG). Esse material provavelmente foi a origem primeira do texto elaborado por Basilio Furtado para impressão do livro, o que se deduz a partir da confrontação da integralidade das 36 páginas datilografadas com a obra publicada.

(2) Periódico *Itabapoana*, Ano 2, N. 20, de 19/05/1907 (Acervo do Espaço Cultural Luciano Bastos em Bom Jesus do Itabapoana, RJ). O periódico publicou, divididos em partes, os capítulos I e II do livro, ao longo do ano de 1907. A semelhança do texto publicado com a parte integrante dos dois primeiros capítulos do livro original permite inferir como cópia fiel do original a parte aqui reproduzida.

(3) “Itinerario da Freguezia do Bom Jesus do Itabapoana á Gruta das Minas do Castello” – na província do Espírito Santo em 1875. Primeira edição do livro publicada em 1884 e que, segundo Olympio Araujo, foi impresso no Rio de Janeiro pela “Typ. e lith. de Machado e C. situado à Rua de Gonçalves Dias, n. 28”.

A “página de rosto” e “introdução” que compõem a presente edição possuem por origem a fonte documental (1), enquanto no “Capítulo I”, o subtítulo, citação em latim, primeiro parágrafo e parte do segundo, tem como base de transcrição a fonte documental (2). Todo o restante, a partir do termo “(Para–rio, hyba–das frutas)”, no segundo parágrafo do Capítulo I, é transcrição integral da primeira edição do livro (3).

A presente edição optou por manter a ortografia da época, bem como transcrever *ipsis litteris* o conteúdo do livro original, a fim de garantir ao leitor acesso o mais próximo possível de uma transcrição fiel à edição original. Assim é que, possivelmente, por erro de impressão gráfica, no título do capítulo IV, este consta como VI, provavelmente por erro de inversão tipográfica.

Nas páginas iniciais, que têm como origem o Fundo Manoel Basílio Furtado, a ortografia utilizada permite deduzir que ao realizar a transcrição, Arthur B. Furtado, filho do autor, tenha convertido o texto para as regras ortográficas de sua época. Neste caso optou-se por manter a ortografia do texto de origem do Fundo, de forma a não quebrar a regra utilizada de transcrição dos documentos.

Em relação ao Capítulo I, no trecho que foi retirado do periódico *Itabapoana*, procurou-se manter, também, a ortografia original do texto do jornal.

Os trechos mencionados anteriormente e sua origem documental encontram-se indicados através de nota de rodapé.

Consta na primeira edição, dentre o conteúdo do livro, a apresentação de seis fotografias realizadas durante o itinerário descrito, cujo autor seria o fotógrafo Ernesto Fuchs, segundo indicação do próprio Manoel Basílio Furtado. As legendas das fotos na primeira edição do livro apontam seu conteúdo visual: “Serra da Andorinha” (foto inserida ao final do Capítulo II, página 32); “Gitirana-boya” e “Gitirana-porta cruz” (fotos inseridas ao final do Capítulo V, páginas 55 e 56 respectivamente); “Barca construída sobre canôas” (foto inserida entre as páginas 64 e 65); “Gruta do Castello” (foto inserida ao final do Capítulo VI, página 110); “Borboleta da tarde” (foto inserida entre as páginas 128 e 129), “Fazenda do Capitão J. Carlos de Campos” (foto inserida ao final da Conclusão, página 161). Infelizmente não foi possível ter acesso a essas fotografias, as quais não foram localizadas nos arquivos procurados, o que explica sua ausência na presente edição.

Comissão Organizadora

Fragmentos do “Itinerário da viagem de estudos às Províncias do Rio de Janeiro e Espírito Santo” pelo Naturalista Dr. Manoel Basilio Furtado, auxiliar do Museu Nacional*

“Ses florets du Brésil sont sa plus riches sa plus ravissante parure. La grandeur des proportions, le vert foncé des feuiller qui, sous le plus brillant, communiquent au paysage un aspect grave et austere tout est charme, tout est poesie”.

E. Delessert.

Fazenda S. Eugenia – 1873 –
Provincia de Minas – Gerais – Brasil

* Devido à ausência das primeiras cinco páginas do livro original, apresenta-se aqui o texto inicial da transcrição datilografada realizada por Arthur Eugênio Furtado, filho de Manoel Basilio Furtado, e que se encontra no Fundo Basilio Furtado, no Arquivo Público Mineiro.

INTRODUÇÃO

Empreendendo uma viagem de estudos ás matas banhadas pelo Rio Itabapoana e á região do fim da Provincia do E. Santo, não tivemos outro fim mais do que orientarmo-nos nos estudos da História Natural, examinando os três reinos da natureza, fazendo algumas coleções, principalmente em zoologia, e, enfim, estudarmos a antropologia indigena; porém, o aspeto do país, a uberdade das terras, a benignidade do clima, surpreenderam-nos de tal sorte que tivemos, por um dever, escrever esta pequena memoria que apenas dá uma imperfeitissima ideia do grandioso aspeto que forma seu principal assunto.

Entretanto, proveitosos ensinamentos colhemos nas florestas, onde os vegetais são os agentes medianos entre os minerais e os animais; são êles que elaboram a materia bruta, para que possa depois servir, principalmente de substancia, aos animais; as águas são modificadas, preparadas e talvez mesmo creadas pelos vegetais; por êstes, sobretudo, elas recebem as suas qualidades salutaes; o ar atmosférico purifica-se no ambiente florestal. Da diversidade dos vegetais nascem as inumeraveis substâncias que servem de alimento á diferentes espécies de sêres viventes desde o polypo até ao homem.

Não há um só vegetal que não seja destinado a servir á alguma espécie particular de animais, como também não há um só animal que não sirva á diversas espécies de animais.

Existe uma relação de utilidade tão reciproca e continua entre êstes dois reinos da Natureza, que não haveria hoje sôbre a terra um só animal si não houvesse um só vegetal e vice-versa; e como o homem é o supremo elo da cadeia terrestre e aquele que gosa de relações mais íntimas e multiplicadas com os três reinos, segue-se daqui que não há uma só espécie de vegetal que não concorra imediatamente para a sua utilidade. Para que os vegetais pudessem execer uma função benéfica sôbre as águas e sôbre os ares, e alimentar ou servir á todas as familias dos entes animados, era necessario que recebessem da natureza propriedades estremamente

diversificadas, de onde nasce essa incrível variedade na organização das raízes, dos caules, dos cascos, das folhas e dos frutos, como também a proporção da sua grandeza, duração, sitio, e clima onde vegetam.

Quando mesmo a natureza tivesse esposto ás vistas do homem êsses pomposos quadros decorados de tão magníficos vegetais com o fim único de o recrear, não deveria êle, penetrado de profundo reconhecimento, comprazer-se de estudar as suas formas tão variadas e tão ricas?

Si porém, independentemente dêssas funções de simples recreio para o homem, os vegetais teem de preencher pelas diversidades e harmonia que existem entre êles, uma causa final muito mais útil e mais sublime; si êles não se reproduzem sem quem levem os beneficios da vida a um grande numero de raça e de sêres; si é por êles que começam os primeiros fenomenos da organização que se vai aperfeiçoando gradualmente até ao homem, si tudo que procria, cresce, se conserva e se reproduz é para o homem, êste tem um dever sagrado de fazer dos vegetais o objeto principal de suas investigações, dos seus estudos e das suas meditações.

A vegetação, sendo por onde a materia bruta começa a organizar-se para ostentar as maravilhas dos três reinos, deveria também ser a porta por onde a juventude penetrasse, o santuario das ciencias. Ela guiaria também o jovem botânico com passos mais seguros para escolher e trilhar com dignidade a carreira que quizesse adotar, como dirige a materia virgem nas suas diferentes transformações.

O estudo botânico, diz o sábio naturalista F. Avellar Brotero, "reune á sua utilidade, um superior gráu de agradável á imensidade dos entes vegetativos, que de contínuo renovam a face da terra, sendo um dos mais belos e amenos espetáculos que nos apresenta a natureza; um vastissimo campo em que os olhos de um atento observador encontram a cada passo, maravilhas sem número e variados objetos de profundas meditações, que engrandecem o espirito e o elevam até á firme persuasão de um Deus-Criador do Universo".

Na república das plantas encontram-se os tipos de todas as artes e ciencias.

O físico, o químico, o geômetra, o moralista e o legislador aí achariam matéria vasta para os seus estudos. Onde o homem poderia colher ideias mais seguras, mais elevadas e mais fecundas de sociabilidade do que nessas plantas, que se modificam, se dilatam ou se contraem, se elevam ou emfim rojam pelo chão por comodidade e utilidade geral? Onde o religioso poderia colher ideias mais edificantes da Inteligência Suprema do que na perfeição e organização íntima desses seres? Onde o pobre poderia achar ideias mais consoladoras de uma providência universal, do que nessa imensidade de folhas destinadas a servir de alimento a cada uma das espécies particulares de animais?

Sim, quer na sombria espessura dos bosques, quer no cimo das montanhas, que dominam os vales e planices, á vista de imensa riqueza vegetal, o coração sensível se comoverá, a alma se eleva Àquele que preside o Universo e o homem entôa um cântico digno do Eterno.

BOM JESUS DO ITABAPOANA ***Provincia do Rio de Janeiro***

Capitulo -1-

A nossa excursão de estudos iniciou-se no mês de julho de 1873. Preparada a comitiva e os animais de séla e de carga, partimos da Fazenda de Santa Eugenia, nossa residencia, no municipio de Rio-Novo, Provincia de Minas-Gerais, e nos dirigimos para São João Nepomuceno, onde deviam reunir-se à nossa comitiva o distinto clinico Dr. Mauricio Murgel e meu irmão Silvestre Basilio Furtado.

Dali seguimos para a Fazenda da Intendencia, de propriedade de meu pai, Capitão Manoel Basilio Furtado, no distrito de Descoberto.

Continuando dali o nosso itinerario, passamos pelos arraiais do Descoberto e Porto de Santo Antonio e fomos pernoitar na Fazenda do Funil, de propriedade do Snr. Manoel Rodrigues Afonso, na Serra da Onça.

Na manhã seguinte prosseguimos a nossa jornada; passando pela Serra da Neblina, fizemos pernoite na Fazenda da Gloria, de propriedade do Snr. Major Joaquim Vieira da Silva Pinto, na freguezia da Meia-Pataca.

Em continuação da nossa jornada passamos sucessivamente pelas localidades de Stº Antonio de Bréjo, S. Paulo do Muriaé, na Provincia de Minas-Gerais, Lage e Varre-Sae, na Provincia do Rio, atingindo, finalmente, a Freguezia do Senhor Bom Jesus do Itabapoana, na Provincia do Rio, nosso primeiro ponto inicial de estudos, a que nos haviamos proposto sobre o norte da Provincia de Rio de Janeiro e sul da do Espirito-Santo.

Em Bom Jesus fomos recebidos e hospedados na magnifica fazenda do Coronel José Carlos de Campos, parente afim do Dr. Mauricio Murgel.

Néssa propriedade agricola permanecemos por alguns dias afim de descansar-mos e de caçar macucos nas belas matas virgens da fazenda. Nêsses exercícos venatorios muito se divertiu o nosso comancheiro e amigo Dr. Murgel, que era exímio atirador.

CAPITULO I

Da freguezia do Senhor Bom Jesus. Sua topographia. Suas riquezas naturaes. Falta absoluta de socorros espirituaes.

Fruitur Brazilia vere optime propter ventos suavissimos, prope semper ibbispirant; abundat fontibus fluviis, silvisque; distinguiturque in plana, et le viter edita collibus; semper ameno virore speetando, e varietate plantarum, et animalium Gotofredo – Arcantologia cosmica. Pag. 244.

As nossas repetidas viagens a estas mattas banhadas pelo Itabapoana, e sobretudo a permanencia e trato com os seus hospitaleiros incolas, quasi todos emigrados da provincia de Minas Geraes, forneceram-nos sufficientes dados para poder escrever em succintas palavras, algumas noticias sobre o Itabapoana, sobre a natureza e a uberdade do solo por elle banhada, da creação da freguezia do Senhor Bom Jesus, dos hábitos, recursos e costumes dos seus parochianos, etc., que poderão ser de utilidade e servir de guia aos que quizerem vir estabelecer-se com fazendas antes de emprehender a viagem à gruta das minas do Castello.

O Itabapoana (I – rio, taba – aldeia, apoon – redonda) tem sua nascente nas altas serranias em cujas cumiadas estão assentes os montes de Caparaó (Caa – mattas, para – casas, eu – movediças) tão celebrisadas pelas lendas populares, que lhe attribuem fabulosas riquezas auríferas, corre, ou antes, precipita as suas aguas de salto em salto, de noroeste a sueste ora apertado por montanhas ora por estreitas planicies até no porto da Limeira: d'ahi para baixo dirige-se completamente tranquilo a lançar-se no mar 60 ks. abaixo da Limeira, 54 ao sul de Itapemirim e 70 ao norte do Parahyba*

* NE – Devido à ausência das primeiras cinco páginas do livro original, o trecho inicial do Capítulo I até a palavra Parahyba (segundo parágrafo) tem como origem o periódico Itabapoana, Ano 2, N. 20, publicado em Bom Jesus do Itabapoana, em 19/05/1907.

(Para—rio, hyba—das frutas): já tem sido navegado por um pequeno vapor até ao porto da Limeira. Os seus principaes tributarios são: o Rio Preto, o Rio de S. João, o Ribeirão do Veado, o Ribeirão do Varre Saia, o Pirapetinga, o Barra Alegre, o Ribeirão de S. Pedro, o Muquy do Sul, e o Muribeca. As suas principaes cachoeiras são: a do Balsamo, a da Fumaça, a do Inferno, a de S. Pedro e a do Queimado pouco acima da Limeira.

As suas margens e leito são cobertas de pedras roladas e de areia quartzosa em abundancia.

Os peixes que povôam as suas aguas são: a piabanha, de especial sabor, as piabas vermelhas e brancas, o timboré, a pirapetinga, a tainha, a curvina, a curimatá, o sairú, o acará, o camarão, a lagosta, o roballo, o mucú, o cosmopolita alambari, a trahira sua figadal inimiga, que habita de preferencia as aguas paradas, o morobá, a espada, a viola, o cachimbau, o camboatá ou tamoatá, o jundiá de differentes especies, o cascudo camarão (loricaria), o mandi, o bocarra e o manjuba. Da Cachoeira do Inferno para cima só se encontram o alambari, a trahira, o acará, o bocarra, a pirapetinga, e algumas especies de jundias e de cascudos.

Informaram-nos que nas primeiras enchentes de Outubro ou Novembro, quando os peixes sobem procurando as pequenas aguas para desovarem, apparece na cachoeira do Queimado tão grande cardume de peixinhos manjuba (maan—peixe-juba—louro) que chegam a apanhar d'elles muitas cestas por dia, que são aproveitados para estrumarem as hortas; porém não sabemos se servem tambem para usos culinarios.

Os indios em geral dão a estas arribações de peixes o nome de sema, que quer dizer desova.

O Itabapoana banha as povoações de Santo Antonio, Bom Jesus, Limeira e Barra; e serve de limite provisório entre as provincias do Rio de Janeiro, e a do Espirito Santo. A navegação tem sido explorada até a Limeira com vantagem para a lavoura por uma companhia de fazendeiros incorporada pelo bemfeitor d'estas mattas, o Commendador C. Pinto de Figueiredo.

Alguns autores são de opinião de que o nome Itabapoana quer dizer Rio da Aldea Redonda por banhar a Aldeia da Muribeca que tinha

esta fórma. Muribeca, ou antes, Murobeca (Moro-peco – logar farto) era uma poderosa e rica aldeia que existia antigamente ao lado esquerdo do Itabapoana e nas margens do rio do mesmo nome, onde até hoje conservam-se em pé as ruínas de um espaçoso templo, obra dos padres jesuitas. Este nome, pois, é moderno e data da fundação da Aldeia; o seu antigo e verdadeiro nome, porem, é – Icamapoana (I-cama, opoan–Rio do peito redondo) ou simplesmente Tamapoan, reportando-se a um pico redondo coberto de matta virgem, menos na parte superior, que termina por uma especie de bico que fica a cavalleiro do Porto de Limeira, chamado garrafão pelas habitantes do logar e camapoan (com ou sem I) pelos indigenas por ser semelhante a um mammelão ou seio feminino. A substituição de camapoan por garrafão, além de ser uma ideia infeliz, veio adicionar mais uma difficuldade á traducção e á interpretação dos nossos poeticos nomes guaranys.

Uma tribu de Coroados que habita o – Aldeamento – entre o alto Itabapoana e Itapemirim usa do nome abreviado Camapoan para designar o rio Itabapoana. Em 1860 conversando com o Capitão Tanguá, chefe de uma tribu de Coroados, aldeados na fazenda do Sr. Alferes João Pereira da Silva, que suppomos serem destroços desertados da Aldeia da Pedra, ouvimos d'elle muitas vezes o nome de Camapoana dado a este rio. Esta etymologia nos pareceu mais razoavel por se nos figurar mais conforme com a historia e com os factos.

As fazendas da Cachoeira do Inferno para baixo até o mar estão situadas sobre massapé roxo (drift), em alguns logares alternados, e em outros misturados com um conglomerado areno-argilloso incompletamente estratificado. Este terreno pelo seu aspecto e pelos elementos de que se compõe torna-se muito semelhante aos depositos das geleiras, chamadas morenas pelos geotchnistas, transportados, talvez, das altas serranias das provincias de Minas e do Espirito Santo pelos valles de Itabapoana e dos seus confluentes. Ao sedimento triplice, animal, vegetal e mineral, d'esta terra erratica devem as fazendas a sua grande fertilidade. As suas mattas são magnificas e contem ricas madeiras de construcção e de marceneria, sobresahindo

de entre ellas o ipé-peroba, o pau-ferro, o jacarandá de diferentes côres, a violeta, o vinhatico, o cedro, etc., etc. A espessura e proceridade de alguns d'esses gigantes dos bosques chegam a ser tão portentosas que vimos nas mattas banhadas pelo Rio Calçado uma arvore de sapucaia (1), hoje queimada pela mão da ignorancia ou do vandalismo, que media 72 palmos e 2 ½ pollegadas de circumferencia. A sua fauna não é menos variada em especies: a onça pintada, a puma ou onça vermelha, a jaguatirica, o gato do matto, o gato mourisco, a lontra de duas especies (a lontra pequena e ariranha), as differentes especies de gambá, a irara, o coati, o cachorro do matto, a mão pellada, o macaco da noite ou de cheiro, a capivara, a paca, a cutia, o ouriço cacheiro, o caxinguelê, a anta, o veado, o queixada, o caetetú, o monstruoso tatú canastra, o tatú peba, o tatú de rabo duro, o tatú mirim ou gallinha, o tatú bola, o tamanduá bandeira ou etê, o tamanduá mirim, a preguiça, o mono, o barbado, o mico, o sauá, o macaco estrello, o mutum, o jacutinga, o jacú assu, o jacú peba, o jacú caca, o macuco, o jaó, o inhanbú, a capoeira, as variadas especies de araras, maracanans, papagaios e periquitos são os principaes habitantes das florestas. Na classe dos reptis só podemos ver alguns jabotis, jacarés e duas pelles de surucucú (*Lachesis rhombeata*). É crença geral em Minas que ha uma outra especie de surucucú de corpo mais esguio, de côres mais vivas, de cauda longa, e muito mais feroz e audaz do que o surucucú de que tratamos, chegando muitas vezes a accommetter os cavalleiros nas estradas; porém esta segunda pretendida especie, a que os mineiros dão o nome de surucutinga (cont. de surucucú-tinga), não é mais do que o macho do surucucú, assim chamado impropriamente.

Ha grande confusão na nomenclatura dos ophidios muito principalmente nos venenosos. Toda a cobra grande com manchas amarellas vivas e pardas é surucutinha, e se o amarello é mais pallido, é surucucú, reservando o nome de jararacussú (cont. de jararaca-ussú, jararaca grande) para designar uma cobra grossa, muito curta e escura.

(1) Sapucaia quer dizer gallinha na lingua guarany, isto é, arvore que dá fructas da mesma sorte que as gallinhas põem ovos.

Por muito tempo estivemos indecisos sobre a existencia d'essas 3 especies de cobras: hoje, porém depois de muitas pesquisas, estamos convencidos de que a jararacussú é um ente mythologico: o individuo conhecido com este nome é o verdadeiro surucucú e o pretendido surucucú não é mais do que a femea do surucutinga, como já tivemos occasião de dizer.

Temos em abono d'esta opinião, além das nossas observações pessoaes, as razões seguintes: 1^a os caracteres especificos são identicos no surucucú e no surucutinga; 2^a os chamados surucutingas são todos machos e os surucucús todos femeas; 3^a os indios coroados, aos quaes temos mostrado as pelles das duas cobras, são unanimes em dizerem que são macho e femea da mesma especie; 4^a o predicado distinctivo tinga (branco) quer dizer que ha uma outra cobra grande semelhante á surucutinga, de um colorido contrario ao tinga, que neste caso seria o preto ou pardo, attributos que assentam perfeitamente no pretendido jararacussú e não no surucucú, que não distingue-se do surucucútinga senão na intensidade das côres e na espessura dos corpos.

A differença na intensidade da côr da surucutinga, a modificação no feitio do corpo e da cauda e a sua ferocidade maior explicam-se pela selecção sexual; os animaes do sexo forte são sempre de côres mais vivas, e tornam-se muito mais ferozes na epocha da fecundação. Todas as femeas em geral têm os ventres mais volumosos do que os dos machos por lhes ser necessaria maior capacidade para conter os orgãos da gestação e o seu comteúdo.

O mutum deve ser raro n'estas mattas, pois só vimos um morto na fazenda do Sr. Capitão José Carlos de Campos, e um casal domesticado que vivia em plena liberdade; mas ainda deve ser o jacú, cujo grito rouco e desagradavel só ouvimos uma unica vez. De Junho a Outubro apparece grande quantidade de jacutingas que fornecem abundante caça aos seus amadores. D'onde emigram estas aves que nos mezes supra povôam todos os montes, valles e planicies? É um problema que ainda não podemos resolver. A sua arribação coincide com o sazramento das bagas do palmito (*Euterpe oleracea*, Mart.), de que são muito

gulosos. O pato, o marreco, o socó, a garça, são espécies muito pobres em indivíduos. O macuco, o jaó, a capoeira e as diferentes espécies de inhanbus são muito comuns e abundantes.

A povoação do Sr. Bom Jesus foi começada nos annos de 1847 a 1850 e deve a sua fundação e o melhoramento de que hoje goza á generosidade do Sr. Alferes Francisco da Silva Pinto, pai do Commendador Carlos Pinto de Figueiredo, que com alguns parentes e amigos, comprou o territorio necessario para a sua situação e logradouro e o cedeu gratis ao publico. Faz parte do municipio de Campos, e foi creada freguesia por lei provincial de 1862 com um territorio de mais de 38 k. de extensão.

A séde da parochia, posto que ainda cinja a faixa de recém-nascida, comtudo já apresenta seus ares de matrona em decrepitude avançada. O local é baixo, arenoso, quente, pouco salubre e contorneado por montanhas onde encontram-se abundantes rochas calcareas. Dista 39 k. do Porto da Limeira e 118 da cidade de Campos.

Existe na planicie visinha uma rica mina de kaolin de que os habitantes se servem para branquear as casas, e uma pedreira de silex da qual os fumistas extrahem as suas pederneiras. A agua potavel é de um gosto calcareo detestavel. A terra vegetal contem excesso de areia, circumstancia esta que a torna menos propria para o cultivo do café, do que para o da canna de assucar, do fumo e da mandioca. O subsolo ou é formado de areia pura, ou de um amalgama composto de argila e areia. Em alguns logares a areia repousa sobre a argila, e esta sobre um cascalho miudo semelhante ao cascalho aurifero das minas, e em outros a areia alterna-se com a argila branca, amarella, vermelha, roxa, ou azul. Nos logares altos o amalgama argilo-arenoso, denominado terra – sangue de boi – pelos fazendeiros, apresenta-se a descoberto, de um vermelho sanguineo, friavel, esteril, e muito desmoronadiço. Submettido á acção dos reactivos de tannino e acido pyrogallico, deu um precipitado negro de tannato e pyrogallato de ferro.

Possue boas fazendas de criar, e exporta café, assucar, aguardente, gado vaccum, queijo e madeira; e é dotada com duas escolas publicas de

instrucção primaria para ambos os sexos, e com um collegio particular para meninos. Os edificios onde funcionam as aulas publicas são de apparencia acanhada – e não pódem preencher convenientemente os fins a que são destinados; comtudo estamos bem informados de que são frequentadas por grande numero de alumnos, e que as respectivas cadeiras são bem regidas. Infelizmente não podemos assistir a nenhuma d’ellas e nem visitar o interior dos edificios, por estar constantemente ausente para a cidade de Campos o seu inspector parochial, de quem desejavamos obter a competente venia; como tambem algumas informações attinentes ás escolas publicas sujeitas á sua jurisdicção.

O destacamento policial que aqui existe, posto que nos parecesse de uma disciplina um pouco ambigua, todavia presta serviços reaes á ordem publica na perseguição dos vadios e criminosos que para aqui refugiam-se na esperança de acharem guarida segura nas brenhas, e protecção valiosa na relaxação das autoridades.

POPULAÇÃO

LIVRES		ESCRAVOS	
Homens	1366	Homens	819
Mulheres	1010	Mulheres	479
Total	2376	Total	1298

A população é bastante escassa, como fica demonstrado no quadro supra; porém tende a augmentar-se: é muito laboriosa e morigerada.

A igreja está em completo abandono e desabamento. Não sabemos mesmo se será licito dar este nome a uma mesquinha e immunda casinhola com o telhado em ruinas, cujas paredes servem de mictorio publico, e de poste para amarrarem animaes dos que vêm á povoação.

Foi para nós um quadro verdadeiramente afflictivo e contristador o ouvir o geral clamor dos povos contra a falta absoluta de socorros espirituaes, e contra a incontinencia e falta de caridade dos proprios ministros do Senhor, que, perante o altar e á face de Deus, juraram castidade e caridade!! As esportulas de baptisados e casamentos são de cotação tão elevada que não estão ao alcance de todas as bolsas.

A celebração do Santo Sacrificio da Missa é tão rara n'esta terra que estando nós aqui para mais de dois mezes ainda não podemos satisfazer os preceitos da igreja uma só vez por falta de celebrante. A indole irrequieta e a vida completamente profana de alguns parochos tem contribuido, não pouco, para a indifferença religiosa e atrazo moral d'estes logarejos centraes, onde o bafejo da civilisação tem apenas tocado levemente. Como christão, não comprehendemos a existencia de uma sociedade civilisada e de união e paz entre as famílias sem o laço sagrado da religião; mas poderá ensinal-a quem não conhece e nem pratica os seus dogmas e preceitos? Poderá prégar moral o sacerdote que é chefe de familia, e que abandona a sua parochia para ir presidir lojas maçonicas e outros affazeres puramente mundanos e contrarios á religião que professa?

São os fructos perniciosos e a consequencia necessaria da ordenação de individuos sem vocação e sem a precisa instrucção : – «Nihil decet invita Minerva.» – Este esboço é incompleto e por elle não se póde fazer uma ideia justa da profundeza do golfão onde os falsos levitas deixam-se voluntariamente empregar, e por isso fazemos sinceros votos para que o Exm. Sr. Bispo D. Pedro de Lacerda, cujas virtudes, intelligencia e rectidão conhecemos e veneramos desde os bancos do seminario de Marianna, faça quanto antes uma peregrinação pela sua diocese para ver com os seus proprios olhos o que vai por estes logares longinquos semibarbarisados pelos desertores do altar e da religião catholica. Declaramos, uma vez por todas, que não nos referimos a pessoa alguma individualmente, collocamos a verdade em primeiro lugar e acima de toda e qualquer consideração: – «Amicus Plato, sed magis amica veritas.»

CAPÍTULO II

A partida. – A estrada nova do Calçado. – O Arraial do S. José do Calçado. – O Ribeirão do Café. – A Freguezia do Alegre. – Um professor de francez e as gallinhas suras.

Dia 5 de Agosto. – Atravessamos o rio Itabapoana na povoação do Senhor Bom Jesus em uma especie de barca construida sobre duas canôas, e seguimos pela estrada nova do Calçado em direcção ás minas do Castello, tendo por companheiros de viagem o distincto medico Dr. Mauricio Murgel, e o meu amigo o Sr. Ernesto Fuchs, habil photographo, que teve a bondade de aggregar-se á pequena caravana para compartilhar connosco os enfados de um passeio rude atravez de mattas invias e baldas de todo o recurso.

Esta estrada nova do Calçado não é mais do que uma vereda escabrosa, caprichosamente sinuosa, semeada de pedras soltas, com enormes caldeirões e atoleiros, precipicios medonhos, não levando-se em linha de conta as madeiras cahidas, as taquaras atravessadas, os espinhos, as pontes furadas, os buracos e as raizes. Os habitantes da matta descem em seus cavallos magros e desferrados esses desfiladeiros apiques com a mais estoica indifferença e sangue frio: soltam as redeas aos animaes, e estes, curvando-se um pouco approximam as patas posteriores das anteriores e deixam-se deslizar a esmo pela ladeira escorregadiça abaixo, á maneira dos patinadores sobre o gelo, e os animaes são tão adestrados que passam com summa agilidade por cima de tocos, raizes, pedras e buracos sem os tocarem.

Depois de atravessarmos um paiz todo montanhosos e coberto de mattas virgens, chegamos ao Arraial de S. José do Calçado, situado entre morros, porém com sufficiente largueza para uma grande povoação. Todo o territorio e logradouro publico foi cedido gratis pelo distincto mineiro Coronel José Dutra Nicacio para a sua fundação. É farto d'agua potavel e muito sadio. As mattas virges que ornam este

florescente districto são magnificas para o cultivo do café, e rivalisam com as melhores que conhecemos nas provincias de Minas e S. Paulo.

«Les forêts du Brésil sont sa plus riche, sa plus ravissante parure».

Assim se exprimia M. Eugenio Delessert, extatico diante do novo e deslumbrante quadro que lhe offerciam, pela primeira vez, as nossas florestas virgens.

Lastimamos que a maior parte dos fazendeiros não esteja de accordo com esta grande verdade, o que será de muito funesta consequencia para os seus vindouros.

Por toda a parte o homem fica abysmado na contemplação da vandalica degradação das nossas mattas primitivas pelo fogo e pelo machado da civilisação!

O cemiterio publico, segundo o tradicional uso, é no interior da povoação e no centro da sua melhor praça; as casas são quasi todas terreas, a igreja é pequena, sem architectura e não está ainda concluida; é filial da freguezia de S. Pedro do Cachoeiro do Itabapoana, e foi ha tempos elevada á categoria de parochia; infelizmente porém até hoje ainda não foi provida canonicamente, dizem pessoas de todo o criterio, por não ter a assembléa legislativa provincial impetrado do Exm. Sr. Bispo o seu placet para a sua criação. Muito longe estamos de pretender censurar este acto; se S. Ex. Rvma. assim procedeu foi porque actuou no seu espirito alguma razão ponderosa, cujo alcance n'este momento não podemos attingir.

É praxe as assembléas provinciaes consultarem os seus respectivos diocesanos sobre a utilidade e conveniencia publica da criação de freguezias, o que é muito justo e necessario, a pratica contraria só poderá trazer abusos e onus aos cofres do Estado; mas não podemos deixar de observar que o Bispo de Mariana, Conde da Conceição, de saudosa e santa memoria, nunca deixou de dar provimento ás freguezias creadas mesmo contra o seu placet, ou sem ser consultado, apesar de residir 12 kilometros apenas da séde da assembléa.

O Piáu, Descoberto, Taboleiro e Porto de Santo Antonio foram creadas freguezias, não obstante o seu veto; e nem por isso as suas provisões fizeram-se esperar. Podiamos citar dezenas de factos d'esta ordem, porém

restringimo-nos a estes. porque alguns d'elles tiveram logar no tempo em que servimos na assembléa provincial e por isso damos d'elles testemunho.

S. José do Calçado dista 81 k. da freguezia de S. Pedro e 16 k. da do Bom Jesus. As mesmas queixas contra os abusos e faltas dos soccorros espirituaes! Referiu-nos um fazendeiro importante do logar e pessoa de muito criterio, que os capellães contractados pelo povo para celebrarem e administrarem os Sacramentos não demoram aqui, porque nunca pódem obter licenças para casamentos ou baptisados, e nem querem submeter-se ás imposições e exigencias vexatorias do vigario, e que o resultado é os doentes morrerem sem a consolação espiritual, os innocentes sem o baptismo, e que, para maior cumulo de escandalo, o pai que não tiver os meios de emprehender uma longa viagem de 81 k. até a casa do vigario, ou que não tiver a bolsa bem recheada para comprar a licença, está impossibilitado de casar a sua filha! O ridiculo prurido que hoje se desenvolve e contagia todas as classes, e que chega mesmo a invadir até os caracteres os mais sérios, de accusarem e tornarem odiosos os padres ainda mesmo aquelles que por suas virtudes e saber estão fora do alcance d'essas peçonhentas babas unicamente por moda, ou para se mostrarem *homens de idéas adiantadas* nos faz suspeitar que em tudo isto ha alguma cousa de exagerado e de colorido carregado da epocha, posto que o factio no essencial seja verdadeiro.

Ás duas horas da tarde continuamos a viagem por melhores caminhos e fomos pernoitar a 13 k além de S. José, na fazenda do capitão José Francisco Furtado, situada em uma das collinas que servem de contraforte á Serra dos Pontões, que corre do norte a sul.

Do dorso e vertentes da Serra dos Pontões erguem-se as rochas de gneiss de fórmias pyramidaes e pontudas, umas verticaes, outras fortemente inclinadas, conhecidas geralmente com o nome de Pontões do Calçado. Essas massas graníticas foram provavelmente injectadas no estado fluido atravez de uma rocha de menor adhesão, que, desaggregada e deslocada pelas aguas, e outros agentes, as poz a descoberto; a figura e direcção d'estes Pontões, indicam que foram impellidas com força do interior para o exterior: e esta mesmo provavel origem tiveram as Torres do Mugay e o Garrafão da Limeira.

Do caminho avistamos a Serra do Jaspe que corre de N. a O. A estrada nova e a que segue de S. José a esta fazenda cortam em diferentes pontos uma rocha massiça de côr avermelhada e roxa, ligando fragmentos de pedras de tamanhos variaveis, e de naturezas diversas, ricas em materias organicas e repousando em alguns logares sobre um terreno irregularmente estratificado, como é facil de reconhecer-se pela simples inspecção dos cortes da estrada. Esta rocha, conhecida com o nome de massapé, pelos lavradores e com o de drifft pelos geologos, é tão possante n'estas regiões que todas as collinas e terrenos não estratificados, ou crystalinos são por ella formadas. O massapé vermelho é muito mais commum e fórma rochas muito mais possantes do que o roxo, e por isso conserva a sua força vegetativa por mais tempo.

O districto de S. José é muito montanhoso e retalhado em estreitos valles por onde correm crystallinas e frescas aguas. O seu solo, como já tivemos occasião de dizer, é o melhor que se póde desejar para cultura do café, cuja plantação acha-se bem adiantada e melhor explorada do que no Bom Jesus. Foi n'este districto que existiu outr'ora a procere arvore de Sapucaia, de que acima fallamos.

Os seus bosques apresentam as mesmas especies de madeiras já conhecidas, menos a violeta; abundam em antas, queixadas, jacotingas e jaos, mais do que o baixo Itabapoana; as cobras venenosas são raras e só vimos uma pelle de surucucutinga, que media mais de onze palmos.

Exporta café, gado vaccum e cultiva com vantagem todos os generos alimenticios necessarios ao consumo local.

Em vista de tanta magnitude e de tão assombrosa fertilidade em um clima ameno e saudavel, a 81 k. do Porto da Limeira, faziamos a nós mesmos estas perguntas: – Não será este o Paraiso perdido, occultado debaixo d'estes frondosos e sombrios bosques?

Não será esta a terra da promessa toda inteira? A cada passo se nos figurava encontrar os exploradores de Moysés á terra de Canaan, curvados sob o peso das messes promettidas.

O que sahiu das mãos do Creador é esplendido, maravilhoso; o que é obra do homem é mesquinho, rachitico.

A culpa d'este atrazo não é dos homens, é tambem o apanagio dos tempos; as mattas foram sempre consideradas como antro de assassinos e criminosos, a sua decente e laboriosa população é de recente data.

Dia 6. – Dobramos a Serra dos Pontões que divide as aguas vertentes do Calçado das do Ribeirão do Café confluyente do Rio-Alegre. Esta mudança de vertente foi feita quasi despercebidamente por ser a serra muito baixa, formando uma garganta, no logar da passagem. O caminho segue pela margem esquerda do Ribeirão do Café sobre um terreno pedregoso, aspero e baldio. O leito do ribeirão é todo calçado de seixos arredondados de todos os tamanhos e de composições variadissimas; o cascalho e a areia nos pareceram auríferas, o que não podemos verificar por nos faltarem instrumentos apropriados a esse genero de exploração. O gneiss, quartzo, feldspato, mica e ferro magnetico em pó são communs. Depois de algumas horas de viagem por caminhos pessimos e solitarios alcançamos a margem esquerda do Rio-Alegre. O terreno até aqui, posto que não seja todo igualmente bom, é soffrivel para a cultura do café, milho e arroz.

O Ribeirão do Café nos pareceu ser uma antithesis do seu nome, pois não descobrimos no seu valle uma só plantaçãõ d'este precioso arbusto, que merecesse a pena de ser mencionado.

O Alegre corre por uma região menos montanhosa, mais fertil, amena e com boas plantações de café. A areia que cobre o fundo do rio serve de leito á grande quantidade de seixos e cascalhos da mesma procedencia e natureza dos que examinamos no café.

Ás 5 horas da tarde chegamos na séde da freguezia do Alegre, situada na margem esquerda do rio, em um logar ventilado e salubre. A sua matriz, erecta sobre uma pittoresca collina, domina toda a povoaçãõ, o que produz muito agradavel effeito.

Á noute fomos assitir a umas novenas que então se faziam, e tivemos occasiãõ de observar de perto o seu asseio, bom gosto e a devoçãõ dos assistentes. Esta começante e florescente freguezia já exporta bastante café, e produz abundantemente a canna de assucar, o algodãõ, o fumo, o milho, o feijãõ, o arroz e a mandioca.

A sua população é morigerada e possui um collegio particular que é bem frequentado. Varias pessoas distinctas do logar informam-nos que estes melhoramentos são devidos aos esforços incessantes do seu intelligente e virtuoso vigario, que se mostra incansavel em promover o adiantamento intellectual e moral dos seus comparochianos. Esta noticia, posto que verdadeira, nos pareceu um sonho; os nossos ouvidos já tinham desaprendido a escutar elogios d'esta ordem.

Felizmente o sentimento de honra e de honestidade ainda não se extinguiu completamente da consciencia de todo o clero: da conflagração geral ainda poderão salvar-se mais de uma alma incolume, mais de um genio creador dignos da missão sublime e piedosa de que se acham revestidos, que comprehenderam cedo quaes os deveres de um verdadeiro sacerdote, que a ociosidade é incompativel com a vida sacerdotal, e que, emfim, é impossivel uma religião sem moral. Foi, crente n'estes principios, que o digno vigario fundou o seu collegio, onde se ensinam as primeiras lettras e alguns preparatorios.

Apezar da sua grande, fertilidade reina por estas paragens uma escassez quasi absoluta de todos os generos de primeira necessidade: a todas as nossas requisições respondem invariavelmente: «já não ha mais».

Disse-nos um negociante do logar que o ultimo alqueire de arroz com casca que appareceu no mercado fôra vendido por 6\$000, emquanto ao milho já niguem fallava n'isso ha muito tempo. A criação de aves domesticas, que produz um provento de mais de cento por cento e que offerece tantos recursos como alimento aos doentes e convalescentes, é completamente despresada; os poucos casaes de gallinhas que vimos são da peor especie: as suras, que são um pouco melhores por não terem a carne preta e desagradavel, são pequenas e magras. Estas humildes e pobres gallinhas suras foram em Minas a causa innocente de uma pecha fortemente injuriosa arremessada aos meus patricios por um illustre professor de francez.

Pedimos ao leitor permissão para intercalar aqui os apontamentos que então tomamos sobre este facto, conjunctamente com o excerpto do que lemos; na qualidade de mineiro, não podemos deixar passar sem um protesto tão revoltante injustiça.

Em um relatório sobre uma viagem á provincia de Minas-Geraes, com o fim de estudar a lavoura e o terreno cortado pela estrada de ferro de Pedro II, dirigido ao Exm. Ministro da Agricultura por um professor da Escola Polytechnica, publicado no paiz e no estrangeiro, lemos as seguintes palavras: «As gallinhas são de todo degeneradas e ninguem se occupa com isso, senão cortando-lhes as caudas, em virtude de um velho prejuizo que me parece inexplicavel. O queijo de Minas é, em geral, soffrivel, e algumas vezes, até bom... O toucinho de Minas é inferior a todos os generos semelhantes, porque os processos empregados são máus. Em toda a Europa a preparação do toucinho de boa qualidade se faz com uma mistura de sal, salitre, assucar, etc.» O illustre professor tomou um simples e puro effeito da natureza por uma pratica supersticiosa fundada em um velho prejuizo!!

As gallinhas sem cauda já nascem assim e são conhecidas no paiz com o nome de suras. O nitro e o assucar, como é sabido, são corpos muito hygrometricos, e, em um paiz quente e humido como o nosso, estas substancias não tardariam em deliquescerem-se pela absorpção da muita humidade, e os toucinhos que com ellas fossem salgados nos sertões de Minas chegariam necessariamente podres ao mercado do Rio de Janeiro. Sobretudo o emprego do assucar não tem a mais ligeira applicação aqui; a sua acção é unicamente para impedir o enregelamento ou endurecimento do toucinho pelo frio, o que nunca tem logar em um paiz tropical, e, se na Europa elle é applicado, é unicamente para esse fim. O uso diario do nitro não póde deixar de ter uma consequencia funesta sobre a economia animal em geral; como agente therapeutico a sua acção é energica e hypostenisante, dirigindo-a principalmente sobre os orgãos genito-urinarios, provocando excessiva secreção das urinas, que, unidas ao copioso suor que o homem tropical perde diariamente, devem produzir geral prostração das forças e graves perturbações nas funcções do apparelho genito-urinario.

A maneira exagerada e injusta com que a maior parte dos escriptores francezes empenham-se em desacreditar-nos, inventando historias ridiculas da nossa patria, dos nossos costumes, do atrazo das nossas industrias,

fantasiando tudo sem a mais ligeira sombra de criterio, compondo fabulas absurdas e interpretando mal e erradamente os factos por malicia ou por falta de conhecimento dos costumes e da lingua do paiz, muito tem concorrido para que o nosso estado de civilisação, os nossos productos naturaes e manufactureiros não sejam bem conhecidos e apreciados no estrangeiro. Estes contos ridiculos devem ter o mesmo valor que outros muitos que por ahi correm impressos. Podemos affiançar, sem medo de errar, que nunca existiu nem existe em Minas um logar onde se corte a cauda das gallinhas em virtude de um velho prejuizo.

O anathema fulminado – ex-cathedra – pelo illustre professor da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro contra o toucinho de Minas e as pilherias das gallinhas não passam de contos forçados de maiores francezes quando *improvisam* aleives contra o Brazil; é balela já muito sediça: nunca tiveram outra especie de moeda para pagarem a nossa hospitalidade!

S.S. não é o único que tem escripto parvoices e fabulas absurdas contra os costumes brazileiros e contra o Brazil.

Lemos algures, quando ainda frequentavamos os bancos academicos, que tres padres enviados ao Brazil por uma associação philanthropica para estudarem os costumes brazileiros na parte relativa á escravatura, escreveram em um extenso e *bem elaborado* relatorio que no Brazil só tinham visto duas cousas dignas de attenção e admiração, que eram: a estrada de rodagem que vai da raiz da Serra da Estrella a Petropolis, e na Bahia, as nadegas das pretas bahianas!

Como é edificante a moral dos nossos detractores! Estes mesmos Srs. Reverendos tiveram nôjo do café com leite no Rio de Janeiro, porque era confeccionado com leite de pretas minas! São os proprios autores d'estas immoralidades, que tendo tocado de passagem na Bahia e demorado apenas tres mezes em Petropolis, compozeram uma volumosa obra (talvez que já viessem escriptas da Europa) sobre os costumes brazileiros, onde affirmam sem reserva que o clero brazileiro é de uma ignorancia crassa e de uma falta absoluta de moralidade!

Não trataremos de responder a esse asserto porque cada uma de suas palavras encerra em si mesma a sua melhor e mais completa refutação.

Deixaremos tambem em paz os tigres que infestam as ruas do Rio de Janeiro, os carrapatos e formigas pesando alguns kilos, e outras estupendas maravilhas que muitos escriptores *sérios* viram e admiraram quando eram viajantes cá na terra das... palmeiras.

Esta pequena digressão nos fez perder o fio da nossa narração.

Estavamos no Alegre.

A todos parecerá uma contradicção habitar um solo uberrimo e soffrer fome e miseria; porém, é a pura verdade, como tivemos o desgosto de testemunhar por mais de uma vez.

Aqui tem cabimento o que nos disse um velho caropó morador do Paraobeba (Para-opeba, Rio-chato ou raso) em Minas Geraes, que, sendo questionado sobre a bondade das suas terras, respondeu-nos: «dão muitas goiabas, côco e palmito, sem se plantar; muito milho e feijão, se Vcê. plantar.»

Estas toscas palavras encerram toda a historia da carestia e miseria d'estas mattas, onde o lavrador só tem necessidade de plantar para ter boa colheita e fortuna.

CAPÍTULO III

Do Itapemirim. – Das differentes especies de veados matteiros. – Da gitiranaboya e do seu pretendido veneno.

Os nossos animaes começam a perder o vigor e a emmagrecerem, de maneira a nos causarem sérias apprehensões, por causa da suspensão absoluta da ração de milho e a falta de pasto, que está limitado ao capim secco que nasce espontaneamente nas margens do caminho, sendo o resto do paiz coberto de mattas virgens.

7. – Ao romper a aurora puzemos-nos a caminho, costeando sempre o Alegre até a fazenda do Commendador José Felicio; d’ahi para diante, a estrada margêa o Itapemirim.

Segundo a opinião dos etymologistas, este nome quer dizer pedras pequenas no caminho ou no leito, e o fazem desdobrar nas radicaes: Ita-pemirim; esta interpretação, porém, nos parece insustentavel, não só porque nenhuma das tres raizes significa rio ou agua, como tambem porque as pedras que juncam o seu leito não são todas pequenas, existindo de todos os tamanhos e algumas até colossaes, formando barreiras e ilhotas em grande numero, o que nos leva a crer que Itapemirim não se compõe d’essas palavras, mas sim das seguintes: I-tapera-mirim, Rio das taperas pequenas (hirun do tapera Linn.), especie de andorinhas muito communs nas suas margens, ou tambem tomando tapera por casa velha, abandonada.

Esta etymologia é mais plausivel, e, posto que a collocação das radicaes se afaste um pouco das fórmas grammaticaes do Tupi, comtudo dá uma significação mais natural a cada uma das palavras I-tapera-mirim; entretanto que a primeira não só fôrça o sentido, como até vai buscar aliunde um termo que não existe no thema.

O Itapemirim corre paralelo ao Itabapoana, atravessa um paiz vasto, fertil, coberto de florestas virgens e vai lançar-se no mar 54 k. ao norte do Itabapoana, depois de ter banhado as villas do Cachoeiro, do Itapemirim e a povoação da Barra. Os seus principaes confluentes são:

o Rio do norte esquerdo, que tem a sua origem na serra do Caparó, não longe da do Itabapoana; o Rio do norte direito, que tem origem em uma serra que divide as suas aguas das do Guandú; o Rio Pardo, que nasce entre os dous e faz junção com o Rio do norte direito antes de lançar-se no Itapemirim; o Alegre, que nasce da serra dos Pontaes do Calçado; o Rio do Castello, talvez o mais importante de todos pelas mattas por elle banhadas, que nasce da serra do mesmo nome e lança-se no Itapemirim 13 k. acima do Cachoeiro; o Muquy do norte, que nasce da extremidade sueste da serra dos Puris, servindo esta de limite ou linha divisoria entre as suas aguas vertentes e as do Muquy do sul; o Rio do Pinto, que faz junção com o Itapemirim entre a Villa do mesmo nome e a Barra, a qual tratam de fazer communicar tambem com o Rio-Novo por meio de um canal.

O Itapemirim é maior do que o Itabapoana; as suas aguas são escuras, igualmente semeadas de ilhotas, de pedras de grandeza e natureza diversas, e nos pareceram pouco povoadas de peixes; contém as mesmas especies que o Itabapoana, addicionando-lhe mais o soroby. É navegavel por grandes canôas na extensão de 39 k. O terreno fóra do valle do rio é muito eriçado de montanhas altas, de cumes mais ou menos pontegudos, umas descalvadas, outras cobertas de mattas virgens ou de vegetaes rachiticos alvacentos, sendo os mais imponentes os picos descalvados da serra Andorinha, cuja photographia tirámos da Valla do Souza, onde pernoitámos.

O panorama do paiz é melancolico; a natureza summamente selvagem, e o silencio da solidão reina por todo o caminho; nem um vivente para orientar-nos sobre qualquer pergunta!

O valle do Itapemirim apresenta a mesma constituição geognostica do valle do Itabapoana. O solo mais proximo ás margens do rio é arenoso, e por isso mais apropriado ao plantio da canna de assucar, do algodão, do fumo, da mandioca, da batata doce, do arroz e do feijão; os altos e as vertentes são preferidos para o café e o milho.

O massapé alterna-se com um terreno baixo, arenoso e incompletamente estratificado. As plantações de canna são vastas e os seus

productos de boa qualidade, posto que preparados pelo systema antigo.

Observámos á margem do caminho um algodoeiro arboreo tão carregado, que as suas hastes dobravam-se até o chão sob o peso dos capuchos grandes, de uma alvura deslumbrante, e de fibras longas, delicadas e tenazes.

O clima é tambem apropriado a criação do gado vaccum; vimos bois criados nas mattas sem pensão alguma, tão grandes e tão gordos como os da melhor raça das campinas de Minas.

É commum nas suas mattas o pau-brazil, o pau-pereira, a copahyba, a ipecacuanha e outros vegetaes procurados pela tinturaria e pela medicina.

Na fazenda do Commendador José Felicio tivemos occasião de ver um veado matteiro (*cervus rufus*, Pr. Max.), conhecido por anhomirim (anho-mirim, o solitario pequeno) pelos Coroados do Itabapoana, de um ruivo muito claro, a região abdominal e partes internas dos membros brancas, cabeça comprida e carneirada, ventre volumoso e espinha dorsal fortemente arqueada.

Estes veados só habitam as planicies entre a serra e o mar e nunca foram vistos além da Serra do Mar; differem dos matteiros do alto Itabapoana e de Minas por serem estes de um ruivo escuro muito carregado, de cabeça mais curta, mas conica e quasi preta, linha fronto-nasal recta, espinha dorsal menos curva e corpo mais robusto. Entre estes veados existem caracteres especificos, que os distanciam um do outro, de muito mais valor, por serem constantes, do que entre o catingueiro e o matteiro commum.

Já em 1860 tinhamos notado que habitava o baixo Itabapoana, em perfeita promiscuidade com os matteiros escuros, uma especie de veados maiores, mais pesados no curso, de um ruivo mais claro, de cabeça curva, mais longa e menos conica do que os de serra-acima, e que nas caçadas, os que não encontravam promptamente um rio ou lago para refugiarem-se, raras vezes deixavam de ser presa dos cães.

Nesse mesmo anno levámos do Bom Jesus para a provincia de Minas um casal de cada uma d'estas especies, que deram a primeira producção depois de dous annos de idade. Os veadinhos nasceram com pintas

brancas longitudinaes semelhantes ás da paca. As veadas são uniparas e só dão á luz uma vez no anno. Ao veado ruivo-claro, na idade de 14 mezes, nasceram as pontas descobertas e lisas até á base; no passeio e na carreira a cabeça é baixa e o corpo recurvado. As pontas do veado escuro nasceram um pouco mais cedo e conservaram-se cobertas por um couro de pello curto e aspero ao tacto por mais de seis mezes; durante este tempo evitava cuidadosamente a sociedade dos outros e tornou-se poltrão. As pontas depois de descobertas apresentavam uma base alta e rugosa.

Nas numerosas brigas a que assistimos, notámos que estes animaes, de innocente apparencia, tornam-se furiosos e encarniçados no combate, servindo-se tanto das unhas como das pontas.

As veadas sobretudo são de um encarniçamento só comparavel ao das feras carnivoras; quasi sempre levavam o melhor, as suas unhas arrancavam couro e cabello.

Infelizmente a facil destruição dos veados ruivo-claros, outr'ora tão communs, tem tornado raros hoje os especimens.

Esta differença constituirá uma selecção especifica, ou será ella accidental e transitoria? A perserverança da fórma do craneo, a immutabilidade da côr, a reproducção fiel e constante do mesmo perfil, a differença de habitos e o seu habitat, nos levam a crer que se trata de uma especie á parte e não de uma simples variedade; é uma *questio ventilanda* que desejamos ver resolvida pelos naturalistas.

Frequentam tambem estes bosques a jakirana-boya (cabeça de cobra), ou gitirana, como é mais geralmente conhecida, e outros insectos do mesmo genero.

DA GITIRANABOYA

Dimensões

Da extremidade livre do capuz á extremidade livre dos elytros	0,098
Comprimento do corpo sem o capuz	0,067
» do capuz	0,025
» de uma extremidade da aza á outra	0,148
» da tromba, comprehendendo a base triangular	0,021

Classificação

Fulgora, Linn.

Fulgora lanternaria, Mart.

Fulgore porte lanterne, Delessert.

A triste celebridade de que goza este innocente animal moveunos a curiosidade de o photographar e de o descrever, posto que imperfeitamente, por falta de competencia.

Os poucos naturalistas que têm escripto sobre a gitiranaboya a classificam na tribu ou familia das hemipteras-homopteras, isto é, entre as hemipteras que tem as quatro azas semelhantes; observando porém que os elytros ou azas superiores da gitirana são completamente dessemelhantes das azas inferiores, não só em consistencia e opacidade, como tambem em tamanho, côr e fórma, ficamos vacillantes sobre a sua melhor classificação, e talvez que lhe assentasse mais a familia das hemipteras-heteropteras, isto é, a das hemipteras que têm as duas azas superiores dessemelhantes das duas inferiores, conservando-lhe o genero fulgora de Linneu.

A divergencia das trombas não póde servir de um motivo sério para a sua rejeição, por ser menos sensível do que a das azas que serviram de character distinctivo para a classificação da familia. Como quer que seja, a gitirana é um hemiptero-heteroptero na significação genuina da palavra; mas os naturalistas entenderam que deviam sacrificar os caracteres tirados das azas para adoptarem os tirados da semelhança da tromba da gitirana com a tromba dos homopteros, que é longa, flexível, recta, mais adequada para chupar o succo vegetal de que estes insectos se nutrem, do que para perfurar corpos duros; ao contrario da dos heteropteros que é curta, forte, curva, mais propria para penetrar os tecidos animaes, de cuja substancia se nutrem. Não cabendo esta classificação nem na tribu dos hemipteros-heteropteros por lhe opporem a differença da organização das trombas e a natureza da sua alimentação vegetal, e nem na tribu dos hemipteros-homopteros por não serem as quatro azas membranosas e semelhantes, talvez que fosse mais consentaneo com o progresso das sciencias naturaes crear-lhe uma nova tribu com o nome de fulgora em homenagem á memoria de Linneu, que foi o primeiro que a classificou com este nome.

O entomologista Fabricius, notando a grande analogia que existe entre o aparelho boccal dos hemipteros e chupadores, fez d'estas duas ordens uma unica; hoje porém constituem duas ordens distinctas. Os hemipteros, a cuja ordem pertence a gitirana, nutrem-se de substancias molles ou liquidas exclusivamente, e por isso, os seus orgãos de manducação, modificados e adaptados a este genero de alimentos, apresentam uma especie de bico ou tromba tubular, retractil, movel em todos os sentidos, que muita gente estranha á historia natural tem tomado erradamente por arma offensiva ou ferrão.

O corpo da gitiranaboya divide-se em cabeça, thorax e abdomen.

A cabeça contém o capuz, os olhos, as antenas, o aparelho boccal, etc. O capuz é uma enorme excrescencia que projecta-se do alto da cabeça em fórma de capacte, cabeça de cobra, castanha de cajú ou de mitra, de 25 millimetros de comprimento, da grossura de um dedo minimo, mais volumosa na extremidade livre, convexa na face anterior (1), concava na posterior, existindo n'esta ultima e proximo á extremidade adherente, uma proeminencia transversal que a divide em duas, semelhante ás orbitas salientes dos olhos do jacaré, o que imprime ao animal não sabemos que aspecto sinistro.

O interior do capuz de umas é completamente vasio, e o de outras apresenta apenas alguns fragmentos de membranas muito tenues, que provavelmente servirão de trama para formação de um tecido celular frouxo, desaparecido depois da morte do insecto. Nos flancos do capuz nota-se uma série de seis manchas quadrilateras côr de palha, de dous millimetros de comprimento, que faz lembrar das canhoneiras de um navio de guerra. No fundo de cada um fossete, que fica ao lado da cabeça, circumscripto por um rebordo armado de tres pontas agudas, estão os olhos esphericos, escuros, em alguns indivíduos, e amarellos em outros, luzidios e muito salientes. A um millimetro abaixo dos olhos, dentro dos limites do fossete, vê-se um corpo redondo, pediculado, peloso, aspero ao tacto, menor e de uma côr mais carregada do que a dos olhos, no

(1) Todas as vezes que empregamos as palavras anterior, posterior, superior, supomos o animal em posição vertical, por ser esta a attitude em que sempre o vimos quer voando quer em repouso.

centro do qual insere-se um filamento excessivamente tenue e fragil, representando as antenas no seu estado rudimentario e microscopico.

Se as antenas, como presumem os naturalistas, são os órgãos predestinados ao tacto e á audição, estas funções devem ser quasi nullas na gitirana, em vista do completo atrophamento d'estas partes.

Entre cada olho e o corpo redondo pediculado, de que acabamos de fallar, existe um disco do tamanho da cabeça de um alfinete, côr de palha e lustroso, que a principio tomamos pelo seu apparelho phosphorescente; hoje porém duvidamos muito da existencia d'essa qualidade luminosa que todos os naturalistas lhe attribuem. O apparelho bocal da gitirana compõe-se: do labio superior, ou labro; das mandibulas; das maxillas, e do labio inferior. O labio superior é representado por um corpo triangular, coreaceo, lustroso e guarnecido lateralmente por duas pequenas e estreitas laminas, cortantes nos seus bordos livres, as quaes se prolongam no sentido da base do triangulo para o seu apice e morrendo em pontas. Este corpo triangular dá inserção no seu apice á tromba que é cylindrica, percorrida longitudinalmente na sua face anterior por uma estria, composta de dous articulos moveis, flexivel em toda a sua extensão, e dobrada para baixo quando o insecto está em repouso; mas nunca enrolada em espiral como a espiritromba das borboletas. A parte externa e membranosa da tromba é formada pelo labio inferior que expandindo-se em fórma de pellicula delgada e flexivel, e enrolando-se sobre si mesma, dá logar á formação de uma bainha ou estojo, contendo no seu interior diferentes órgãos complementares do apparelho de manducação. Dividindo-se com a ponta de um instrumento cortante a membrana que constitue este involucro, descobrem-se no seu interior quatro estyletes cerdosos, pretos e picantes; os dous superiores representam as mandibulas; os inferiores, soldados entre si, representam as maxillas. Estes estyletes, unidos uns aos outros, formam um canal de absorpção pelo qual a gitirana chupa o succo molle ou liquido de que se nutre.

A extremidade livre da tromba é coberta de pellos avelludados visiveis com a lente. A bainha ou estojo serve para conchegar as mandibulas e maxillas, reduzidas a filetes cerdosos, dar-lhes a fórma tubular e mais solidez e resistencia.

A tromba portanto é o complexo resultante da união das partes componentes da bocca da gitirana-boya.

Esta mesma conformação organica do aparelho boccal tem a cigarra sua parente proxima, o percevejo do matto e outros muitos insectos pertencentes a esta ordem.

O thorax ou corselete subdivide-se em tres segmentos ou aneis: prothorax, mesothorax e metathorax. Estes aneis são compostos de seis arcos; nos tres anteriores inserem-se os tres pares de patas, nos dous posteriores ou dorsaes, formados pelas partes correspondentes ao mesothorax e metathorax, inserem-se os dous pares de azas, as superiores e as inferiores; e o sexto arco, que é o que corresponde á parte posterior do prothorax, é dividido por uma crista vertical em duas partes symetricas, no meio das quaes e no fundo de uma depressão infundibuliforme se notam dous pequenos ocellos redondos e de côr azul ferrete.

O abdomen, quasi cylindrico e um pouco comprimido de diante para traz, compõe-se de sete aneis moveis e sobrepostos, com os arcos ventraes de um vermelho vivo côr de fogo em uns, e côr de telha em outros; e com os dorsaes pardos, cobertos de um pó branco de neve semelhante a vegetações cryptogamicas. A extremidade caudal termina-se por um appendice redondo, aberto pela parte posterior, formando um fundo de sacco, diante do qual estão o orificio inferior do tubo digestivo e a abertura dos orgãos sexuaes.

Os membros posteriores são amarellos citrinos com listras pretas transversaes nas regiões femural e tibial; os bordos posteriores das pernas são serreados, isto é, armados de pontas agudas semelhantes aos dentes de uma serra; os tarsos e as unhas são pretas. Estes membros são mais compridos e mais robustos do que os médios e anteriores, o que torna o insecto muito agil para o salto. Os membros médios e anteriores differem tambem dos posteriores por serem inermes.

As azas superiores ou elytros são verdes cinzentas, ovaes, coriaceas e opacas; as faces posterior e anterior com salpicos brancos, e pintas pretas irregulares; as nervuras salientes e vermelhas côr de fumo; os bordos externos curvos, côr de telha; e os internos rectos e pardos.

As azas inferiores são triangulares, membranosas, diaphanas, mais curtas, e muito mais largas do que as superiores; os bordos externos mais longos do que os internos, e curvos; os internos rectos, e os inferiores bilobados.

O quarto interno de cada uma aza dobra-se para baixo, formando uma prega longitudinal, que repousa obliquamente sobre o dorso do insecto quando as azas estão fechadas. Também o matiz d'estas azas differe muito do das superiores.

A parte inferior de cada uma aza divide-se em dous lobulos: um interno, pardo claro, com pintas pretas irregulares, em tudo semelhante ao resto da aza; o outro externo, amarello, margeado de branco no seu bordo livre, e separado do corpo da aza por uma meia lua azul-ferrete, que com a orla branca do bordo livre circumscreve uma área amarella perfeitamente redonda com 0,016 de diametro; no centro d'este campo existe uma grande mancha da côr do crescente com 0,009 de diametro e com uma pinta branca na sua parte superior. Do lado interno da mancha nota-se ainda uma segunda, pequena, da mesma côr da primeira, e com 0,001 de diametro.

Em alguns individuos as pontas da meia lua se prolongam e se encontram, formando um circulo azul-ferrente em torno do campo amarello.

Entre nove gitiranas do sexo masculino, que tivemos occasião de examinar, oito apresentavam a circumferencia azul completa; e entre onze do feminino, nove apresentavam a circumferencia incompleta, ou interrrompida em diferentes pontos. Esta differença no matiz das azas, se constituir uma selecção sexual, como supomos, deve fornecer um character muitissimo precioso para o reconhecimento dos dous sexos. O colorido das azas inferiores assemelha-se muito ás pintas das extremidades das pennas caudaes do pavão.

Os ovos são ellipticos, brancos, tendo mais de 0,005 o seu maior diametro. A postura deve ser abundante em vista da grande quantidade de ovos encontrados no ovario de uma gitirana que dissecamos.

Ainda não tivemos oportunidade de ver uma larva. A unica chrysalida que examinamos já a encontramos nas ultimas phases da sua evolução,

estando a metamorphose quasi completa. Foi achada casualmente em um monturo de lixo, composto de resto de capim, gordura (*Tristegis glutinosa*, Saint-Hilaire), removido de uma cavallariça. Não sabemos se o ovulo veio do campo envolvido no capim, ou se ahi foi depositado propositalmente pela gitirana, attrahida pelo calor que se desenvolve nas cavallariças, devido á fermentação e decomposição das materias fecaes e vegetaes.

Como quer que seja, é provavel que a gitirana procurasse esses detritos vegetaes por serem porosos, fofos e quentes para ahi, abrigada da luz e das vistas profanas, depositar e fazer passar a sua futura prole pelos tres estadios biologicos: incubação, evolução da larva e metamorphose.

Em qual d'estes tres estadios se effectua a metamorphose? O esboço das partes que tem de formar o futuro insecto já virá criado do ovulo, ou terá elle origem na larva para ser melhor elaborado e desenvolvido na chrysalida, ou terá elle principio na chrysalida mesmo?

Não estamos habilitados para resolver um problema tão delicado e summamente complicado; repugna-nos porém admittir criação de novas partes fóra do germen primitivo (ovo); e a selecção natural, se fosse invocada, só serviria para explicar as evoluções successivas d'estas partes, e nunca a sua criação. Se até hoje não se tem podido descobrir no ovulo todas as partes constituintes do corpo do insecto, é isto devido unicamente á deficiencia dos instrumentos e de outros meios de investigações e não a carencia d'ellas.

Em uma das noutes frias de Junho achamos no terreiro da fazenda de Santa Eugenia do municipio do Rio-Novo, em Minas, uma gitirana, tão regelada que não dava o mais leve signal de vida. Levada para uma sala, e depois de bem aquecida entre as mãos, começou a agitar-se, contrahindo, e dilatando alternadamente as patas posteriores, como se estivesse ensaiando um salto; e pouco a pouco foi-se pondo de pé. Depois de algum tempo de recolhida meditação, á maneira de um homem que acaba de sahir de um profundo lethargo, e procura coordenar as suas idéas semi-confusas, abriu rapidamente as azas e voou, descrevendo uma espiral vertical até quasi ao tecto da sala, e d'ahi descendo sahiu por uma janella, tomando a direcção em linha recta da matta virgem que ficava fronteira a casa, conservando

sempre o corpo em posição vertical, e agitando fortemente as azas, como se o vôo lhe fosse difficil e fatigante. A segurança e o completo exito com que a gitirana executou todas essas manobras sem ir de encontro ao forro da sala e nem ás vidraças, tomando a direcção, que nos pareceu calculadamente preferida, de um bosque que lhe ficava a mais de 300 metros de distancia, convenceram-nos de que não só não lhe é contraria a luz do dia, como tambem que ella goza de uma vista penetrante, e excepcionalmente vasta, não obstante ser um insecto nocturno.

Esta maneira de trazer o corpo vertical quando vôa é devida ao capuz que, sendo muito volumoso e leve, offerece grande resistencia á deslocação do ar.

Na fazenda do Sr. coronel A. Furtado Campos, estando presente o meu illustrado collega e amigo Dr. Urbano, fizemos sobre uma gitirana viva algumas tentativas no intuito de descobrir o seu veneno e a sua arma de guerra: porém, com resultados completamente negativos a todas as fustigações feitas, respondia com um salto violento e ia cahir a grande distancia.

Sobre este mesmo insecto fizemos diversas experiencias para descobrir a sua phosphorescencia; porém sempre com resultados nullos.

Foi em Março de 1860, nas margens do Carangola, que tivemos occasião de estudar pela primeira vez a gitirana-boya. Um d'estes insectos, sendo perseguido por um suirini (*tyrannas melancholicas*, Vicill), deixou-se cahir de uma consideravel altura por entre umas gramineas ondo o encontramos tão immovel, que chegou a nos convencer de que estava completamente morto. Emquanto examinavamos com uma lente o seu supposto ferrão, conservando-o de patas para cima nenhum signal deu de vida; logo, porém, que o collocamos sobre os pés, elle, fazendo ponto de apoio sobre as palmas da mão, deu um salto á maneira dos gafanhotos, e, antes de chegar ao chão, tomou o vôo, produzindo com as azas (?) uns estalidosinhos á imitação do chocalho de cascavel; e dando-lhe novamente caça o seu implacavel inimigo que o espreitava a pequena distancia, refugiou-se em um lugar sombrio e occulto. Sendo tambem observado

cuidadosamente durante a obscuridade da noute não apresentou o mais ligeiro vestigio de phosphorescencia.

Durante o trajecto da margem do Carangola á casa onde estavamos hospedados picamol-o por varias vezes com um espinho para obrigar-o a retorquir-nos; porém, só tratava de fugir.

O ferrão venenoso dos insectos nada tem de commum com a tromba da gitirana-boya; o orificio interno do ferrão abre-se no interior de uma vesicula elastica, cheia de um liquido mais ou menos venenoso; entretanto que o orificio interno da trombra abre-se no interior do pharinge, orgão destinado pela natureza em todos os animaes para dar passagem ás substancias alimenticias; ora, a natureza, que é sempre uniforme e immutavel no plano e norma da criação dos seus seres, não é possivel que se desviasse das suas eternas leis para abrir uma tão extraordinaria excepção, para fazer de uma parte do canal digestivo de um pobre insecto, um deposito e um conducto de peçonhas.

Além d'isto, os insectos venenosos de que temos conhecimento, occultam a sua arma de guerra na sua extremidade caudal, ou nas suas proximidades e nunca em outra região.

Emfim, todo o animal munido de uma arma qualquer que ella seja, e muito principalmente de um ferrão venenoso, procura fazer valel-a contra os seus inimigos sempre que estes o accommettem, e tivemos occasião de ver o contrario nas gitiranas que por mais de uma vez sorprehendemos nos bosques dormindo agarradas aos troncos da bycuyba, de cuja resina molle se nutre, e aos de outras arvores. Durante o tempo que as conservavamos fechadas nas mãos portavam-se como mortas, e, se as picavamos com um espinho para as estimular, só procuravam fugir, e nunca praticavam acto algum que revelasse a mais leve vontade de nos offender.

Portanto, a sua tromba não é arma offensiva, mas sim um complemento do seu aparelho bocal, como acima fallamos.

A raridade d'este insecto, a sua vida mysteriosa occultando-se nos bosques sombrios, arriscando-se poucas vezes a apparecer á luz do dia, e particularmente a sua figura extravagante e fóra do commum,

são talvez as unicas causas de lhe attribuirem qualidades maravilhosas que elle nunca teve.

Conhecemos uma outra especie de gitirana muito menor do que a precedente; a sua côr é de um vermelho escuro, o capuz é mais curto, mais delgado, bastante comprimido de diante para traz, de um vermelho de fogo, cheio de asperezas, e terminando-se em tres appendices, ou pontas agudas dispostas em fôrma de cruz. Algumas das laminas ponteagudas que armam o rebordo que cinge o fossete em cujo centro se acham os olhos, são muito mais desenvolvidas do que na gitirana da primeira especie; as duas que occupam a parte posterior do capuz são pretas e curvas, á imitação de dous pequenos cornos. Falta-lhe o fundo do sacco da extremidade caudal.

Não tendo esta especie um nome scientifico, por ser ainda desconhecida dos naturalistas, resolvemos, sem pretensão alguma e unicamente para nosso governo, designal-a com o de gitirana porta-cruz, e talvez que não lhe ajustasse mal o de gitirana-armata.

Tínhamos acabado de lançar no nosso livrinho de notas os ultimos apontamentos sobre a gitirana-boya, quando ouvimos do lado do rio uma voz alegre de alguém que nos gritava: «pescuei um tatú, pescuei um tatú.»

Era a do nosso prestimoso companheiro Fuchs, o qual trazia, triumphante, suspenso pelo anzol, um grande cheloneano das familia dos Emydes, que, pela sua côr preta, e fôrma discoide, distingue-se dos que temos visto em Minas em alguns dos seus rios, que são pardos, ou de um verde garrafa amarellado e de fôrma oblonga ou oval.

Ás 10 horas da noute chegou da pesca o zeloso e laborioso chefe da caravana o Sr. Florencio, que apesar dos seus 70, ninguem o excede em actividade e agilidade, com uma longa enfiada de peixes entre os quaes reconhecemos: o alambary, a trahira, o sairú e a piaba (contracção de pira-u-aba, peixe voraz de cardume) vermelha e branca, a 1^a de côr lívida clara com as nadadeiras roseas, a 2^a de côr aurea desmaiada quando nova, mais viva depois de adulta com as nadadeiras cinzentas; o timbaré (tim focinho, baré instrumento de musica feito de fibras vegetaes dispostas circularmente em fôrma de espiral e cobertas

de uma camada de icica); duas especies de jundias (bagres) amarello e preto; a pirapetinga, pira-pe-tinga, (peixe da pelle branca) de côr e brilho argentino; a piabanha (cont. de piaba-anha, piaba solitaria), que differe da precedente por ser maior, mais clara, mais larga, por ter a pelle menos dura, menos aspera depois de cozida, e tambem no seu habitat; a piabanha não vai além de uma grande cachoeira, entretanto que a pirapetinga é encontrada não só nas embocaduras dos rios como além das suas mais altas cataratas.

As piabas com o timbaré formam um grupo natural de tres especies muito semelhantes, caracterisadas pela configuração geral do corpo, pelos habitos e especialmente por uma diminuta nadadeira carnosa, de côr vermelha carregada, semi-lunar, situadas entre as nadadeiras dorsaes e caudaes. O timbaré distingue-se apenas da piaba por ter o focinho acarneirado e a bocca voltada para baixo e não horisontal como esta.

Em Minas o nome de piaba nem sempre designa a especie supra, é muitas vezes applicado a um peixinho prateado, mais conhecido com o nome de alambari, e dão ao de piau (cont. de pira-u, peixe voraz) ás piabas de que tratamos.

O nome de piabucu, piabuca e piabuque que se lê nos naturalistas francezes não é mais do que a alteração do nome piaba-uçú, ou piabuçú, escripto sem cedilhar o c.

CAPÍTULO VI*

Continuação. - Da formiga saúva. - Da fazenda das Duas Barras – As minas do castello e os padres jesuitas. - Considerações sobre a Gruta e seus habitantes.

8. – Às seis horas da manhã continuamos a viagem, tendo sempre o Itapemirim á vista. A paisagem começa a apresentar um aspecto mais animador e mais risonho; as altas montanhas e as rochas descarnadas e despidas de mattas virgens vão nos ficando ao N. e ao P.

O horisonte, á proporção que se progride, mais se dilata e a natureza vai se tornando menos agreste. A estrada é quasi toda plana, e em geral boa, tendo apenas alguma lama nos logares sombrios e cobertos de mattas; carecendo de reparos um pontilhão, não obstante ser de muito recente construcção, sobre cujas ruínas, affixadas em magnifica taboleta (unica obra d'arte), lemos a seguinte pomposa inscripção em letras maiusculas: SOB A PRESIDENCIA DO EXCELLENTISSIMO SENHOR DR. F..SENDO ENGENHEIRO DA PROVINCIA F...

É por certo bem mesquinho padrão de gloria para quem deseja immortalisar-se em construcções de momentos e obras publicas.

As fazendas que se avistam da estrada exploram em grande escala a plantação da canna de assucar: possuem grandes e frondosos laranjaes, e boas pastagens onde apascentam rebanhos de gado vaccum e lanigero perfeitamente nutridos.

A cultura de lorangeiras, limoeiros e limeiras em um paiz onde a agua é detestavel e o calor insupportavel, é de summa vantagem e utilidade para os viandantes e para os seus proprios habitantes.

O viandante sequioso encontra na laranja, nos limões, e nas differentes especies de limas um meio agradavel de acalmar a sêde, e um refrigerante apropriado para combater os máus effeitos occasionados

* NE: Corresponde ao Capítulo IV, porém seguiu-se a grafia da impressão original.

pela alimentação de carnes e peixes salgados, e por outros excitantes de que é obrigado a fazer uso diario; e os seus habitantes têm á sua disposição um poderoso preservativo contra as diarrhéas periodicas dos paizes quentes, o typho, o cholera-morbus, e talvez um energico medicamento para os debellar; temos d'isto um exemplo bem frisante com o que se deu com a Divisão mineira que marchou por Matto-Grosso contra a republica do Paraguay.

O meu illustrado collega e amigo Dr. Gesteira, medico d'essa Divisão, que tanto se distinguiu pela sua abnegação e dedicação ao bem da patria, referiu-nos que naquella desastrada jornada os soldados só cessaram de ser dizimados pelas diarrhéas, typhos e cholera-morbus depois que começaram a fazer uso das laranjas, restabelecendo-se muitos já d'elles affectados.

O que mais nos sorprehendeu n'estas fazendas foi ver as suas plantações intactas e frondosas, apesar da prodigiosa quantidade deervas de passarinhos e de formiga yçauba (yça chefe ou dona; tambem yçayby dona da terra.) A grande quantidade de formigueiros que cobrem as margens da estrada, convenceu-nos de que os habitantes de Itapemirim seguem o mesmo deleixo e imprevidencia dos de Itabapoana e suas circumvisinhanças. Quando em 1860 visitamos pela primeira vez aquellas mattas, observamos na fazenda do Sr. Francisco Dutra Sobrinho, districto do Calçado, um unico formigueiro, o qual forneceu em poucos annos tão grande abundancia de enxames, que hoje não se vê uma fazenda, chacara ou quintal que não esteja completamente invadida por esta nova praga.

De todos os passaros cantores que temos visto até aqui, admira mais o inhapim (*icterus tibialis* Swuains) pela variedade e melodia do seu canto e por ser sem rival na habilidade e perfeição com que arremeda os outros passaros, menos o sabiá.

Diz a fabula indiana, que, em outros tempos, quando os animaes fallavam, o inhapim vendo que o sabiá trazia a bicoensanguentado, correu pressuroso a casa do seu visinho jaboty, que então passava por ser o maior sabio da aldêa, para este lhe explicar a causa de tão extranho

phenomeno, e que o jaboti lhe dissera, que o sabiá trazia o bico tinto de sangue por ter assassinado um sacy e o espicaçado ainda quente por este ter tido a ousadia de o arremedar, e que desde então o inhapim ficara tão horrorisado que nunca mais arremedara o sabiá.

As mutucas (*crysops excutiens*) que tinham desaparecido, durante os mezes frios de Maio, Junho e Julho, começam a reaparecer em myriadas que pullulam de toda a parte; as orelhas e pescoço dos animaes chegam a ficar banhados do sangue que verte das picadas d'esses incommodos e crueis insectos.

O rio corre por entre pedras e ilhotas; ora encachoeirado; ora tranquillo, conservando sempre crystalinas e escuras as suas aguas; e pareceu-nos rouco frequentado por capivaras, lontras e jacarés. As aves ribeirinhas, tão communs nas margens de outros rios, devem ser tambem raras nestas paragens, onde não podemos ainda lobrigar um só especimen.

Ás duas horas da tarde chegamos á fazenda das Duas-Barras, rica propriedade do hospitaleiro capitão Pedro Dias, um dos primeiros posseiros que internaram nestes sertões incultos, e ahi plantaram as primeiras habitações.

A casa de residencia é um vasto e vistoso edificio situado na margem direita do Itapemirim, tendo na frente um lindo terrapleno circumdado por grades de ferro, e decorado de uma linha de palmeiras, que muito contribuem para a pureza e frescura do ar que se respira nesta agradavel e confortavel morada. Estas palmeiras que se erguem acima de todos os vegetaes e corpos ambientes, com as suas folhas longas e palmadas, são outros tantos leques com que a natureza se serve para abanar a atmosphaera e renovar o ar por novas camadas frescas e puras.

Percorriam os pastos da fazenda rebanhos de gado vaccum, cavallar e lanigero, bem nutridos, sem berne e sem carrapatos.

Quanto mais se desce, mais as terras do baixo Itapemirim convém á cultura da canna de assucar e do algodão do que á do café.

A terra vegetal vai-se tornando de mais a mais saturada de areia; e as florestas não são tão magestosas e nem de um verde tão pronunciado como as que vimos no alto Itapemirim, a sua côr é a de um verde cinzento.

À tarde veio pousar em uma árvore junto à nossa bagagem uma pequena ave de rapina (*glauclidium ferrugineum* Pr. Max), conhecida vulgarmente com o nome de caboré (caa-boré, busina da matta.) Este nome reporta-se ao seu cantico, que ouvido de longe, assemelha-se ao som de um boré ou busina tupi.

Alguns autores querem que seja caporé habitante do bosque, derivado de caa-pora, julgamos, porém, menos forçada e mais natural a primeira interpretação.

Emquanto estive à vista uma galinha de pintos o caboré permaneceu firme no mesmo lugar por mais de duas horas, guardando sempre a mais completa immobildade. Acompanhou paciente com os olhos os pintos, que viu com grande desgosto desaparecerem pouco a pouco no terreiro da fazenda, voltando imperceptivelmente a cabeça para traz até descrever mais de meio círculo, sem produzir o minimo movimento com o corpo.

9 – Às 7 horas da manhã atravessamos no pasto da fazenda o rio em uma especie de barca construida sobre duas canôas; construção esta muito commoda, economica, e tão leve que um só rapaz da fazenda conduziu-a para o outro lado com seis animaes de montaria e tres cargueiros com as competentes cargas, não obstante a correnteza das aguas. Estas acarretam uma enorme quantidade de areia, que, pela maior parte, são depositadas nas margens, onde formam bancas estratificadas. Deste porto para diante a estrada segue rio acima.

Tínhamos vencido pouco caminho quando começamos a ouvir o rumorejar surdo das aguas do Rio do Castello, que corria à nossa frente para despejar-se no Itapemirim, que nos ia ficando à esquerda, à proporção que iam galgando lentamente a margem esquerda do Castello. Este rio é assim chamado por percorrer um paiz eriçado de montanhas e serras, de cujos dorsos soerguem-se rochas conicas de cumes truncados de origem volcanica, que têm sido comparadas aos palacios ou castellos, onde habitavam os genios e fadas, segundo nos referem os contos arabicos de Mil e uma noites. O maior d'esses castellos tem o nome de – Forno Grande. A 6 k. da fazenda das – Duas

Barras atravessamos em boa ponte de madeira o Ribeirão da fruteira que faz barra no Rio do Castello. Até a fazenda da Fruteira o terreno é chato e arenoso; a folhagem da matta é de um verde brancacento, e vimos poucas madeiras de lei. Da ponte da Fruteira para cima o panorama muda-se rapidamente; as montanhas altas se succedem; a terra de cultura é magnífica; as mattas magestosas; e a estrada córta em differentes pontos riquissimas rochas de massapé vermelho; a natureza, porém, á proporção que se sóbe, vai-se tornando de mais a mais aspera e selvagem. De qualquer dos pontos mais altos da estrada que se volte para o lado de Itapemirim, descobre-se um vasto terreno inculto, onde as altas montanhas fazem um perfeito contraste com os valles, no fundo dos quaes, o Rio do Castello obedece ás leis da gravidade, não sem muito murmurar, talvez, queixoso do perenne supplicio que lhe infligem as cadeias das cachoeiras e as angusturas sem fim.

A serie não interrompida de montanhas e de alcantilados rochedos que a cada momento interceptam a vista do observador, a solidão das mattas, o silencio que é apenas perturbado de longe em longe pelo piar monotono e rouco do jaó, e pelo estridor agudissimo do grito da araponga, imprimem a este quadro uma tal melancolia, que communicando-se insensivelmente ao viandante, o torna taciturno e contemplativo. Quem nunca em sua vida gozou do ar livre das montanhas, e quem não contemplou ainda da espessura de um bosque o Alto Firmamento matisado de scintillantes estrellas em uma noute de primavera, não póde fazer uma idéa perfeita do que é a liberdade, e nem do que existe de mais sublime nas obras do Creador. O coração do philosopho, que do alto d'estas montanhas contempla os valles, as planicies, os rios povoados de seres viventes, a immensa riqueza dos tres reinos da natureza creados expressamente para utilidade e recreio do homem, não póde deixar de palpitar cheio de emoções e de reconhecimentos pelo seu Divino Bemfeitor; e o viajante, immerso nas suas profundas meditações, entôa um hymno de louvores ao Creador de todas estas cousas.

Colhemos no logar chamado Serrinha, ricas amostras de calcareo

com bonitas veias azuladas, que recebeu um bello polimento como tivemos occasião de ver, e que futuramente póde constituir uma grande riqueza para os fabricantes de objectos de marmore.

Desde que se deixam as aguas do Castello para se margear o rio do Caxixy (1) (cont de caxixe-y, rio do caxixe) seu tributario, o terreno é todo lastrado de seixos grandes e pequenos até á fazenda do Centro do Mundo. Estas pedras, que chegam a obstruir o caminho em grandes extensões, são arredondadas, e nos pareceu que nem todas provinham das altas montanhas de gneiss que as cercam de perto, e que algumas, pelo contrario, tinham vindo de muito longe. As razões d'este nosso asserto, são as seguintes: 1ª, a fôrma globular de umas, a destruição das arestas e dos angulos de outras provam um profundo estrago occasionado por prolongados e repetidos attritos e choques contra corpos resistentes, phenomenos estes que não pódem ter lugar *in situ*; 2ª, muitos d'estes seixos não são da mesma formação ou natureza das rochas circumvisinhas; 3ª, emfim, nos logares os mais altos das montanhas encontram-se tambem alguns d'esses seixos descançando ao chato sobre a terra, o que prova que foram para ahi levados e depositados tranquillamente por algum agente.

A ausencia das arestas e de angulos em alguns d'estes seixos é devida á acção corrosiva dos agentes atmosphericos, como provam as suas superficies asperas e profundamente decompostas. A presença d'estas rochas, dispostas horizontalmente nos logares os mais altos de uma montanha, nos faz crer que foram para ahi levados, e que o vehiculo de que se serviram fôra as aguas do Diluvio e não as geleiras. Em parte alguma notamos vestigios de rochas estriadas ou sulcadas, e de penedos erraticos com angulos e arestas vivas que segundo a opinião de alguns sabios revelam a passagem das Geleiras.

Ás 4 horas da tarde avistamos pela frente, e um pouco á direita, o imponente e magestoso – Forno Grande –, Castello encantado, digno

(1) O caxixe, conhecido em Minas Geraes com o nome de caxinguêlê ou caxinglê (sciurus aestuans, Pr. Max.), é um pequeno roedor, de cauda felpuda, elegantissimo, de uma vivacidade admiravel, e susceptivel de domesticidade, quando é apanhado novo: alimenta-se de cocos, de castanhas de sapucaia, de milho, etc.; e para mitigar a sêde pratica nas taquaras um furo quadrado, tão regular que parece feito com uma ponta afiada de um cannivete, para por elle sorver a agua contido no seu interior.

de ser habitado pelos genios e pelas fadas das Mil e uma noites. É um vulcão extincto; cuja cratera é inacessivel.

Representa um riquissimo specimen d'este genero de rocha, que valeria bem a pena de ser estudado pelos homens da sciencia; e talvez que com algum trabalho pudesse tornal-o de facil ascensão; nada é impossivel para o homem que quer. Estando a luz já muito fraca não podemos tirar-lhe a photographia, deixando para a volta este trabalho.

Ás 5 horas da tarde atravessamos o laxixy sobre uma ponte de madeira, não longe da fazenda do Centro do Mundo, onde pousamos.

O alinhamento e a regularidade das paredes do leito do rio no logar da ponte attrahiu-nos a attenção, e procurando a razão d'este facto, vimos que o leito era aberto artificialmente em grande extensão sobre rocha granitica, em cujas paredes ainda vêm-se gravados os vestigios da broca e da marreta. Sobre o terreno que enche a planicie cortada pelo rio existe grande quantidade de cascalhos lavados, compostos pela maior parte de fragmentos de gneiss, de quartzo, de differentes crystaes atravessados por agulhas de turmalinas, de schistos argilosos fortemente compactos e de côres variadas, e de pedaços redondos de minerios de ferro (itabirito?) muito communs em alguns terrenos auriferos de alluvião da provincia de Minas. Em varios pontos vimos areia de ferro magnetico; e do fundo de um poço extrahimos argila plastica fina, de boa qualidade, que póde ser aproveitada com vantagem para o fabrico de telhas, tijolos, talhas e outros utensilios de uso domestico.

Tratando de fazer algumas pesquisas sobre a historia d'este logar, fomos informados pelos seus mais antigos moradores, que quando os primeiros posseiros embrenharam-se nestas mattas em procura de terras devolutas para estabelecerem-se, já encontraram abandonadas muitas plantações de lorangeiras, limeiras, limoeiros, bananeiras, etc. que, debaixo de capoeiras tão grossas como as mattas virgens, acharam-se vestigios de habitações, fragmentos de telha, tijolos, utensilios culinarios, ferramentas enterradas, como fouce, machado, cavadeira, alavanca, almocafre, martello, etc.; e que é tradição antiga, que o leito aberto na rocha granitica, de que acima fallamos, fôra feito pelos padres

da companhia de Jesus, que nos tempos coloniaes possuíam aqui uma grande e rica feitoria, os quaes, sendo accommettidos por hordas de indios bravios, abandonaram tudo e refugiaram-se na séde da capitania, e em outros logares do littoral, voltando essa florescente possessão ao seu antigo estado de primitiva barbaridade Esta tradição é fabulosa na parte relativa aos padres jesuitas, como mais tarde demonstraremos.

Como quer que seja, a escavação de um leito em rocha granitica, que devia ser difficil e dispendiosa, os restos de immenso numero de habitações, as ruinas ainda em pé, de extensos muros, as grandes lavras, e os repetidos montes de cascalhos lavados, revelam evidentemente, que em epochas remotas, este logar já fôra séde de uma animada e opulenta mineração.

Fomos recebidos no Centro do Mundo pelo seu administrador, por estar ausente o Sr. Moura e sua Exma. familia.

O bom gosto, a ordem que reina em toda a fazenda, a maneira attenciosa e hospitaleira do proposto do Sr. Moura, gravaram no espirito de todos a mais elevada idéa das qualidades que ornaram o cavalheiro, seu proprietario.

Os edificios da fazenda estão situados sobre terrenos de alluvião e no fundo de uma planicie a margem esquerda do Caxixy; têm a configuração de um quadrilatero, com a casa de residencia na frente; senzalas, tulhas para café, e machinas nos flancos e no fundo fechando o todo uma área bastante espaçosa que serve de terreiro para seccar café.

A casa da morada é vastissima, tendo na frente um bonito jardim.

As outras estão construidas em boas condições hygienicas; só notamos que as machinas hydraulicas não estão bem distantes das habitações, circumstancia esta que não se deve desprezar em um paiz quente e humido.

Atravessando um terreno immensamente rico, e fazendas já bem cultivadas, como sejam: as da Fruteira, Fim do Mundo, Criméa, Centro do Mundo, etc., só vimos um unico formigueiro de saúvas, que, não sabemos porque fatalidade era conservado!

A estrada entre as duas primeiras d'estas fazendas, está em um

estado tão lamentavel, que tem chegado a asphyxiarem-se alguns animaes de passageiros submergidos na lama.

10. – Ás 10 horas da manhã puzemos-nos a caminho em direcção da fazenda do Limoeiro, ponto objectivo e final da nossa viagem. A estrada é menos má, e as terras de cultura são magnificas. O terreno é muito accidentado, a vista ou paira sobre montanhas alcantiladas ou sobre valles profundos, divididos por crystalinas fontes: são raros os morros baixos e as meias laranjas, tão procurados para a plantação de café. De passagem examinamos as arêas e os cascalhos de alguns corregos que atravessam o caminho, e todos nos pareceram auríferos. O palmito, tão commum em Minas nos valles e nas planicies humidas, é apenas visto aqui nos cumes mais altos das serras, solitario, ou em pequenos grupos. O contrario dá-se com a goiabeira (*psidium guajava*), que é tão universal e abundante, que por toda a parte fórma capoeiras de grandes extensões. Este arbusto nasce espontaneamente no segundo ou terceiro anno da roçada de uma capoeira, e, algumas vezes, logo depois da derribada da matta virgem.

A sua cultura não demanda outro trabalho além da colheita das suas fructas. Se as fabricas assucareiras utilisassem os fructos d'esta myrtacea para a confecção do doce de goiabada, de tanta extracção e tão justamente apreciado, não só dariam mais facil e mais prompta sahida a seus productos, como tambem creariam mais essa fonte de renda para si e para o Estado; porém não consta-nos que fazendeiro algum d'esta provincia os tenha explorado como objecto lucrativo.

Antes do meio dia chegamos á fazenda do Limoeiro, propriedade do capitão Francisco de Almeida Ramos, que se achava ausente nas aguas do Baependy.

Esta inesperada decepção, que muito nos contrariou, foi de alguma sorte attenuada pela cordial hospitalidade com que nos acolheu o nosso patricio e amigo Carlos, sobrinho do Sr. Ramos, que o substituiu na administração da fazenda.

A fazenda do Limoeiro está situada em uma collina á margem direita do ribeirão da povoação, circulada por todos os lados de montanhas altas; e posto que não se goze de um dilatado horizonte,

com tudo a paisagem é pittoresca e agradável: é que a própria solidão não deixa de ter seus atractivos. O clima é amenizado por brisas e virações constantes; as aguas são muito crystalinas e frescas.

Os cafeseiros são tão frondosos como raras vezes temos observado nas provincias de Minas e S. Paulo; porém são plantados tão juntos que fecham completamente as ruas, o que não só difficulta a colheita como tambem faz a planta vicejar muito e dar pouco fructo. O café colhido que examinamos é e tudo igual ao de primeira qualidade. Não vimos pelo caminho e nem nos cafesaes da fazenda formigas saúvas e hervas de passarinho.

No meio do pasto e fronteira á casa existe uma rocha alta, conica, de cume truncado e arredondado, isolada no centro de uma bacia, no fundo da qual e junto á base da rocha corre de NE. a SO. o ribeirão da Povoação. O esqueleto da rocha é formado de calcareo branco crystalino, revestido de uma camada de terra vegetal misturada de arêa, e com fragmentos de calcareo unctuosos e argila ferruginosa endurecida.

Esta rocha era antigamente vestida de frondosa vegetação, como attestam até hoje as reliquias da matta primitiva, que ainda se vêem na face a pique que olha para o Norte, que, por serem inacessiveis, não têm sido degradadas pelo machado: é no interior do seu esqueleto calcareo que está a gruta do Castello.

É tambem calcarea a montanha que se avista da fazenda, parte descoberta e parte revestida de matta virgem.

Em toda a planicie banhada pelas aguas do ribeirão da Povoação existem grandes excavações e montes de cascalhos lavados, iguaes aos que vimos na fazenda do Centro.

A tradição que circula entre as pessoas antigas do logar sobre a origem d'estes trabalhos de mineração é – que um soldado octogenario, fallecido ha trinta e muitos annos, contava que estas e outras lavras, que se observam nas margens do rio do Castello e seus confluentes, foram descobertas e exploradas por mineiros paulistas vindos da provincia de Minas, os quaes, sendo accomettidos repetidas vezes por hordas de indios antropophagos,

foram forçados a abandonar os seus trabalhos, roças, casas, etc., e fugir para a capital, depois de enterrarem as ferramentas e os mais objectos que não puderam levar; e, para que a historia fosse completa, dizia tambem que os fugitivos, não podendo conduzir todo o ouro extrahido, enterraram debaixo de uma laranjeira um tacho contendo este precioso metal.

Esta fabula é tambem muito conhecida nos districtos auríferos de Minas-Geraes, onde o célebre legendario – Mão de Luva –, sendo perseguido pela justiça por ser contrabandista de ouro, enterrou na serra de Antonio Velho, hoje serra do Descoberto, debaixo de uma figueira brava e á margem de uma lagôa, um tacho com ouro, que até hoje tem sido procurado debalde pelos credulos.

Posta á margem a parte fabulosa, esta tradição é mais plausivel do que a que ouvimos na fazenda do Centro do Mundo.

Que as minas do Castello não pertenceram aos padres jesuitas, prova o requerimento feito pelos seus habitantes ao visitador, padre Manoel Gago da Camara, para que alli se creasse uma capella curada, por distarem longamente da matriz a que eram sujeitos, com faculdade do mesmo visitador ordinario de levantarem no anno de 1754 um templo á Conceição da Santa Virgem, onde o padre Antonio Corrêa Pimentel principiou a parochiar como capellão curado, por designação d'aquelle delegado e confirmação do Diocesano, em 2 de Novembro do mesmo anno.

Se os padres jesuitas fossem os possuidores das minas do Castello, não deixariam até o anno de 1754 sem templo uma povoação tão importante, que naturalmente se iria augmentando pela catechese dos indios, e nem os seus habitantes teriam necessidade de impetrar do visitador diocesano licança para crearem alli uma capella curada, pois, como todos sabem, os padres jesuitas não dependiam dos visitadores das dioceses para crearem capellas; pelo contrario, tinham carta branca para erigirem templos nos logares que bem lhes aprazessem.

Talvez que o descobrimento das minas do Castello seja devido ao paulista Antonio Rodrigues Arzão, pai do descobridor do Serro do Frio, que, partindo com mais de 50 companheiros da aldêa da

Casca (1), hoje freguezia da Conceição da Casca, em Minas, percorreu todos esses sertões e foi ter á capitania do Espirito-Santo, em 1693, onde manifestou ao capitão-mór regente João de Velasco Molina, e á camara da Victoria, tres oitavas de ouro.

Não podemos limitar a epocha do seu abandono; porém é provavel que fossem abandonadas em 1759, coincidindo com a proscricção dos jesuitas do Brazil, ou pouco tempo depois. As hordas selvagens catechizadas e aldeadas por esses padres, não tendo mais um amigo para os guiar e aconselhar, voltaram ao seu estado primitivo de ferocidade, e, embrenhadas nos bosques e serras inacessiveis, só de lá sahiam para talar e incendiar as povoações, os campos cultivados e as fazendas, cujos habitantes, aterrados por essas incessantes correrias, abandonavam os seus lares e refugiavam-se nas cidades e villas do litoral.

É muito provavel que seja esta a historia authentica d'estas minas, e que igual sorte coubesse ás florescentes povoações da Barra do Castello, elevada a curato em 1754 com a invocação de N. S. da Conceição das minas do Castello, do Arraial Velho, do Caxixy, do Salgado, do Ribeirão, etc.; muitas d'estas povoações desapareceram sem deixar vestigios.

Não podemos escrever estes nomes sem recordarmos que pisamos hoje o mesmo solo que serviu outr'ora de glorioso theatro ás sublimes virtudes dos venerandos padres José de Anchieta, Manoel da Nobrega, Affonso Braz, Pedro Palacios, Braz Lourenço, Simão Gonçalves, Diogo Jacome e Pedro Gonçalves, cujos nomes são até hoje abençoados e venerados por todos os brasileiros amantes da abnegação evangelica e do amor pelo bem da humanidade, levado até ao sacrificio da propria existencia. Não ha um só canto n'esta provincia que não dê um ou mais testemunhos de suas beneficas passagens.

O padre Affonso Braz foi o primeiro jesuita mandado para esta capitania, em 1551, pelo padre José de Anchieta, e os dous ultimos serviram de medicos, cirurgiões e enfermeiros na espantosa epidemia de bexigas que em 1565 grassou e despovoou a aldêa do cacique Maracaiaguassú (maracaiá-guassú, o grande gato) e suas circumvisinhanças.

(1) Nome dado a uma povoação, assim chamada por ter as suas casas cobertas de cascas de arvores, situada á margem esquerda do rio do mesmo nome, confluyente do Rio Doce.

Todo este vasto sertão, desde o rio Rerytyba (rery ostra, tyba lugar) até o Cabo de S. Thomé, era, no tempo da descoberta, habitado pelas nações antropophagas Guaitacamopi, Guaitacaguaçu e Guaitacajacoritó, que viviam em permanentes guerras intestinas: estes gentios confinavam pelo interior com os intratáveis Tapuyas (gentio contrario); pelo litoral com os Tobayaras (toba-rosto ou frente, yara-senhor; quer dizer que foi a primeira nação que possuiu as fronteiras marítimas); para o lado do norte com os Tupiniquins (tupin-tio ou visinho, yki-lateral), e para o lado do sul com os Tamoyos (avô); e em 1525, quando foi fundada a capitania por Vasco Fernandes Coutinho, eram os senhores da terra.

Alguns chronicistas brasileiros e os seus imitadores escreveram que a palavra – guaitacamopi – quer dizer – campos de delicias ou habitantes dos campos de delicias.

Póde ser que assim seja, mas estamos convencidos de que este nome não é mais do que a corrupção de guatacamopé, que se desdobra muito naturalmente em guatá-correr, caa-matta, mo-em ou no, pé-caminho; e então teremos – os que correm na matta e no caminho, jactancia muito commum nos indios.

O trecho seguinte, tirado da obra de Fernão Cardin – Do principio e origem dos indios do Brazil –, prova que a nossa opinião não é destituida de fundamento:

«Ha outros que chamam Guaytacá; estes vivem na costa do mar, entre o Espirito-Santo e o Rio de Janeiro; vivem no campo e não querem viver nas mattas, vão comer ás roças, vêm dormir ás casas, não têm outros thesouros, vivem como o gado que pasce no campo e não vêm ás casas mais que a dormir; correm tanto que a corso tomam a caça.»

Ora, F. Cardin falla exactamente da estirpe primitiva da tribu que actualmente prende a nossa attenção, da qual só nos resta o nome alterado de goytacaz; portanto, ex-vi da identidade dos nomes, concluimos que o prefixo guaytá ou guatá, que teremos de ver ainda em outros nomes, quer dizer correr e não campos; emquanto o suffixo mope significa – no caminho – e não delicias.

Póde também ser uma simples modificação de guaytacaamoipi, contrahido em guatacamopi, o que é admissível e até muito commum, significando os de lá de longe (amoipi), os das outras terras que correm a matta; ou de guaytacaamuipy (amú-irmão, ipy-primeiro), os irmãos primogenitos, o primeiro galho da nossa nação, assim appellidados pelos Goytacazes, que eram o tronco primitivo de todas as tribus guaytacas.

Ainda póde-se reportar a guayta-quaá-amuipy, contrahido em guaytaquamuipy, addicionando-lhe o demonstrativo quaá em substituição ao substantivo caa.

O Visconde de Porto Seguro fez dos dous termos guata-caa um só nome – guatá-corredor, derivado de guatá-correr; porém já houve quem observasse que o substantivo corredor, derivado do verbo quata é guatahar e não guatacá; e que não é usada a substituição do h por c, e a quéda do r final. A explicação do Visconde assentaria melhor no nome guaitacaguassú, os grandes corredores; mas achamos melhór o decompor em guaita-caa-guassú os grandes, os valentes que na matta correm. Ainda mais difficil é o destrinçamento do nome guaitacajacoritó, que além das palavras guaita-caa nossas conhecidas, encerram os elementos novos, jaco cont. de jacáo pelejar, e ritó alteração de recé por causa, o que faz: por causa de pelejarem a matta correm. Este nome faz lembrar também o de guaitacajyquiritú (guaitá caa jyquiri-t-ú) os que comem jyquiri a matta correm; mas não será isto muito arbitrario? *Faciunt meliora potentes*. Todas estas tribus guerreiras desapareceram completamente sem deixarem o mais pallido vestigio do caminho que seguiram; ou fundiram-se nas populações civilisadas, ou embrenharam-se nas grandes florestas virgens e serras inacessiveis que demoram entre as provincias de Minas, Bahia, Espirito-Santo, com os seus primitivos nomes mudados, e por isso difficeis de serem reconhecidos. Talvez que os modernos Gyporocks, Nacknenukes, Pojichos, etc., não sejam mais do que os antigos Tapuyos, Tobayaros, Tupiniquins, Tamoyos e Guaitaca.

Felizmente o seu desaparecimento do sul d'esta provincia não se explica pela impolitica e brutal guerra de exterminio, tão em voga

outr'ora em alguns logares de Minas e em S. Matheus, onde se matava aldeias inteiras, até de índios civilizados e amigos!!! Não somos nós que o dizemos, é o patriota mineiro Theophilo Ottoni, de saudosa e veneranda memoria; ouçamol-o. «... O mesmo direi ácerca da expedição do engenheiro Reynaut, mandado em 1837 pelo, então presidente de Minas, Sr. desembargador Costa Pinto, e que na sua passagem foi tambem atacado pelos selvagens.

Eram as consequencias do tratamento barbaro que tinham recebido os selvagens desde o tempo da conquista. Eram as consequencias d'essa Carta Régia de triste recordação declarando guerra de exterminio aos Botocudos. Eram especialmente as consequencias do trafico dos kurucas.

De 1837 a 1847 não cessaram as reclamações das autoridades e moradores de Minas Novas, pedindo providencias contra as excursões dos selvagens do alto Mucury e Jequitinhonha.

As providencias que se pediam, e que o governo dava, resumem-se no laconismo d'estas duas palavras – polvora e bala.

Os resultados, em 1839, por exemplo, foram deploraveis.

De documentos officiaes existentes na secretaria de Minas se pôde verificar a exactidão do horroroso acontecimento que vou narrar.

Os selvagens, em desforço de máus tratos que soffreram, assassinaram diversas pessoas de uma família residente no Corrego Novo, districto do Calháu.

A paixão não sabe raciocinar, e o sangue derramado pede sangue.

Os visinhos dos assassinados se reuniram; o governo deus as providencias, isto é, mandou polvora e bala, e tambem soldados.

Formou-se um pequeno pé de exercito alterado de paixão e de vingança.

Os chefes açulavam a multidão.

Estes bem sabiam o que faziam. Queriam descartar-se dos selvagens, porque lhes comiam nas fazendas algumas cabeças de gado.

Assim preparada a expedição, marchou para a – Capivara – como quem ia a uma caçada de antas ou de porcos do matto.

Os índios Cró e Crahy, soldados das divisões, eram os guias e directores. Tomaram de noute todas as avenidas da aldêa; assaltaram-n'a de madrugada.

As forças eram incommensuravelmente desiguaes, a resistencia impossível.

A aldêa foi um açougue, não um lugar de combate.

O desespero fez com que os selvagens disparassem algumas flechas, mas não morreu um só dos assaltantes.

Nos da aldêa fez-se mão baixa em velhos, mulheres e meninos, sendo reservados d'estes os que serviam para o trafico, e alguns dos adultos para carregarem as bagagens e a matalotagem dos assassinos.

E em caminho, apenas se podia dispensar uma d'estas bestas de carga, mettia-se-lhe uma bala na testa.

Crahy, para justificar sua fidelidade á bandeira, e o principio de que o renegado é o peor dos inimigos, assassinou ao entrar na aldêa, por suas proprias mãos, sua sogra – a mãe de sua mulher!

Cró e Crahy deram baixa ha muitos annos, e vivem para as partes de S. Miguel na maior obscuridade.

Mas quando se trata de matar uma aldêa, façanha que de tempos a tempos se repete, estão certos os dous renegados que hão de receber o seu cartão de convite.

Matar uma aldêa! Não passe a linguagem desapercibida.

Por mais horrorosa que pareça, nada tem de hyperbolica.

É uma phrase technica na giria da caçada dos selvagens. Os Srs. Cró e Crahy entendem perfeitamente a metonymia, e recebido o convite tratam de fazer a empreitada á satisfação de quem lh'a encommenda.

A cousa se faz, em geral, como na Capivara.

Cerca-se a aldêa de noute, dá-se o assalto de madrugada. É de regra que o primeiro bote seja – apoderarem-se os assaltantes dos arcos e das flechas dos sitiados que estão amontoadas no fogo que faz cada familia.

As mais das vezes n'este primeiro lanço Cró e Crahy desarmam completamente os sitiados.

Procede-se á matança.

Separados os kurucas, e alguma india moça mais bonita, que formam os despojos, sem misericordia faz-se mão baixa sobre os

outros, e os matadores não sentem outra emoção que não seja a do carrasco quando corre o laço no pescoço dos enforcados.

Ainda em 1854 os Srs. Cró e Crahi fizeram uma empreitada d'estas no lugar denominado – Guariba, á margem do Jequitinhonha. Havia precedido o assassinato de Antonio do Carmo, homem bom, morador na vizinhança, e em represalia se fez uma hecatombe de selvagens.

O Sr. Cró, ás vezes toma por matalote para as suas façanhas em vez do Sr. Crahy o Sr. Lidoro, outro indigena que tambem foi soldado de divisões.

Pelos annos de 1834 a 1838 havia desertado um terceiro indigena de nome José.

José fez-se capitão de uma tribu numerosa na serra do Chifre, onde se diz haverem riquezas de ouro e diamantes.

Resolveu-se matar o capitão e a aldêa, mas como o capitão era valente e acautelado, foi preciso destacal-o dos seus.

Lidoro foi visital-o, convidou-o para um passeio longiquo, e depois de o assassinar foi reunir-se a Crahy, e com numerosa escolta passaram a matar a aldêa do Chifre.

Matavam-se aldêas no Jequitinhonha, no Mucury, e no Rio Doce, em Minas, e no Espirito Santo.

N'esta ultima provincia, na comarca de S. Matheus, referiu-me pessoa do lugar uma das ultimas tragedias occorridas.

Foi protagonista um militar commandante do destacamento, pessoa estimavel a outros respeitos, cujo nome omitto em razão dos seus cabellos brancos e em attenção á sua numerosa familia.

Em represalia de um accommettimento dos indios este militar deu-lhe na aldêa, exactamente pelo methodo Cró e Crahy.

Os resultados foram como sóe acontecer, e para que se não podesse pôr em duvida a façanha, o commandante trouxe para S. Matheus o asqueroso despojo de 300 orelhas, que mandou amputar aos selvagens assassinados.

Se não fosse a authenticidade da pessoa que escreveu estas palavras que acabamos de transladar, ninguém acreditaria em tão estranha perversidade. É incrível que o Brazil em 1854, em pleno seculo das philanthropias,

retrogradasse até aos tempos nefários de Cortez e Pizarro, nivelando-se em ferocidade com os paizes mais barbaros do interior da Africa. (3)

As minas do Castello foram novamente exploradas, e consta-nos que algumas amostras de ouro foram remetidas para a Côrte pela presidencia d'esta provincia nos annos de 1820, 1824 e 1847; hoje,

(1) Em uma recente viagem que fizemos á capital de Minas, recebemos ahi para o Museu Nacional dous craneos de indigenas: um de homem, e outro de mulher, acompanhados por um bilhete com estas declarações: «Dous craneos de indios».

O indio chama-se Chapukane, era o homem mais valente da tribu Pochichá, e a india mulher do mesmo, chamava-se Réná.»

O primeiro deveria ter pertencido a um individuo de 35 a 40 annos, robusto, intelligente e de *sympathia* figura.

A sua forma perfeitamente oval, o grande desenvolvimento do seu diametro antero-posterior, a sua grande capacidade, a inclinação de diante para traz do coronal, o angulo facial que mede menos de 70°, etc., fizeram-nos crer que não pertencia a um pochichá puro-sangue; mas sim a um mestiço de sangue africano.

Apresentava um formidavel rombo do lado esquerdo, produzido por duas vastas cutiladas, uma obliqua interessando o occipital e o parietal até a sua bossa com fractura da parte anterior e inferior do parietal e da parte lateral do coronal, principiando no ponto terminal da cutilada e terminando na linha aspera que limita a fossa temporal pela parte anterior e um pouco acima da apophyse orbitaria externa do mesmo lado; e um outro horizontal interessando o occipital, a base do rochedo, e temporal acima da arcada zygomatica e um pouco do frontal, completando assim uma secção irregularmente triangular de 0,13 de comprimento, e de 0,073 de largura.

Atraz do rochedo e para fóra do buraco occipital notava-se um furo redondo continuo com a abertura triangular que nos pareceu ser de bala de pistola, apezar do seu exagerado diametro.

Além d'estes ferimentos havia tambem um outro que levou parte da apophyse mastoide e tocou na base da arcada zygomatica pela parte posterior.

A obliquidade da primeira cutilada, de diante para traz e de cima para baixo, a sua posição do lado esquerdo prova que o golpe fóra vibrado de um logar superior á cabeça do indio, isto é, que este fóra morto por um cavalleiro, e que enfrentara de cabeça erguida o seu deshumano assassino. O mesmo prova o ferimento da apophyse mastoide.

Emquanto ao ferimento horizontal e ao da bala são elles o ferrete ignominioso do seu matador; já o indio jazia estendido sobre a terra, talvez ja sem vida, quando os recebeu.

Foi um requinte de malvadez, que só se encontra nos covardes sicarios e nas almas vis.

O maxillar inferior é muito forte, as inserções musculares bem accusadas, a dentadura magnifica como ainda não vimos tão esplendida.

A vista do craneo inspira compaixão e dolorosa *sympathia*.

O segundo craneo pertencia a uma joven india, cujos dentes do siso começavam a desabrochar e apresentava os ferimentos seguintes:

Um golpe de sabre atirado de cima para baixo e de traz para diante, levando parte da abobada craneana entre a bossa parietal direita, suturas bi-parietal e fronto-parietal de 0,035 de comprimento e de 0,026 de largura; dous ditos lineares sobre o alto da cabeça, interessando o frontal, o parietal direito com fractura de ambas: um dito e fractura na parte posterior do mesmo parietal; um dito interessando a parte posterior do parietal esquerdo e a parte superior do occipital; um dito cerceando o rochedo direito, e interessando pouco o occipital. Estes 3 ultimos ferimento, ou foram feitos depois da india ter cahido de braços ou quando ella fugia depois de ter recebido os ferimentos mortaes da cabeça.

A primeira hipothese é mais plausivel, pois não é possivel que um ente fraco, como deve ser uma joven de menos de 21 annos de idade, pudesse ainda correr depois de ter recebido 3 ferimentos mortaes que deviam prostral-a immeditamente exangue.

Que classificação merecerá nos annaes militares da provincia de Minas, d'esta provincia tão briosa e tão humana, um acto que fica abaixo de toda a critica possivel? Estes craneos ficarão guardados para eterna ignominia dos miseraveis assassinos dos pobres indios, e das autoridades que não tiveram a sufficiente dignidade para os fazer punir.

porém, não se nota em parte alguma vestigio de mineração recente e parecem estar repetindo aos ouvidos do viandante que as contempla os seguintes versos de Dante.

...Nessum maggior dolore
Che ricordarsi del tempo felice
Nella miseria

Nenhuma dôr é mais cruel do que recordar-se na miseria o tempo feliz que se tem passado.

11. – Munidos de trena, archotes, phosphoros, e guiados pelos nossos amigos Carlos e Conrado, eu, os meus companheiros de viagem, e mais uma duzia de curiosos voluntarios penetramos o interior da Gruta.

A entrada da Gruta é pelo lado do N., e, antes de chegar á porta do corredor que segue para o seu interior, atravessa-se uma vasta plataforma abrigada por uma especie de alpendre de rocha calcarea compacta, de cuja abobada cinzenta e á direita de quem entra pende um grande estalactite de 2,885 de comprimento, 0,625 de largura, e de 0,44 de espessura.

A plataforma tem 29,37 de comprimento, 14,74 de largura, e 5,295 de altura.

Este estalactite é uma especie de phonolitho, que, sendo tangido por um martello ou pedra, emite um som metallico, forte e prolongado; a esta particularidade deve este primeiro compartimento o nome de – sala do sino – ou o de Maracapára, como lhe chamam os indios coroados do Itabapoana.

O nome de – casa de sino – repetido muitas vezes pelos coroados induziu em erro não poucos dos primeiros posseiros que entraram nestes sertões, os quaes tomaram este nome por alguma igreja abandonada pertencente outr’ora a alguma das aldêas catholicas sujeitas á jurisdicção dos jesuitas, e que hoje desapareceram completamente.

Referiu-nos o capitão Pedro Dias, que, sahindo elle com mais companheiros, guiados por um indio, em procura da tal maracapára, descobriu esta gruta depois de alguns dias de fadigas e privações.

Naquella epocha o pavimento, que é um pouco inclinado de fóra para dentro, estava todo forrado de uma espessa camada de folhas de sapé ainda bem conservada, que, segundo a opinião do capitão Pedro

Dias, deveria ter servido de leito a um grande numero de individuos.

Hoje serve de abrigo aos animaes da fazenda.

Esta primeira sala apresenta todas as condições de uma habitação commoda e saudavel; é de um acesso facil, sufficientemente elevada acima das aguas do ribeirão da povoação, bastante espaçosa, arejada e secca.

Se não fosse a tão prodigiosa quantidade de pulgas e bichos, talvez que não pudessemos resistir ao desejo de armar as nossas barracas debaixo de tão pittoresca morada.

A rocha nesta face é cortada a pique, e apresenta differentes canaes irregulares, que servem de ninhos ás andorinhas, e de escondrijos aos morcegos e corujas.

A rampa existente entre a plataforma e uma pequena nascente, que corre na base da montanha está quasi toda coberta de pedras calcareas extrahidas do interior, sendo algumas bem volumosas.

Da sala do sino passa-se para a do Docel por um corredor muito irregular de 39,71 de comprimento de 0,66 a 3,74 de largura e de 3,3 a 6,6 de altura, cuja porta de 5,295 de altura e de 4,855 de largura é guarnecida de columnas invertidas de estalactites, algumas das quaes assemelham-se a esboços de figuras, o que não deixa de ser de muito agradável effeito.

O fundo do corredor é estreitado por um degráu de 4,18 de altura que lhe difficulta um pouco o transito neste logar.

O segundo compartimento é uma espaçosa e elegante sala de 20,46 de comprimento, 16,50 de largura e de 1,96 de altura. Uma das suas paredes apresenta um grupo de estalactites dispostas de maneira a simular um solio regio com cadeira de espaldar e a competente cupola guarnecida de franjas e rendados de primoroso lavor, etc., d'onde lhe vem o nome de sala do Docel.

De alguns estalactites goteja agua de gosto calcareo.

A sala do Docel communica-se com a dos Estagmites por um corredor de altura apenas sufficiente para transitar-se por elle sem grande incommodo, o qual tem 16,94 de comprimento, 1,76 de largura e 1,32 de altura.

Esta sala é baixa, circulada de estalagmites, o chão humido e coberto de um pó unctoso, as suas dimensões são: 8,8 de comprimento, 6,16 de largura e 1,1 de altura.

Por um postigo estreito entra-se em um corredor baixo de 13,2 de comprimento, 2,86 de largura e de 0,77 de altura, que vai ter á sala do Selim, tambem chamada sala do Altar.

É um esplendido salão de 16,72 de comprimento, 16,5 de largura e de 4,4 de altura, apresentando um painel curioso e variado.

De uma das suas paredes destaca-se uma pedra bastante prolongada que toma a configuração de um selim de amazona com os ganchos e relevos formados por congelações estalagmíticas. Ao lado do selim vê-se uma oblonga meza de pedra, ligeiramente inclinada, sobre a qual notam-se varias series paralelas de furos redondos, cavados pela agua que goteja do tecto, os quaes á primeira vista fazem crer que se está dentro de uma officina de fabricar machadinhas de sílex da idade de pedra polida.

O que porém ha de mais precioso para o estudo da paleanthropologia é um acervo de ossos humanos pertencentes a mais de 20 individuos, que se contempla em uma especie de nicho, que existe em uma das paredes da sala na altura de 1,76, chamado vulgarmente – Altar.

Este altar é uma crypta horizontal da rocha, da fórmula de uma cunha, com a parte mais larga voltada para fóra.

Quando o capitão Pedro Dias aqui penetrou pela primeira vez, os esqueletos estavam completos, deitados sobre o dorso, com as cabeças voltadas para o lado da entrada, e separados uns dos outros por uma vara de 0,025 de diametro, mais ou menos e do comprimento dos esqueletos; hoje estão revolvidos na maior confusão possível, chegando a ignorancia e o vandalismo a ponto de destruirem todos os craneos e uma grande parte dos ossos longos.

Um unico parietal que encontramos inteiro desfez-se em pó logo que foi tocado. Alguns ossos longos como o femur, tibia, humero, etc., estavam bem conservados.

Este ossario illuminado pelos archotes de todos os visitantes, agrupados em semi-circulo diante do altar, fez-nos lembrar das procissões funebres, e ceremonias religiosas de que usavam os homens primitivos quando levavam os seus cadaveres para os sarcophagos subterraneos.

Quantos pensamentos não occorrem ao espirito ao contemplar debaixo da terra esta ossada completamente descarnada, e pela maior parte já reduzida a pó!

O escrupuloso cuidado com que os antigos troglodytas do Castello se esmeravam em estremar bem os corpos dos seus mortos por meio de uma vara, de maneira que os ossos de um não se podessem confundir com os de outro, salvaguardando assim a integridade individual de cada um, revela claramente, que, além do respeito aos mortos, criam tambem na sua resurreição; e portanto na immortalidade da alma.

Tudo isto nos leva a crer que a idéa simples e justa de um Deus foi conhecida dos homens em todas as idades, e em todos os paizes desde a mais remota antiguidade prehistorica, e que esses systemas confusos e absurdos de atheismo e de idolatria, que deshonram a historia de alguns povos, são meras invenções dos espiritos fortes, fautores de doutrinas proprias para entretenimento de parvos curiosos, avidos de novidades.

Da sala do Selim passa-se por uma porta larga para a sala das Estalactites, apparatuso compartimento que representa o interior de um Templo, de cuja abobada pendem differentes lustres com grandes pingentes.

Poucos são os estalactites que apresentam uma crystalisação completa, uns são apenas semi-crystalisados, e outros completamente amorphos.

A sala dos estalactites communica-se com a sala das Boubearas por meio de uma galeria larga de 13,20 de comprimento, 4,4 de largura e de 1,32 de altura, chamado corredor de espinhos por ter o chão coberto de incrustações calcareas ponte-agudas, resultantes das infiltrações estalagmiticas.

A galeria apresenta uma angustia, ou estreiteza formada pela approximação das paredes lateraes e por uma ponta de pedra que

se ergue do chão, inclinada para diante, á maneira de uma valvula incompleta, que, obstruindo mais de metade da passagem, obriga o visitante pouco pratico a dar uma cambalhota involuntaria e a se ferir nos espinhos.

Referiu-nos tambem o capitão Pedro Dias, que quando a Gruta foi descoberta, toda esta galeria estava completamente entulhada de ossadas humanas, pela maior parte já reduzida a pó, e as que ainda restavam inteiras desfaziam-se pela mais leve pressão.

A sala dos banheiros, que não é mais do que a continuação do corredor de espinhos, do qual só se distingue pela configuração do assoalho, é o ultimo compartimento da Gruta, e um dos mais curiosos; tem 13,2 de comprimento, 5,06 de largura, e 1,1 de altura.

As banheiras são formadas por estalagmites dispostos de maneira a formarem sobre o assoalho relevos altos e sinuosos, circumscrevendo áreas de differentes dimensões e de figuras as mais grotescas.

Existem ao longo da sala muitos fragmentos ponteagudos de estalactites que se desprendem espontaneamente do tecto, o que é bastante perigoso para o visitante, que repetidas vezes é forçado a andar sobre os joelhos, ou a apoiar-se sobre as mãos.

Da sala dos banheiros sáe-se no primeiro corredor, a poucos passos da entrada, por uma galeria horizontal muito baixa de 21,34 de comprimento, de 0,88 a 1,98 de largura, e de 0,44 a 1,1 de altura.

O seu transito é summamente afanoso e de perigo por ser feito quasi todo de rojo, á maneira dos reptis, e por ser o chão muito accidentado e coberto de asperezas e pedrinhas cortantes. A sahida é muito baixa e apenas dá passagem a um individuo medianamente gordo.

A todos estes incommodos accresce mais o encontro com grandes cheiropteras-andirú, guaçu-morcego grande (*Phyllostoma hastatum* Geoffr.) dormindo suspensos de cabeça para baixo á abobada da galeria, os quaes despertados de surpresa pelos seus inesperados hospedes, esvoaçam a esmo, apagando as luzes, e dando gritos agudos, semelhantes a risadas sarcasticas; felizmente estes habitantes das trevas são mais repugantes do que offensivos.

Ao sahirnos, notamos que a temperatura de fóra era fresca, e que fazia mesmo algum frio, entretanto que a do interior era quente e suffocante.

A Gruta, abstrahindo-se da sala do sino, tem a configuração de uma ferradura, e cada uma de suas salas é decorada com uma côr differente, o que attribuímos ao estado hygrometrico desigual das suas paredes. O pavimento das salas e dos corredores é em geral coberto de um pó escuro de calcareo desagregado e decomposto, unctuososo ao tecto, e de materias estranhas.

Qual seria a origem da Gruta?

A quasi horizontalidade do assoalho das salas e dos corredores, o seu doce e uniforme declive nos fazem suspeitar da existencia de trabalho lento d'aguas, alargando-se pela erosão as fendas naturaes já existentes no interior da rocha; o isolamento porém da montanha, e a altura do plano em que se acha a Gruta, parece excluir esta hypothese.

Será mais razoavel attribuil-a a um cataclysmo no interior da rocha, devido a phenomenos volcanicos? Opto mais pela primeira hypothese, admittindo-se que a configuração topographica do lugar não era a mesma na occasião em que se formou a Gruta, não existindo ainda a erosão do valle que hoje cinge e isola a montanha.

A circumferencia da base da montanha é de 877,58; a sua altura, tomada da pequena nascente, que corre de N. até a bocca da Gruta, é de 22,75; e d'ahi até o cume é de 99,37.

N'este mesmo dia demos principio a uma pequena excavação no fundo da sala do Sino, e ao lado esquerdo (de quem entra) da porta do corredor, de 1,98 de comprimento, e de 1,1 de largura, onde encontramos os objectos seguintes, que estão classificados na ordem em que foram achados: 1º, uma camada de estrume de gado de 0,2 de espessura; 2º, carvão vegetal, e uma grande quantidade de cinza estratificada, cujos estrados estavam bem discriminados pelas materias estranhas intercaladas, e pelas côres alternadas das suas camadas, desde o branco de soda até o cinzento escuro; 3º, um dente mollar humano; 4º, carvão animal; 5º, alguns fragmentos de tubos intestinaes; 6º, um fragmento de tibia humano, fendido longitudinalmente; 7º, a extremidade inferior de

um peroneo humano da perna esquerda ligeiramente tostado pelo fogo; 8º, duas primeiras phalanges de pollegar pertencentes a dous individuos diversos; 9º, dous terceiros metacarpianos pertencentes tambem a dous individuos diversos; 10º, um primeiro metatarsiano do pé direito; 11º, emfim, fragmentos de conchas terrestres do genero helice.

Todos estes ossos pertenceram a individuos adultos; e em todos via-se mais ou menos distinctamente a acção do fogo, que se tornava mais pronunciada nos ossos da mão e no fragmento do peroneo.

O osso metatarsiano era de um pé bastante grande e reforçado, o que não deixa de ser bem significativo, pois os nossos indigenas têm os pés pequenos ou medianamente grandes, como temos por muitas vezes verificado em indios de differentes tribus. Esta mesma observação já tínhamos feito nos ossos do interior da Gruta, que pertenceram quasi todos a homens altos e de pés grandes.

12. – Continuamos a excavação e ainda achamos um tubo membranoso, carbonisado em parte, que pela fórma, tamanho e textura pareceu-nos fazer parte dos intestinos delgados do homem.

Quanto mais para o centro mais escura e uniforme vai-se tornando a côr da cinza; e as ultimas camadas formam um todo mais homogeo, sem vestigio algum de ossos e de carvão animal: o seu aspecto, a sua côr mais carregada, a sua maior densidade, etc., revelam que datam de uma epocha muitissimo mais remota do que as camadas onde encontramos os ossos.

O numero de estradas indica o numero de vezes que a Gruta foi habitada, e a côr escura das materias estranhas, que as separam marca o interregno ou lapso de tempo que ella deixou de ser occupada.

Nem um dos objectos achados no cinzeiro é contemporaneo dos ossos do interior da Gruta.

Os ossos do cinzeiro, posto que tenham mais de um ponto de contato com os do interior, são, comtudo, de uma epocha muito mais recente, e talvez que não remontem além da expulsão dos habitantes das minas do Castello pelas cabildas antropophagas, que, ainda no tempo do Capitão G. de Monliére, povoavam estes sertões.

A presença d'estes ossos no lugar do fogão, a acção do fogo sobre

elles, a maneira por que foi fendida a tibia, são indícios de que formaram restos de cosinha dos ultimos habitantes da Gruta.

Na profundidade de 1,87 encontramos uma lage calcarea de 0,1 de espessura, bastante larga, servindo de limite inferior ao cinzeiro, e coberta pela face superior de pequenos crystaes do formato de grão de arroz, dispostos symetricamente em raios convergentes, como se existisse um centro que os attrahisse.

Em alguns logares estes crystaes acham-se agrupados, formando pequenas e elegantes pinhas e rosas côm de topazio.

Abaixo d'esta lage começa a terra vermelha em tudo semelhante á que reveste a montanha, envolvendo muitas pedras soltas e algumas duzias de conchas conicas do genero helice, tostadas pelo fogo.

A ausencia de ossos humanos no fundo do cinzeiro, onde só encontramos restos de caramujos assados, faz presumir que os homens que habitaram primitivamente a Gruta não eram anthropophagos, que alimentavam-se de molluscos, raizes e fructas; e se faziam tambem uso de carne de caça, como é provavel, calcinaram todos os ossos, porque não os encontramos nas ultimas camadas de cinza, ou assariam a carne fóra da Gruta e debaixo da terra como até hoje fazem muitas tribus.

Suspendemos os trabalhos de excavação por não estarmos munidos de instrumentos apropriados para a proseguir.

Pelo que acabamos de expor, e pelo resumido numero de reliquias preciosas encontradas, devemos concluir que a Gruta das minas do Castello está muito longe de poder ser comparada com as de Minas Geraes, que são muito mais vastas, mais esplendidas e encerram riquezas archeologicas de muito mais subido valor.

Ao recolhermos á tarde ao nosso aposento, não podemos deixar de scismar sobre a origem e a ancianidade dos ossos da Gruta.

Em quanto aos do cinzeiro, estão elles fóra de combate, pertenceram a individuos de raça européa ou africana, e são de recente data.

A que raça pertenceriam os do interior? A que epocha remontará a sua idade?

A falta de um craneo impossibilitou-nos de fazer um estudo com-

parado e minucioso para sabermos com certeza a que raça pertenciam.

Sobre a sua ancianidade nada podemos affirmar de positivo.

Pertenceriam á raça primitiva que povoou o Globo antes do Diluvio?

Pertenceriam a alguma das tribus indigenas que habitavam estes sertões antes ou no tempo da sua conquista pelos portuguezes?

Qualquer das duas hypopheses póde ser verdadeira; porém a fragilidade, a completa decomposição da maior parte dos ossos, não obstante estarem abrigados dos agentes destruidores, e outras razões que passamos a expender, excluem a segunda.

É tambem a favor da primeira hypophese a grande analogia dos ossos da Gruta com os ossos antidiluvianos descobertos na Europa, e na provincia de Minas Geraes.

Em 1844 um naturalista de Puy M. Ayamard descobriu perto da cidade de Denise, dentro de uma crypta de rocha ignea, ossos humanos, e do lado opposto, em uma crypta identica, ossos de elephas primigeneus, de rhinoceros tichorhinus, e de mastodontes, animaes que faziam parte das especies que caracterisam em geral a fauna quaternaria.

O sabio geologo inglez Falconer observou tambem na brecha de uma gruta da Sicilia ossos de elephas antiquus, de hyenas spelæa, de ursos spelæus, de um animal do genero felix, de hippopotamo, cinzas, e ossos humanos, todos pertencentes á fauna paleozoica da idade quaternaria. Estes ossos, apezar de estarem expostos ao ar livre, sem a protecção de camadas calcareas, achavam-se perfeitamente conservados.

Um exemplo ainda mais frisante da longevidade a que póde attingir intacta uma ossada antidiluviana é a descoberta feita recentemente no meio dia da França, e nas margens do Mediterraneo.

Em 1842 um official de covoqueiro, passando junto á Montanha de Fajoles, nos arrabaldes da cidade de Aurignoc, viu um buraco onde refugiavam-se os coelhos; lembrou-se de introduzir por elle o braço, e extrahiu differentes ossos humanos; estimulado pela curiosidade alargou a entrada, e por ella penetrou no interior de uma caverna, onde achou ossos humanos e em grande abundancia tão bem conservados, e tão perfeitos que foram julgados por todos pertencerem a individuos

que tinham vivido em uma epocha muito recente; e não faltavam novelleiros para improvisar contos sobre a existencia de uma quadrilha de falsos moedeiros, e de salteadores; e muitos antigos do logar ainda tinham reminiscencia de terem ouvido contar que em outros tempos esses malfeitores infestavam estas paragens, servindo-lhes de escondrijo a caverna, e ao mesmo tempo de sepultura ás suas victimas.

É aos estudos paleozoicos de M. E. Lartet que a sciencia deve a revelação d'este mysterio.

Este sabio, querendo examinar por si mesmo todos os despojos que ahí ainda podesse descobrir, dirigiu-se para a caverna em 1860, e procedendo n'ella a minuciosas pesquisas, encontrou ossos humanos antidiluvianos, perfeitos, e em completa promiscuidade com ossos do grande urso das cavernas, do grão mammoth, de rhinoceronte, do grande tigre das cavernas, do cervo gigantesco, da hyena das cavernas, uma sovela feita de ponta de cabrito montez, differentes armas, e ossos de alguns animaes de especies contemporaneas. Os ossos longos estavam quasi todos fendidos longitudinalmente: em alguns viam-se golpes feitos por instrumentos cortantes, e em outros impressões de dentes de animaes carnivoros. A maneira de dividir longitudinalmente os ossos longos revela que houve um fim intencional para os fender n'este sentido, talvez para extrahirem o tutano de que os povos selvagens são até hoje muito avidos, e os talhes que se notavam na superficie de alguns provam que a carne fôra d'elles destacada pela mão do homem.

Todas estas conjunções de circumstancias e de factos demonstram sufficientemente que esses ossos humanos tão bem conservados e tão perfeitos, pertenciam a individuos que coexistiram com os grandes mammiferos da fauna antidiluviana; pelo que M. E. Lartet conclue que os ossos achados na caverna de Aurignac são coevos do grande urso, e do grão mammoth.

Um outro exemplo, não menos convincente da perduração dos ossos humanos no estado fossil, é a descoberta recente, feita em 1872 por M. E. Rivière, de um esqueleto completo nas margens do Mediterraneo, proximo de Menton, nas fronteiras da Italia.

Esse troglodyto, que constitue uma descoberta fundamental para os sectarios da temporaneidade do homem com o grande urso, figura hoje nas galerias do Museu de Historia Natural de Paris.

A historia da humanidade primitiva apresenta uma infinidade de exemplos de ossos pertencentes á anthropologia prehistorica com mais ou menos affinidade com os da Gruta do Castello.

O sabio naturalista Lund examinou no Brazil 800 grutas, das quaes muitas eram ossíferas, e continham ossos humanos perfeitamente conservados.

Na gruta do lago do Sumidouro, na provincia de Minas Geraes, descobriu elle ossos humanos, procedentes de mais de trinta individuos, acompanhados de ossos de quadrumanos, de carnivoros, de roedores, de pachydermes, e de tardigrados de raças extinctas; pelo que conclue que os individuos humanos a que pertenceram esses ossos eram contemporaneos do megatherio, e de outros grandes animaes que caracterizam a epocha quaternária.

A historia dos nossos indigenas depõe tambem contra a segunda hypothese.

Os Tupiniquins, os Guayanás e outras tribus selvagens que habitavam esta provincia em 1525, quando foi descoberta, mettiam o defunto de cocaras, em posição analogá á dos fetos no ventre materno com todos os seus trajos, dentro de uma talha de barro cosido.

Ainda hoje se encontram muitas d'estas talhas ou urnas funerarias chamadas camucim, em quasi todas as provincias do Brazil, o que constitue uma prova irrefragavel de que esta maneira de enterramento era a mais geralmente admittida pelos indigenas.

Outros davam sepultura aos seus cadaveres em covas redondas, suspensos em redes.

A numerosa nação dos Aymorés, que a seu turno dominou estes sertões e que hoje habita os valles do Rio-Doce e Mucury, não sepultava os seus cadaveres expostos em cavernas.

«Preparam ao defunto, (diz Marlière,) uma cama de cinza dentro da cova, julgo que é para livrar da humidade; deposto nella, é coberto

com pelle, se as tem, ou de cascas de arvores batidas, para o que tem ordinariamente o giquitibá muito embirento, cobrem tudo com terra e immolam-lhe o seu cão, se o têm, a quem dão tambem depois de morto um bocado de carne para subsistencia na viagem.

Coberto tambem o cão de terra edificam uma casa forte e duravel da melhor madeira, formam dentro uma especie de morada bem segura e nella põem as iguarias todas que podem ajuntar para o defunto, e até ao redor da casa alimpam bem o terreno e nelle plantam abobora, mandioca e milho para a sua subsistencia. Accendem duas fogueiras de lenha grossa, de um e outro lado da sepultura para o livrar do frio, e todo o referido renovam as familias do defunto quantas vezes por elle passam.

Accresce mais que se é homem tem perto de si arcos, flechas, panellas e canudos d'agua, e se é mulher, panella e agua somente. De igual pratica usam tambem os Coroados» (1).

A feroz nação Guaytacá, que provavelmente refugiou-se para estas brenhas quando foi expulsa dos seus campos, e pantanos ao sul do Itabapoana, abandonava os seus cadaveres, ou os lançava em algum rio ou lago.

Os Purys (este nome quer dizer salteador, vagabundo, miseravel, etc., e não antropophago, como injustamente se diz, que ainda hoje habitam o alto Itapemirim enterram em covas os seus cadaveres envolvidos em redes, ou mettidos dentro de camucins; porém não lhes deixam provisão alguma de bocca e nem arma de qualidade alguma.

Quando vinhamos de Minas em 1863, passando pela freguezia de Nossa Senhora da Natividade, situada á margem esquerda do Carangola, fomos informados por um amigo, que um fazendeiro distante 6 kilometros da povoação, estando abrindo um buraco para edificar um moinho, descobrira um vaso de barro cosido, contendo alguns objectos que lhe pareceram residuos de ossos e mais alguma cousa que elle não pôde reconhecer. Mandamos logo um expresso para verificar o facto e obter, se fosse possivel, o vaso para o Museu Nacional. Infelizmente foi de muito pouca duração a nossa illusoria esperança; o portador, que

(1) Capitão Th. G. de Marlière, manuscripto.

poucas horas demorou-se, trouxe-nos a noticia de que o fazendeiro, ignorando o valor scientifico d'esse achado, inutilisara-o lançando-lhe em cima um esteio!

Na margem esquerda do rio Barra Alegre, tributario do Itabapoana, examinamos em uma crypta de rocha granitica ossos humanos envolvidos em uma camada de terra, e cobertos por grandes e pesadas lages, fazendo as vezes de lousas para os occultar, e os subtrahir assim á profanação dos animaes carnivoros. Os craneos estavam completamente esmagados pelo peso das cobertas, e só alguns ossos longos e os dos pés e mãos estavam bem conservados.

O exame d'estes ossos veio corroborar mais a nossa opinião de que, sendo os ossos do cinzeiro de individuos de pés grandes, não podiam ter elles pertencido a nenhuma das nossas tribus indigenas, que todas têm os pés pequenos ou medianamente grandes: esses ossos eram todos de individuos de pés pequenos. (1)

Nas provincias do norte se tem ultimamente descoberto grutas com esqueletos de indios; porém estão todos invariavelmente encerrados em urnas funebres e nunca expostos como os da Gruta do Castello.

(1) Depois de já termos escripto estes apontamentos, tivemos noticia de uma gruta na fazenda de Sant'Anna, municipio de Juiz de Fóra.

Esta gruta, descoberta por um alumno da Escola de Medicina da Côte, em uma das montanhas que formam a serra da Babylonia, é aberta naturalmente no perfil vertical de uma rocha de gneiss; e explorando-a a convite do commendador M. M. Coelho de Castro, descobrimos soterrados no seu interior alguns camucins, encerrando corpos de crianças, perfeitamente mumificados.

O sabio professor C. Fr. Hartt, cujo passamento prematuro a sciencia lamenta, continuando depois a exploração, ainda conseguiu exhumar algumas mumias, e varios artefactos. As mumias dos adultos estavam fóra das urnas; porém, cuidadosamente envoltas em redes e bem cobertas com terra e pedras.

Depois d'estes exames, e achando-nos em Ouro Preto, resolvemos a ir á Ponte Nova, para visitar um amigo de infancia, e de passagem uma – caverna cemiterio – ; e em companhia do meu illustrado collega e antigo amigo Dr. L. A. de Souza e Silva, dirigimo-nos á fazenda dos Oratorios, logar da caverna, e propriedade de tres distinctos medicos, que são outros tantos ornamentos d'aquelle florescente e esperançoso municipio.

Infelizmente, nem a boa vontade dos meus intelligentes collegas, nem o direito de propriedade, e nem o respeito aos mortos, poderam salvar as urnas funebres e os seus conteúdos, do cacete do vandalismo: tudo foi quebrado ou subtrahido! Apenas podemos salvar para o Museu Nacional um camucim, que, por estar já arruinado, pôde escapar á destruição geral, mas que pôde ser perfeitamente restaurado: tem a configuração exacta de um ovo, com a extremidade mais volumosa para cima, muito semelhante aos que descobrimos na gruta de Sant'Anna.

Os nossos collegas informaram-nos que, quando se descobriu a caverna, cada urna estava envolvida em uma especie de tecido tosco, feito de cascas de sipó imbé, como ainda se vêm os restos ao redor do camucim que escapou, e perfeitamente tampados. Os de Sant'Anna estavam enleados com imbiras de imbaúba e giquitibá.

Todos estes indícios e razões actuando sobre o nosso espirito nos levam a inclinar mais para a primeira hypothese, e por isso pensamos que os ossos da Gruta do Castello, que serviu outr'ora de morada, e de necropole, pertenceram a homens que viveram antes do Diluvio.

Nada ha mais vago do que esta opinião; porém ella é filha unicamente do desejo de acertar, e de concorrer com a nossa pedrinha para a construcção do grandioso edificio da Paleanthropologia, ainda tão pouco estudada no Brazil.

De boa vontade aceitamos toda a critica que se basear em melhores conjecturas, ou em factos mais plausiveis; «car la fin de l'homme, son but, as gloire, c'est la vérité.»

Disse-nos tambem o Dr. Souza e Silva que n'essa epocha as urnas estavam completamente intactas, que os ossos longos nellas contidos estavam todos fracturados, e que algumas continham ossos tão alvos, e o seu interior estava tão limpo, que pareciam ter sido elles alli depositados depois de terem soffrido alguma operação anatomica, para os purificar de todas as suas partes molles.

As fracturas apresentam uma superficie de uma alvura mais recente e mais uniforme, do que a côr externa do corpo dos osso, que é alvadia, com grandes manchas avermelhadas e esverdeadas de bolôr, o que constitue forte presumpção ou mesmo prova de que foram ellas feitas muito posteriormente á operação dos ossos. É de suppor que os ossos longos fossem fracturados para melhor serem accommodados na urna, onde não estavam atirados a esmo, mas sim, dispostos com certa arte; estavam arrançados de sorte a guardarem a mesma posição que elles teriam no feto durante a vida uterina.

Esta fórmula de ovo que os indigenas davam ás suas urnas funebres, e a disposição methodica dos ossos, ou dos cadaveres no seu interior, não será uma imitação dos ovos das aves, e do modo de estar do pinto no ovo?

As urnas estavam bem cobertas por tampas de barro cosido, que as fechavam hermeticamente: esta circumstancia e o facto de conterem unicamente ossos, as afastam um pouco das de Sant'Anna, que eram cobertas de cascas de giquitibá, e continham mumias de crianças.

CAPITULO V

Um sphynge raro. – Das differentes especies de biguatingas.
– O encontro com um bando de vagabundos. – Do rio
Muquy e sua synonymia.

13. – Depois de tirada a photographia da montanha com a entrada da Gruta, apezar do dia chuvoso, começamos o nosso regresso pelo mesmo caminho por onde tínhamos vindo, em direcção á estrada do Bom Jesus, que tínhamos deixado na margem direita do Itapemirim, na fazenda das Duas Barras.

Passando pelo Centro do Mundo, com bastante chuva, não pudemos photographar o Forno Grande, como pretendíamos.

Ás seis horas da tarde chegamos ao rancho de tropa do Gama.

Fazendo uma exploração pelas circumvisinhanças do rancho descobrimos um sphinx da especie mais robusta que conhecemos (*Deilephila imperialis* Boisd), pairando sobre as flores de uma guaxima (*Urena lobata* Cavanilles), conhecida tambem com o nome de carrapicho de imbira, carrapicho de tiriba, e de vassoura grande; emquanto elle revistava o interior do calix das flores com a sua longa tromba, repousava brandamente as patas anteriores sobre as bordas da corolla, agitando de continuo as azas e produzindo com ellas um sussurro especial, que faz lembrar o beija-flor quando adeja sobre as flores, com o qual muito se parece.

A cabeça d'esta rara borboleta crepuscular, a sua face dorsal até um terço da região abdominal e a extremidade caudal são de um verde escuro avelludado, lavado de amarello; d'esta mesma côr são as extremidades adherentes, ou superiores, e as livres ou inferiores das azas, as partes médias d'estas são pretas com estrias pardas; a parte média do abdomen, na face dorsal, é de um pardo esverdeado, manchado de amarello; a face anterior, abrangendo toda a região thoracica e abdominal, é manchada de vermelho alaranjado, de amarello, de verde, e de escuro; a face anterior das azas é de um vermelho ferrugineo

irregular, com estrias mais escuras.

Da margem do Rio do Castello observamos tambem um biguatinga que nadava aguas abaixo, tendo fóra d'agua unicamente o bico e a parte superior do pescoço, conservando submergido todo o corpo; e o teriamos tomado por uma caninana ou por outra qualquer cobra, se não conhecessemos o ardil de que esta ave se serve para subtrahir-se á vista do caçador.

Posto que os naturalistas consignem em seus livros uma unica especie de biguatinga (*Plotus Anhinga* Linn.), comtudo inclinamo-nos mais a crer que existem mais de uma ou mesmo mais de duas especies.

Na nossa modesta collecção temos dous individuos: um do sexo masculino, de côres menos vivas, da região ocular, face e garganta nuas e côr de rosa; e o outro, ignoro o sexo, tem estas mesmas partes bem emplumadas e sem a côr rosea, é maior, de côres mais vivas, mais elegante, e com mais pennas tectrices brancas, principalmente sobre as azas.

Este segundo individuo estava na muda, e o primeiro ainda não a tinha começado, o que era facil de se reconhecer pelas pennas já usadas.

Em 1860 caçamos no Itabapoana um biguatinga semelhante ao segundo; porém maior e com as pennas rectrices elegantemente chamalotadas; infelizmente estragou-se a sua pelle.

O specimen que o Museu Nacional possuie suppomos que pertence a esta especie do Itabapoana.

Deixamos registrado mais este ponto de interrogação para ser um dia respondido pelos competentes na materia.

Ao anoitecer apearam-se na porta da venda cinco individuos maltrapilhas, armados de facas e pistolas, os quaes, depois de frequentes libações, vieram para o rancho nos fazer companhia, com disposições de pernoitarem. As physionomias sinistras e repulsivas de taes hospedes despertaram em todos nós um mesmo sentimento, e cada um tratou, sem perda de tempo, de revistar as suas armas, e de occultar o mais possível o seu relógio, e mais alguns objectos de valor, o que não foi excesso de precaução, como a pratica depois nos mostrou.

Essa criação hybrida, abortada das ultimas camadas da sociedade, e

sem classificação possível entre o genero humano, depois de martyrisar bem os ouvidos de todos com palavradas, algazarras e cantigas capazes de fazerem corar a face dos entes os mais refractarios ao pudor, retirou-se pelas 3 horas da madrugada, furtando os baixeiros dos sellins e alguns cabrestos. Quando pela manhã soubemos que estavamos livres d'essa cafila de ladrões, demos graças á Divina Providencia por ter preservado a nossa bagagem de um maior assalto, e por não termos corrido maior perigo. O que, porém, mais indignou e escandalizou a todos, foi o procedimento de um menino de 10 a 12 annos, que, pela sua descommunal desenvoltura e precoce perversidade, nos pareceu ser o chefe da quadrilha! A cada uma das suas torpes e asquerosas narrativas, o bando em côro respondia com uma rinchavelhada atordoadora, acompanhada por estas sinistras palavras: – Este pequeno dá um companheiro teba – (1). Que negra sorte aguarda o futuro d'essa criança, tão novel em annos e já tão carcomida por vicios tão abominaveis! Do vicio ao crime e d'este á calceta, ou ao cadafalso o caminho é recto e curto.

A abolição da lei do recrutamento cedo começa a produzir os seus amargos e pestilentes fructos.

A lei do sorteio é muito liberal e cautelosa; porém, o Brazil ainda não está em nada preparado para tirar d'ella as vantagens que o seu sabio legislador teve em mente: é muito propria para ser executada em um paiz policiado e não n'este, onde o medo do recrutamento era o unico movel que obrigava os vadios a trabalharem, e a propria imprensa é a primeira a desmoralisar as autoridades, censurando injusta e levanamente todos os seus actos, e dando publicidade a outros que nunca existiram. Em breve teremos de ver augmentar progressivamente a estatistica criminal, se os poderes competentes a não revogarem, ou a não modificarem no sentido de restabelecer o recrutamento para os vadios, vagabundos e desordeiros, unicos protegidos por tal lei, o que é um contra-senso, um absurdo, de que não cogitou o legislador.

Frisamos bem este facto do rancho do Gama, para chamar a attenção

(1) Teba na giria quer dizer guapo, optimo.

das autoridades policiaes para estes logares infestados por estes e outros vagabundos, que, pela maior parte, são criminosos perseguidos pela policia de Minas e do Rio de Janeiro. Felizmente essa infrene ciganagem sem nome, muito frequente n'estas mattas, constituiu uma excepção singular durante a nossa curta peregrinação por esta tão abençoada e hospitaleira terra, muitissimo digna de melhor sorte.

14. – Pela madrugada, o Sr. Florencio pescou no rio do Castello, alguns peixes pertencentes ás especies já vistas na valla do Souza.

Ás 8 horas da manhã proseguimos a viagem e chegamos ás 2 da tarde, á fazenda das Duas Barras, onde tivemos de abandonar a idéa de regressarmos ao Bom Jesus pela mesma estrada por onde tinhamos vindo, por nos informarem que era melhor e mais curta a que segue pelo Muquy do Norte ao Muquy do Sul e ao Porto da Limeira.

Illudidos, posto que de boa fé, tivemos de mudar de rumo.

15 – Das Duas Barras abandonamos á nossa direita a estrada do Calçado, e margeamos Itapemirim abaixo pela estrada do Cachoeiro até além da barra do Ribeirão do Jacaré, atravessando a fazenda de cultura de canna do Dr. Seabra, florescente e pittoresca, situada em uma collina que domina o curso do rio em grande extensão.

Pela primeira vez vimos pousado em uma pedra no meio da correnteza um pernalto, que pela magreza das pernas, sua côr, altura, e enormidade do bico, reconhecemos ser um Jaburú (*mycteria americana* Linn.); porém, tão esquivo que voou para a margem opposta, logo que viu approximar a nossa caravana.

Na margem do Ribeirão do Jacaré exploram com vantagem o calcareo para o fabrico da cal; a que vimos é muito alva e nos pareceu de boa qualidade.

Pouco abaixo da barra d'este riberirão deixamos á esquerda a estrada do Cachoeiro, e embrenhamos em uma espessa matta virgem por uma vereda solitaria e impraticavel, onde são rarissimas as clareiras e cultivados. O terreno é baixo, muito arenoso, cortado por vallões seccos, escasso de agua corrente, e muito apropriado á cultura de canna de assucar, algodão e fumo.

A rica criação de gado vaccum e cavallar que vimos na fazenda de S. Felipe muito recommenda as boas qualidades das suas magnificas pastagens.

Depois de termos desnortado por varias vezes, perdidos no meio da matta virgem, por falta absoluta de caminho e de um pratico, chegamos ás 6 ½ da tarde ao barranco esquerdo do Muquy do Norte com chuva e cerração densa, onde a varanda de uma casa aberta, e em ruinas nos deparou um abrigo insufficiente contra a humidade e o frio da noite.

A etymologia da palavra Muquy póde reportar-se a um dos nomes seguintes:

Mucu-y rio do mucu (synbranchus mucu Linchist.) alterado em Muquy; Mucuy (cont. de mucuim-y) rio dos mucuins, insectos conhecidos vulgarmente com o nome de mosquitos polvora (trombidium) Mícuy (cont. de micuim-y) rio dos micuins, especies de insectos parasitas microscopicos, de côr alaranjada, chamados piolho de cutia pelos mateiros, por serem muito communs n'este animal, os quaes adherem-se tambem facilmente aos bordos livres das palpebras dos caçadores quando dormem no matto, causando-lhes inflamação e uma prurigem insupportavel; ou emfim, póde tambem ser reportada a voz mocoim, que significa dous, para indicar que existem dous rios pares, ou de origem commum.

Os nossos animaes chegaram completamente frouxos pelas repetidas marchas e contra-marchas que foram forçados a fazer, pela matta por causa das muitas perdidas, e por estarem tão magros e seccos que mais se parecem com esqueletos de algum gabinete de anatomia comparada do que com cavalgadura de viagem.

Emquanto se apromptava a ceia o Sr. Florencio, a despeito do frio e da noite, pescou no Muquy alguns alambaris, sairús, acarás, bagres, e timbarés; e, graças á sua rara habilidade piscatoria, pudemos ainda por mais uma vez conjurar para longe uma crise tremenda que estava prestes a desabar sobre os nossos estomagos, que, ha muitos dias estavam adstrictos á alimentação diaria de feijão com farinha, e esta mesmo proxima a findar-se.

Não se faz idéa da carestia de viveres que reina tyrannicamente por estas mattas. Ser obrigado a ingerir a triste refeição de feijão secco de cada dia em uma provincia que podia com as sobras das suas colheitas abastecer o maior mercado do mundo, não depõe muito favoravelmente sobre a previdencia dos fazendeiros; é uma das sequellas necessarias do exclusivismo da cultura do café, com desprezo da dos generos alimenticios.

Os cafeistas deveriam ter sempre em memoria que o café toma-se depois da comida.

Maior e mais sem justificação possivel é o abandono dos paulistas e fluminenses, que vivem exclusivamente da praça, onde compram tudo, até a farinha de mandioca! Este mesmo mal já começa a grassar em Minas: os mineiros já mandam vir do Rio de Janeiro, queijo, toucinho, milho e feijão! Valha-nos Portugal com o seu pernil, e a America do Norte com a sua banha venenosa, morreremos envenenados; mas ao menos morreremos fartos.

Não ha nas vendas um kilo de carne ou toucinho, um peixe salgado, um queijo, uma rapadura, ou qualquer outras virtualhas para venderem aos passageiros: ha cachaça em abundancia.

Á noite tivemos por leito o chão humido e escabroso para estendermos n'elle as nossas camas, e por visinhos ratos e morcegos.

A proverbial hospitalidade dos Espiritosantenses faz com que rarissimas vezes o viajante tenha occasião de dormir ao relento; é necessario que o pouso seja completamente ermo e afastado das casas das fazendas, como este, para ter-se necessidade de recorrer-se ao caldeirão e á barraca de viagem.

A escuridão da noite era apenas interrompida pela luz phosphorescente de enxames de pyrilampos que sulcavam a atmosphaera e em todos os sentidos. Frequentava os logares mais baixos e humidos uma outra especie menor, cuja luz vermelha apparecia de jacto, scintillava por um instante e desaparecia para de novo reaparecer em outro lugar: a femea d'esta especie é aptera.

O ulular lugubre da agoureira suindara, o guincho satanico

dos morcegos, que de continuo nos abanavam o rosto com os seus leques membranosos, o murmúrio do Muquy correndo a nossos pés, trouxeram-nos insomnia e scismar...

16. – Ao raiar o dia fomos informados por um passageiro, que tínhamos pernoitado na Villa-Nova.

As ruínas ainda em pé de uma igreja, os destroços de habitações, e um cemitério, apenas reconhecível por uma cruz já em parte carcomida, e por um resto de cerca, revelam que este lugar já fôra outr'ora séde de uma povoação.

A sua insalubridade, por ser muito baixo e humido, foi talvez a causa principal do seu prematuro abandono.

As palavras – estrada nova do Calçado, Ribeirão do café, Villa-Nova, etc., são muito communs por aqui para designarem um desfiladeiro medonho, um lugar baldio, onde o café é quasi desconhecido, e uma tapera deserta, habitação de reptis e morcegos; são sonoridades que representam exactamente o contrario do que dizem.

As areias e os cascalhos do Muquy são muito semelhantes aos do Castello e seus confluentes e é tradição antiga que o seu leito contém ouro.

Guiados pelo passageiro, que era o correio que conduzia as malas do Cachoeiro para os fazendeiros do Muquy do Sul, continuamos a viagem com chuva e por pessimas veredas, margeando sempre o Rio, o qual atravessamos 7 vezes a váu, não sem perigo, por estar cheio e por serem estas passagens estreitas e sobre argila atoladiça e muito pegajosa.

A partir da Villa-Nova o terreno torna-se mais accidentado; as montanhas, porém, são pouco elevadas, arredondadas e de dorsos mais ou menos achatados, o que fôrma um contraste agradável com as pontas pyramidaes, chamadas – Torres do Muquy – que eriçam o espinhaço da serra que divide as aguas vertentes dos dous Muquys.

Os granulos arredondados de um saibro grosso, os seixos rolados, as pequenas zonas de massapé roxo alternando-se com um terreno estratificado provam que pisamos uma terra formada de depositos sedimentosos em

tudo semelhantes aos que encham o valle do baixo Itabapoana.

As multiplicidades excessivas das sinuosidades do Muquy fazem com que as suas aguas corram com pouca velocidade, notando-se apenas uma ou outra corrida, devida antes a represa das aguas pela accumulaco de muitas pedras no fundo do seu leito do que a mudança rapida de declive; por esta razão, e pela forte depressão da serra, quem o marga passa insensivelmente das suas aguas para as do Muquy do Sul, sem notar grande differença na mudança de vertente.

Em differentes pontos encontramos fragmentos de pedra calcarea, e no extremo oriental da serra dos Puris colhemos boas amostras de calcareo branco compacto de grão fino e duro.

s 3 horas da tarde chegamos  fazenda do capitão Francisco Ignacio, situada na margem esquerda do Muquy do Sul, onde pernoitamos.

O valle do Muquy do Sul  quasi todo habitado por uma colonia mineira vinda do municipio da Oliveira, e composta de uma unica familia, da qual  membro o muito distincto capitão Francisco Ignacio.

O terreno  fútil, coberto de mattas virgens, muito proprio para a cultura de canna e de café, porém  montanhoso e os valles estreitos.

Esta disposio topographica torna o paiz pouco ventilado e muito quente na estao chuvosa.

Tudo quanto se avista do caminho apresenta um aspecto monotono, triste e selvagem;  quasi um deserto dos tempos primitivos.

 muito sensivel e digna de lastima a falta absoluta de todos os socorros medicos; os logares e as fazendas as mais opulentas que temos até hoje percorrido, e outros pontos de que temos noticias não têm um medico, uma botica ou cousa semelhante, e debalde o doente procuraria ahi um pouco de sal amargo, de oleo de ricino, ou de outra qualquer droga trivial da medicina domestica; esta imprevidencia torna-se ainda mais injustificavel por estarem estes logares e fazendas vinte e mais leguas distantes do primeiro medico ou da primeira botica. A medicina popular de Chernoviz, que  movel indispensavel de todo o sertanejo em Minas,  completamente desconhecida aqui.

O que, porém mais impressiona o viajante, logo que penetra na

provincia, é a ausencia completa de industria fabril; não se encontra um artefacto qualquer de manufactura provincial; a não ser o assucar e o café, mais nada se vê que denuncie o engenho e a actividade do homem; tudo é importado do estrangeiro, ou de outras provincias: as fabricas de tecidos, de chapéus, de merceneria, de calçados, e de outras industrias igualmente uteis, não existem, apesar da abundancia espantosa de materia prima.

Os Espirito-santenses, que trajam com elegancia, e até mesmo com certo luxo, desconhecem que a verdadeira sumptuosidade, unica digna de um povo laborioso e patriota, é a grandeza da Patria pelo muito que ella produz e exporta, e não pela ostensiva exhibição de galas importadas do estrangeiro a trôco do nosso ouro, e por conseguinte da nossa ruina.

A vestimenta de algodão mineiro é tão desprestigiada e tão balda de recommendações, que, em uma fazenda, onde fomos em todos os respeitos manificamente tratados, o fazendeiro na hora da despedida apresentou-nos milhares de escusas por não nos ter desde a chegada recebido com as attenções devidas, por ignorar que eramos doutores (eu e o meu collega Dr. Murgel) por estarmos vestidos de algodão.

Quem será o responsavel por este tão grande atrazo? Não ha falta de capitaes, ha boa vontade, ha certeza de bom exito, porque não?

Bem sabemos que em um paiz, onde tudo está por se fazer e por se estudar o emprehendimento de uma obra importante, de qualquer natureza que ella seja, é sempre uma empreza ardua e arriscadissima em todos os sentidos; porém o peor de todos os nossos males, o nosso mais obstinado inimigo é a inveja das pequenas almas, se as ha tantas, que prestes e fortes para tudo demolirem, incapazes e tacanhas para crearem um ceutil, arremessam-se como phobomaniacos contra todos, cujo crime é trabalharem pelo engrandecimento da Patria e bem-estar dos seus concidadãos!

Theophilo Ottoni, e M. Procopio, que em outro qualquer paiz seriam estimados e venerados como symbolos de probidade e como cidadãos modelos, morreram ralados de desgostos, cobertos de baldões os mais affrontosos pelos seus proprios patricios, unicamente por terem dotado a sua provincia natal com uma estrada monumental e com a

navegação do Mucury, sendo as suas memorias votadas ao Lethes! Os ministros patriotas são logo classificados de ambiciosos e de má fé, os presidentes de provincias que promovem e emprehem obras de utilidade publica são homens de máu character, querem accommodar a ninhada dos amigos e parentes á custa dos cofres publicos.

Além d'estes demolidores, que são cotejados no rol das difficuldades previstas, ha tambem o imprevisto, que sem ser commanditario, e nem accionista, é comtudo um socio muito avarento e voraz que tudo devora – capital e renda.

Estando por momentos a deixar esta provincia não podemos prescindir de manifestar mais uma vez a nossa opinião sobre o estado lamentavel das suas estradas; as que temos visto até aqui são mais veredas de gentios do que vias de communicacão provinciaes.

Uma ferro-via que sulcasse os valles dos dous Muquys, de Itapemirim, do Castello, e se prolongasse até a serra do Caparaó, cortaria pela raiz todo este mal e levaria de prompto a sua acção benefica a um grande numero de fazendeiros, que só lhes falta um meio facil e economico de transporte para entrarem no gozo da sua completa prosperidade.

Os fazendeiros dos Muquys, do Alegre, do Itapemirim, do Castello e os de outros logare circumvisinhos, interessados na construcção d'esta estrada, são bastante ricos, e por isso o capital necessario para a sua realisacão não poderia offerecer seria difficuldade no seu levantamento.

Os productos agricolas, que em abundancia são annualmente conduzidos pelo systema dispendioso e moroso das tropas para os differentes pontos d'esta provincia, para a cidade de Campos, e mesmo para a estrada de ferro Pedro II, dariam com sobra para o seu custeio, independente do seu augmento futuro.

A canalisação do Itabapoana, da Limeira até a Barra, offereceria um porto abrigado e seguro, sufficientemente vasto para os navios ultramarinos que viessem receber os cafés, seguindo directamente para os paizes consumidores: este é o unico meio de obter-se frete barato e facil.

Os cafés d'estas mattas e os do Itabapoana, conhecidos no mercado

do Rio de Janeiro, com o nome de cafés da capitania, são de côr branca ou amarellada, sem aroma e de pouco sabor, devido á demora na viagem e á imperfeição dos meios de transporte, e não á sua má qualidade. Os que examinamos nos proprios logares de suas procedencias, e d’elles fizemos uso prolongado, achamos no aroma e gosto iguaes aos melhores das provincias de Minas e S. Paulo, e na belleza da côr e no tamanho do fructo, superiores aos da provincia do Rio de Janeiro.

A canna de assucar encontra aqui um terreno virgem, ainda não explorado, superior aos da provincia do Rio, já exhaustos, ou que estão bem conservados por serem pantanosos e de má qualidade, e de tanta vantagem para a sua cultura, que vimos socos de 16 córtes e mais, tão desenvolvidos e tão ricos em principios saccharinos, como as cannas do primeiro cóрте.

A creação de um grande engenho central no valle do Itapemirim, da barra do Alegre para baixo, não só seria de reconhecida vantagem no presente, como seria de um porvir muito mais esperançoso do que os de Campos e de outros logares da provincia do Rio, assentados pela maior parte em terras já esterilizadas e insalubres, onde começam a escassear a lenha e a agua potavel, generos de primeira necessidade para o entretenimento das usinas, e para a conservação da saude dos trabalhadores. Os engenhos centraes de que temos noticia, são annualmente visitados por febres intermittentes e diarrhéas de máu character, molestias estas desconhecidas do Cachoeiro do Itapemirim para cima.

A provincia do Espirito Santo, já pela sua posição topographica, já pela uberdade do seu sólo, que não tem superior, está talhada pela natureza para um dia pesar poderosamente nos destinos financeiros do Imperio, e rivalisar vantajosamente com as suas irmãs visinhas.

Concluimos fazendo votos os mais ardentes e cordiaes pela prosperidade d’este bello torrão, e d’este hospitaleiro povo, que para conseguir o tão almejado *desideratum*, só lhe falta a iniciativa particular secundada por um governo provincial patriotico: é o que sinceramente lhe desejamos.

17. – Continuamos a viagem guiados pelo murmurio do Muquy

do Sul, que corre sempre encachoeirado até a fazenda do capitão Pedro Ferreira, tendo apenas algumas corredeiras d'ahi até a sua embocadura no Itabapoana, 3 kilometros abaixo do Porto da Limeira.

Da fazenda do capitão Pedro Ferreira para baixo, os valles são mais abertos, os morros menos elevados, de cumes mais achatados, o terreno mais arenoso e mais adequado á cultura da canna e do algodão.

Os dous Muquys exportam café, assucar e aguardente.

Ás 6 horas da tarde, pousamos na fazenda de S. Pedro, situada na margem esquerda do Itabapoana, 3 kilometros acima do Porto da Limeira.

18. – Ás 9 horas da manhã atravessamos o Itabapoana em canôa e seguimos viagem pela manifica estrada que vai do Porto da Limeira ao Bom-Jesus, margeando sempre o Rio, devido ao patriotismo e aos sacrificios do commendador Carlos Pinto de Figueiredo, a quem a provincia do Rio de Janeiro deve este grande melhoramento.

As collinas que se alongam em todos os sentidos na bacia atravessada pelo Itabapoana, desde o Bom-Jesus até a Barra, são baixas, compostas de terra vegetal muito arenosa, e os valles que as separam são formados por erosão, no fundo dos quaes corre abundante agua na estação chuvosa, que desaparece na secca. Dão ao leito d'estes rios intermittentes o nome de vallões, e alguns chegam a tomar nas enchentes um volume d'agua tão consideravel que tornam perigosissima a sua vadeação.

As ondulações do solo, a terra vegetal confusamente estratificada, a grande quantidade de pedras arredondadas, as zonas de massapé e todos os detritos aqui accumulados parecem indicar, como já fizemos ver, que são restos de depositos de antigas morenas.

Ás 4 horas da tarde chegamos á fazenda assucareira do capitão J. Carlos de Campos, que nos recebeu como antigo amigo e comprovinciano, prodigalizando-nos com a sua Exma. familia toda a sorte de hospitalidade.

A fazenda é vasta, e possui fertes varseas para a cultura da canna de assucar, meias laranjas altas de terra vermelha, para cafesaes, e ricas pastagens para o gado vaccum, suino e cavallar.

A casa de morada é edificada na margem direita de um pequeno

braço do Itabapoana, tendo na frente um terreiro de cal e areia para tendal de assucar e seccar café; e nos fundos uma ilha inculta muito apropriada para um pittoresco vergel.

O Itabapoana é farto de peixe neste logar.

Á noute, com os meus companheiros, pescamos com rede de tarrafa uma grande quantidade de cachimbáus (loricaria.)

Cachimbáu serve de termo generico para designar toda a especie de peixe conhecido em Minas com o nome de cascudo; derivado do substantivo cachimbo, e do verbo – aú comer – dado a este peixe pelo habito que elle tem de contrahir e de dilatar alternadamente os labios, á maneira de quem masca ou pita cachimbo.

Entre elles sobresahiram o cascudo camarão e o cascudo viola; o primeiro tinha o corpo esguio, cylindrico, de côr cinzenta clara, transparente, com a carne branca, semelhante á do camarão, e media 0,30 de comprimento: o segundo tinha o corpo mais volumoso, chato, menos claro, com uma estrangulação ou cintura no meio que lhe dava a configuração de uma viola, d'onde lhe vem o nome.

Estes nomes acham-se apenas citados em alguns autores, mas sem descripção alguma.

No pequeno canal que fica entre a ilha e a casa apanhamos com a rede um peixe não commum, conhecido com o nome de – peixe espada – de 0,24 de comprimento, de côr argentina, de escamas finas e pouco adherentes, de corpo á feição de lamina de punhal, de cauda fina cylindrica e longa, quasi como a de um rato; esta especie não vem descripta em autor algum dos que consultamos.

Descobrimos mais duas especies de peixinhos nas pequenas aguas dos vallões, tambem desconhecidas dos autores; a primeira, conhecida em Minas com o nome de canbeva, pertence á ordem dos malacopterygianos abdominaes de Artedi e ao genero silurus de Lacepede. O seu corpo é cheio, cylindrico, liso, despido de escamas, de côr vermelha de tijolo, finamente salpicado de pardo em umas, e com pintas pardas, quadrilongas, dispostas em linhas rectas paralelas em outras; a cabeça deprimida horizontalmente; a mandibula superior muito

pouco mais avançada do que a inferior e munida de dous barbilhos; um par de barbilhos em cada angulo da bocca; Uma abundante mucosidade fórma sobre todo o seu tegumento um entuito summamente viscoso e escorregadio, a ponto de ser muito difficil retel-a entre as mãos; as nadadeiras thoracicas com o primeiro raio mais grosso e mais resistente; a dorsal é única, curta e com oito raios; a caudal arredondada e com treze raios; as nadadeiras ventraes e a dorsal estão quasi equidistantes da cabeça; o comprimento total, da bocca á extemidade da cauda, é de 0,16, vive nas pequenas aguas correntes, e tem por morada os buracos e os escondrijos das pedras.

O da segunda especie é o menor peixe que conhecemos, tem em Minas o nome de Margarida; habita as pequenas aguas limpidas e correntes; a sua côr e configuração é a de um pequeno timboré, menos a bocca, e raras vezes chega a attingir a 0,08 de comprimento.

Depois de termos descansado um pouco das fadigas da viagem, o capitão J. Carlos de Campos, os seus filhos e genros promoveram uma caçada de antas, em obsequio ao seu parente e amigo o Dr. M. Murgel; e mataram uma bastante grande, cuja carne era de uma côr vermelha carregada, e o seu cheiro e sabôr o da de carne de vacca, sendo as suas fibras um pouco mais gosseiras; os mocotós cosidos com arroz são de um sabôr excellente, como tambem a lingua e o toutiço, assado. D'este ultimo se extrahe um oleo fino, conhecido com o nome de oleo de cacho d'anta, applicado na medicina camponeza.

Uma notabilidade scientifica, que occupa logar conspicuo nas sciencias astronomicas, escreveu em um importante livro o seguinte: «Dans ce désert enchanteur (fallava da provincia de Minas) errent des troupeaux de daims, des pacas, des tapirs... nous vîmes une troupe de tapirs qui s'enfuit à notre approche.» Foi uma completa illusão do sabio astronomo; as capivaras, observadas de uma certa distancia por quem as vê pela primeira vez, offerecem uma perfeita semelhança com as antas, na côr, no tamanho, e, sobretudo, nas pégadas, que só o caçador, ou uma pessoa já bastante pratica as pôde bem discernir: foi com

certeza o que aconteceu ao illustre viajor; e os bandos de capivaras, muito communs nas margens do rio de S. Francisco e nas do rio das Velhas, foram tomadas por – troupe de tapirs.

Infelizmente não é a primeira vez que um sabio de nomeada introduz moeda falsa na circulação das sciencias naturaes, postos de parte os contos forçados de viajor francez. - Barrère, fazendo da anta um animal amphibio, não dormitou menos do que Bajon, que a fazia ruminante, e do que Charlevoix e de la Borda, que encaravam de fabulosa a historia d'este animal, exactamente nos pontos em que ella é verdadeira, e admittiam, como verdadeiras, fabulas completamente falsas e até ridiculas: por exemplo, Charlevoix affirmava que a anta alimentava-se de herva durante o dia, e de argila (barro salitroso das barreiras) durante a noute, como se a luz tivesse alguma influencia sobre a escolha dos alimentos; que se caçava a anta de noute, cercando-a com fachos accesos, etc. De la Borda disse, entre outras muitas cousas, que os caçadores a chamavam imitando-lhe a voz, e dava-lhe o peso de 25 myriagrammas, o que não é verdade. D. Felix d'Azara, que aliás é muito exacto, e escrupuloso em outros pontos, inçou tambem de erros a descripção da anta, quando affirmou muito positivamente que ella não sabia mergulhar, e que não fazia nas florestas caminhos largos e muito batidos, o que é contrario á pratica, e ao testemunho dos caçadores e dos homens insuspeitos.

Muitas vezes vimos a anta atravessar o Itabapoana, de um só mergulho, nos logares em que elle media mais de 50 metros de largura. Os caminhos das antas, devido ás suas reiteradas e amiudadas passagens por um mesmo logar, têm o nome de carreiro de anta na giria venatoria; e agora mesmo tomamos estes apontamentos, tendo á vista um d'esses carreiros, largo e fundo, que atravessa a estrada que vai da Barra Alegre á fazenda onde estamos hospedados.

A anta nunca foi animal social, pelo contrario, é imminantemente solitario, desconfiado, e procura sempre evitar o mais possivel, a visinhança de outro animal da sua especie, quer no estado selvagem, quer no de domesticidade, como tivemos

ocasião de observar por varias vezes.

Nos bosques, os logares procurados de preferencia para habitarem, são sempre muito afastados uns dos outros.

Além das observações que nos são individuaes, a opinião dos caçadores e a dos indios é unanime em affirmar que as antas não andam em manada, e se algumas vezes ellas reúnem-se em casaes é por pouco tempo.

Sobre as pacas nada diremos, por serem animaes communs, e por isso muito conhecidos de todos: tambem nunca foram vistas em bando.

De todos esses lapsos o mais curioso é o que Marcgrave disse do beija-flor: este autor escreveu (liv. 5º cap. 4º) que o beija-flor prega o biquinho no tronco de uma arvore, e n'ella está immovel como morto, emquanto tornam a brotar as flores (que são seis mezes), passando o qual tempo, torna a viver e voar.

Entre os veados mortos na caçada, vimos alguns matteiros da raça escura, de que acima fallamos, que estavam na epocha da caducidade das pontas (que não é annual como querem os naturalistas); e, examinando-lhes as cabeças, notamos que os chifres que vinham renascendo estavam completamente lisos e despídos de couro, o que nos fez crer que só os primeiros nascem cobertos.

Na vespera da nossa partida para a provincia de Minas Geraes, encontramos em um anzol de espera um jacaré, o qual, na ocasião em que era arrastado para fóra d'agua, dava uns gritos que tinham alguma semelhança com o grunhido de leitões novos. Suppunhamos até então que estes reptis fossem mudos, e que, além de um ronco surdo e guttural que elles deixam ouvir quando estão de sentinella aos ovos e aproxima-se algum vulto suspeito, nenhum outro som mais emittissem.

Sob a agradável impressão de um proximo regresso a Minas, não podemos furtar-nos a um momento de vaidoso orgulho em recordar e inventariar as immensas riquezas naturaes do nosso torrão natal, e de as confrontar com as dos paizes estrangeiros, e com as das outras provincias suas irmãs. Se o cotejamos com os outros paizes do velho e novo mundo, elle fica a perder de vista na confrontação dos reinos mineraes respectivos; o ferro alli conta-se por montanhas; muitos

dos seus innumeraveis rios acarretam no seu leito ferro puro em vez de arêa; o viajante atravessa espaçoso terreno coberto de ferro de magnifica porcentagem; o ouro, a prata, a platina, o cobre, e o enxofre são tão communs, que não ha na provincia uma só comarca, que não seja vantajosamente representada por um ou mais d'estes mineraes; o diamante, o rubi, a saphira, a esmeralda, o topazio, a amethysta, a agua marinha, a crysolitha, e outras muitas pedras preciosas são bem conhecidas de todos; o seu marmore começa a ser explorado com grande proveito, e o de Antonio Pereira, de que temos uma pequena amostra, está sendo applicado na construcção da monumental igreja do Caraça; e as suas aguas mineraes são hoje reconhecidas como as mais ricas em principios medicinaes.

O seu clima é sem contestação alguma o melhor de toda a America; as estações calmosa e fria nunca tocam os seus extremos; alli temos temperaturas e zonas para todos os ramos da agricultura, e para todos os vegetaes: áquem da Mantiqueira existe a zona cafeeira; nos páramos centraes dos rios de S. Francisco e das Velhas existem ricas pastagens proprias para todos os generos de criações, onde se fabricam os melhores dos afamados queijos de Minas; nas mattas banhadas pelo Rio Doce e seus tributarios temos um terreno sem rival para a cultura da canna de assucar, e fumo; e emfim, todos os cereaes e leguminosas do paiz, como tambem todas as plantas dos paizes frios e temperados achariam um clima apropriado nos municipios de Barbacena, Queluz, Piranga, Marianna e Ouro-Preto.

Se a Entomologia póde conduzir o estadista a formar a estatistica approximada da riqueza de um paiz; porque cada insecto tem sua planta, a planta o seu terreno, e o terreno as sua variedades e riquezas, concluiremos que os thesouros floraes são ainda mais esplendidos do que os mineraes. As especies de insectos, além de serem infinitamente multiplicadas, ostentam côres tão vivas, tão variegadas, e fórmãs tão estranhas, que a ellas cabe o que Mr. A. Martin disse dos insectos nas suas harmonias da natureza:

«O ouro, a saphira, o rubim foram prodigalisados aos insectos

invisíveis: uns marcham com fronte ornada de pennachos, sôam clarins, e parecem ornados para guerrear; outros trazem turbantes adornados de pedrarias preciosas, vestes rutilantes de ultramar e de purpura. Trazem longos binoculos, como para espreitarem o inimigo, e escudos para se defenderem. Alguns exalam o perfume das flores, e foram criados para os prazeres. Vêm-se com azas de filó, com elmos de prata, com dardos pretos como o aço, esflorar as ondas, voltijar nos prados, e fender os ares.

Aqui se exercem todas as artes, todas as industrias: é um mundo pequeno de tecelões, de alvaneis e de architectos.

Ahi se sabe as leis do equilibrio e as fórmãs scientificas da geometria. Vejo entre elles viajantes caminhando a fazer descobertas, pilotos que sem velas nem bussola, vagam sobre uma gota d'agua a conquistar um novo mundo. Qual é o sabio que os esclarece, o letrado que os instrue, o heróe que os guia e os escravisa? Qual foi o Licurgo que lhes dictou leis tão perfeitas? Qual seria o Orpheu que lhes ensinou as regras da harmonia? Terão elles conquistadores que os matem, e os cubram de gloria? Se acreditarão elles senhores do universo, porque rastejam na sua superficie?»

Em que paiz do mundo haverá mais thesouros assim amontoados?

Deleitamo-nos com estas digressões, porque tendo recebido de Deus o beneficio de nascer naquelle novo Eden, desejamos vel-o estudado, e os seus thesouros inventariados por brasileiros, ou por estrangeiros serios, para não sermos calumniados e mystificados por especuladores e tacanhas mediocridades.

CAPITULO VI

Do café (*coffea arabica*. L.): sua historia, qualidades e usos.

Como complemento do que dissemos sobre o café, acrescentaremos mais algumas palavras concernentes á sua historia, qualidades, usos, etc.

O café, que não prospera senão nas regiões tropicaes e temperadas, é indigena da alta Ethiopia e pertence, segundo o methodo de Jussien, á família das rubiaceas, classe XI. ordem II.

O seu tronco cresce de 10 a 20 pés de altura, é recto, muito ramoso, e fórma uma copa regular, ligeiramente oval; os seus ramos são dispostos em cruces, bastante longos, abertos horizontalmente, com particularidade os de baixo, flexiveis, arredondados, nodozos de espaço em espaço, cobertos, bem como o caule, de uma casca cinzenta delgada, que se fende depois de secca, e ornados de folhas oppostas, pecioladas, ovaes, alongadas, terminadas em pontas nas suas duas extremidades, inteiras, glabras, luzidias e um pouco sinuosas e nas bordas; as duas estipulas são lanceoladas e caducas.

As flores são brancas, jasminiformes, quasi rentes, grupadas em grande numero nas axillas das folhas, principalmente nas das superiores, formando uma especie de rosetas em torno do caule e dos galhos, derramando um cheiro extremamente delicioso; o seu calice é turbinado e termina-se por cinco pequenos dentes iguaes; a corolla é quasi hypocrateriforme; o tubo é cylindrico e mais longo do que o calice; o limbo é dividido em cinco lobos patentes, iguaes e lanceolados; os estames em numero de cinco, excedem o tubo da corolla; as anteras são alongadas, estreitas e vacillantes; o ovario é de duas lojas, contendo cada uma um unico ovulo; o estylete é simples, delgado e terminado por um estigma bifido.

O fructo é do tamanho e da côr de uma pequena cereja na sua perfeita madureza encerrando duas nuculas, unidas pelas suas duas

faces internas, que são planas e sulcadas, cada uma, por uma fenda longitudinal; as faces externas são connexas e lisas.

O cafeeiro, em todo o tempo ornado de folhas verdes, lustrosas, ligeiramente frisadas, as suas numerosas flores, o seu fructo, que se cõra successivamente de verde claro, verde amarellado, amarello alaranjado, vermelho cereja e a symetria com que é plantado, offerece um quadro o mais variadamente agradavel aos olhos do observador.

Segundo a opinião de Raynal o cafeeiro é oriundo da alta Ethiopia, d'onde foi transplantado para a Arabia, pouco mais ou menos nos fins do seculo XV.

Em todos os logares em que elle tem sido acclimatado os melhores são os arrabaldes de Betel-Fugui, cidade da provincia de Iemen, não longe do Mar vermelho e a mais de trinta leguas do porto de Moka, razão por que muitos autores consideram este logar como seu verdadeiro paiz natal.

Dizem que nos fins do XV seculo, um pastor, que por estes logares apascentava um rebanho de cabras, observou que quando estas comiam os brotos dos cafeeiros, saltavam e berravam mais do que de ordinario, e conservavam-se mais vigilantes durante a noute; movido pela curiosidade, apressou-se em dar parte da sua descoberta a uns monges christãos que residiam nas suas visinhanças, o que inspirou ao superior do convento a idéa de fazer um ensaio nos seus religiosos para os tornar menos somnolentos durante os officios divinos da noute.

O successo excedeu a sua expectativa e o uso do café propagou-se rapidamente por toda a Persia e Egypto.

O Sultão Selim, conquistando este ultimo reino em 1517, fez conhecer, na sua volta, o uso do café na Azia menor e em Constantinopla.

O primeiro café publico aberto n'esta cidade data do anno de 1553.

O seu uso e vulgarisação em Paris é devido ao embaixador turco Soliman-Aga, que o fez conhecido de 1644 a 1657 sob a denominação de – Cahovet, epocha em que se diz que Luiz XIV o tomou pela primeira vez.

Marselha foi a primeira cidade da França que em 1671 abriu cafés publicos, á imitação dos de Constantinopla; e no mesmo tempo

abriram-se na Italia e Inglaterra.

Um anno depois seguiu Paris o exemplo de Marselha.

Os venesianos e genovezes foram por muitos annos os unicos introductores do café na Europa.

Os hollandezes transportaram algumas mudas para Botavia e Amsterdam, onde os cultivaram em estufas.

No começo do seculo passado um consul da França na Hollanda, enviou uma pequena muda a Luiz XIV, a qual, sendo plantada no jardim do rei, não tardou muito em fructificar-se e em multiplicar-se. Este cafeeiro cultivado no jardim do rei é o progenitor de todos os cafesaes conhecidos na America.

Por este tempo o uso do café tornando-se mais geral e o seu commercio mais importante, os francezes procuraram acclimatá-lo nas suas possessões das Antilhas.

O capitão Declieux, commandante de um navio, foi encarregado de transportar tres mudas para a Martinica.

Durante a viagem, que foi muito demorada e perigosa, duas pereceram e a terceira deveu a sua conservação aos cuidados e privações do capitão, que por muito tempo repartiu a sua ração d'agua com o tenro cafeeiro.

Da Martinica, onde elle acclimatou-se perfeitamente bem, passou-se para Cayenne e para a ilha de Bourbon.

A cultura do café no Porto Rico data da revolução de S. Domingos, cujos habitantes expatriados o levaram tambem consigo para Jamaica e Ilha de Cuba.

O cafeeiro foi depois introduzido nas provincias do Pará e Maranhão; antes porém d'isto, o café já tinha sido conhecido no Brazil, para onde fôra transplantado da India, e posto que principiasse a prosperar muito bem, foi comtudo anniquilado por ordem d'El-Rei D. Manoel para conservar e augmentar o commercio com a Azia, impondo a pena de morte aos que tratassem da sua cultura e progresso. (1)

(1) Este facto historico é posto em duvida pelo sabio botanico brasileiro Dr. F. F. Allemão.

Conhecida, porém, com o andar dos tempos a necessidade de augmentar os generos commerciaes do Brazil, cujo solo assaz prodigo em producções indigenas não se nega crear as que são proprias da Azia, assim como as de qualquer outro paiz, pouco a pouco se foi introduzindo a cultura do café pelo Pará e Maranhão, onde propagou-se notavelmente depois que o decreto de 4 de Maio de 1761 o isentou de direitos na conquistas portuguezas.

Não excede muito aos annos de 1770 a 1771 o principio da sua verdadeira cultura nas provincias do Sul, devida ao zelo e diligencias de João Alberto Castello Branco, chancellor que era da relação do Rio de Janeiro, mandando vir do Maranhão as primeiras mudas, que foram plantadas na horta das freiras de Santa Thereza, no hospicio dos padres barbadinhos italianos, na rua do Barbonos, na quinta de João Hoppman, adiante de Mata-porcós, e no quintal da casa da Guarda-velha, esquina da ladeira de Santo Antonio, onde foi residir o chancellor C. Branco.

Diz o illustrado professor de botanica Dr. J. Caminhoá: «Sobre o que não resta duvida alguma é que a cultura do cafeeiro começou no Amazonas, por sementes importadas da Goyana franceza em meados do seculo passado, principalmente depois do anno de 1761.

Em 1770 o Pará e Maranhão começaram tambem a cultivar esta preciosa Rubiaceae.

D'alli foram, em 1774, trazidas sementes para o Rio de Janeiro, no tempo do Governador Gomes Freire de Andrade, pelo Desembargador João Alberto Castello Branco, da relação do Maranhão, quando nomeado chancellor da relação do Rio de Janeiro.

Mello Moraes, na sua botanica brazileira, diz: «Pelos annos de 1760, o chancellor João Alberto Castello Branco, vindo de Gôa para o Rio de Janeiro, trouxe umas poucas de plantas de café, de que só chegaram quatro, capazes de vegetar.

Ha nestas duas e valiosas opiniões uma grave divergencia; mas como C. Branco era Desembargador da relação do Maranhão, e não nos conste que estivesse em Gôa, acreditamos que haja engano na procedencia do café e no anno da sua introducção no Rio de

Janeiro. A éra de 1760 não vem referida em chronista algum dos que temos conhecimento.

Sendo o paiz accommodado a sua nutrição, e aquelles logares aptos, em pouco tempo tanto prosperou a planta, que hoje não ha chacara, sitio ou fazenda onde não se cultive tão precioso genero de tanta extracção.

Dos logares mais fartos d'esta planta e melhor cultivados até o anno de 1800, eram superiores o da Tijuca e toda sua circumferencia em volta da Gavea, para a lagôa de Rodrigo de Freitas, e o da fazenda chamada Mendanha, na freguezia de Campo Grande, d'onde se extrahiu toda a planta ou a maior parte d'ella para povoar as terras mais distantes de serra acima, como as de S. João Marcos, Campos-Alegre, Paraty, Vassouras, Parahyba, Cantagallo, etc.

Em 1800 se exportaram apenas da provincia do Rio de Janeiro 50 arrobas de café; no anno de 1817, sahiram 318,932 arrobas; no de 1818, 371,345 arrobas; e no de 1819, apezar da grande secca que houve, 269,574 arrobas, montando em tres annos o total de 959,851 arrobas.

No anno de 1820 só de Paraty, Ilha Grande e Mangaratiba, sahiram mais de 50 mil arrobas, e de Cantagallo mais de 11 mil, excedendo a exportação total do Rio de Janeiro a mais de 539 mil arrobas.

De 1820 para cá, a cultura do café tem sido tão augmentada que hoje só ella contribue com a terça parte das rendas do estado, e constitue a sua principal exportação e a melhor fonte de riqueza dos seus habitantes.

Em 1871 sahiram do Porto do Rio de Janeiro para o estrangeiro 11.790,005 arrobas, e do porto de Santos, de 1871 a 1872, 2.018,860 arrobas, não se mencionando a exportação das outras provincias.

Este arbusto carrega-se mais de frutos nos terrenos de massapé; nos climas quentes elle dá duas camadas de flores e mais no anno, e os fructos amadurecem todos conjunctamente, e depois de uma abundante colheita, seguem-se dous ou mais annos de descanso; nos climas frios a planta viceja muito em folhas e está sempre carregada de flores e de fructos de todos os tamanhos, o que torna a colheita

muito minuciosa e portanto mais trabalhosa; em recompensa, porém, d'este accrescimo de trabalho, ella fructifica quasi todos os annos com pequenas interrupções e vive mais annos. Nos terrenos de massapé de primeira qualidade o café vive e fructifica por mais de trinta annos; na fazenda de Santa Leocadia, no municipio do Rio Novo, conhecemos um cafesal em bom estado com mais de 40 annos de idade.

Nos logares arenosos e quentes, como é a maior parte das provincias do Espirito Santo e Rio de Janeiro, o cafeeiro não fructifica por mais de 15 annos.

O uso do café, hoje vulgarizado entre todas as nações cultas do mundo, e que se tem communicado a todas as classes do povo, foi evidentemente desconhecido por esses povos antigos, tão célebres por suas sciencias, artes, e civilisação; por esses Arabes e Ethiopes, no meio dos quaes o café vegeta espontaneamente.

Os seus monumentos, cuja origem perde-se na noite dos tempos, e cujas pomposas ruínas se têm conservado até os nossos dias, não revelam em parte alguma que esses povos conhecessem a bebida favorita dos nosso dias.

Não se encontram figuras de cafeseiros nem no interior d'esses templos mysteriosos, nem sobre esses altos obeliscos cobertos hieroglyphicamente de figuras de vegetaes e de animaes, nem nos multiplicados corredores dos seus immensos palacios, nem sobre essas estatuas allegoricas que cobrem ainda até hoje por toda parte a patria das antiguidades.

O mesmo Salomão, esse sabio que estudou os vegetaes desde o hysopo até o cedro, não conheceu as maravilhas do café, pois nenhuma tradição deixou d'elle traços entre os Hebreus.

Nem os fructos, flores, folhas, ou outra qualquer parte d'este vegetal foram empregados nos tempos remotos, quer como medicamento, quer como bebida diaria em alimenticia.

O café em bebida, hoje tão usual em toda a Europa, America, Asia e Africa, faz parte da alimentação diaria dos trabalhadores pobres, dos soldados, e ao mesmo tempo que é o nectar delicioso dos ricos e dos potentados da terra.

Quaes são os effeitos physiologicos do café sobre a economia humana?

Como as boas ou más qualidades do café em bebida dependem da maneira de o torrar, não se deve esperar algum effeito salutar d'aquelle, cuja torrefacção fôr viciosa.

Toda a torrefacção levada além do gráu que lhe convém dar, destroe as qualidades agradaveis e salutaes do café, decompondo os seus principios nutritivos e aromaticos, e lhe imprimindo pelo contrario um character de empyreuma, ou de oleo queimado capaz de produzir desordens graves no organismo, com especialidade no estomago.

Com effeito, o gráu de torrefacção pouco methodico, que se dá commummente a este fructo, o reduz muitas vezes a um estado carbonoso e dissipa por esta razão as partes volateis e por conseguinte altera os seus principios chimicos e constitutivos.

O principio oleoso, naturalmente doce e balsamico, contrahe pela acção excessiva do fogo um cheiro empyreumatico desagradavel, que pôde tornar-se muito nocivo á saude, principalmente das pessoas de constituição fraca e de temperamento nervoso.

Conhece-se que o café está no seu gráu preciso de torrefecção quando elle toma uma côr de chocolate, ou de fígado assado.

As analyses chimicas têm demonstrado no café a existencia das materias seguintes: 1º um acido, que é o gallico, segundo alguns chimicos; ou um acido especial, o cafico, segundo outros; 2º uma materia azotada e crystalisada, a cafeina; 3º um oleo volatil, etc., etc.

Segundo a opinião de M. M. Robiquet e Bontron, se encontram as quantidades seguintes de cafeina em uma libra de cada uma das differentes especies de café: 1º da Martinica 1, 79; 2º café de Alexandria 1, 26; 3º café de Java 1, 26; 4º café de Moka 1, 26; 5º café de Cayenna 1, 06; 6º café de S. Domingos 0,85..

M. Payen é de opinião que a materia crystalisada que se extrahe do café é um chloroginato duplo de cafeina e potassa. Este chimico dá as relações seguintes como expressão da composição média das diversas especies de café: 1º cellulosa 34; 2º agua hygroskopica 17; 3º substancias gordurosas 10 a 13; 4º glucose, dextrina, acido vegetal

indeterminado 15,5; 5º legumina, caseina, gluten 10; 6º chloroginato de cafeina e potassa 3,5 a 6; 7º organismo azotado 3; 8º cafeina livre 0; 9º oleo essencial concreto insolúvel 0,001; 10º substancias mineraes 6,697.

A cafeina é um principio azotado que goza de propriedades nutritivas energicas.

O café com leite, segundo M. Payen, representa seis vezes mais de substancias solidas e tres vezes mais de substancias azotadas do que o caldo de carne de vacca.

A infusão do café, primeiramente torrado, reduzido a pó, e preparado em vasos fechados, é uma bebida muito agradável, e ao mesmo tempo nutritiva, tonica e estimulante.

O bom effeito que se sente no organismo não é devido unicamente á acção do café, deve levar-se em conta: 1º a agua que contém em dissolução os principios activos do café; 2º a temperatura da agua; 3º o assucar com que é adoçado.

A temperatura da agua dá á infusão qualidades estimulantes e lhe permite communicar á economia uma quantidade superabundante de calorico. O assucar determina uma secreção mais abundante do succo gastrico e por isso facilita a digestão.

O café tomado em doses moderadas não causa calor, nem estimulo local epigastrico; a sua acção dynamico-physiologica é geral, accelera a circulação, augmenta a caloricidade, e vivifica o organismo. A sua acção calorifica, prepara melhor o homem para se expor sem accidentes ás intemperies da atmospherá.

M. de Gasparin, em um trabalho interessante lido na Academia de Sciencias (Paris) em Março de 1850, apresentou documentos curiosos, proprios para esclarecer algumas questões sobre o café, e para consignar-lhe o logar de honra que deve occupar na nutrição.

Partindo do resultado geralmente admittido, que a quantidade de azoto contida nos alimentos de um homem adulto, bem disposto, póde ser avaliada em 5 a 6½ oitavas no espaço de 24 horas, e tendo observado que os trabalhadores mineiros da visinhança de Charleroi conservavam uma nutrição sufficiente, boa saude, e grande vigor

muscular, com alimentos que em sua totalidade continham uma quantidade, metade menos consideravel de principios azotados do que a geralmente admittida, que era representada pelo algarismo médio de $3\frac{1}{2}$, M. Gasparin procurou descobrir a verdadeira causa d'este importante facto, e attribuiu-a ao uso habitual que os trabalhadores faziam do café em todas as suas comidas.

A pratica tem demonstrado que é mais conveniente tomal-o immediatamente depois da comida. O café imprime ao sangue um salutar movimento que facilitando as secreções prepara os elementos da saude.

O que ha, porém, de melhor sobre essas diversas vantagens, é a sua admiravel influencia sobre a moral do homem; os ricos, e os potentados dos nossos dias, que fazem uso habitual do café, não offerecem mais ao mundo aquelle espectaculo degradante de embriaguez e dissolução que mancharam a antiga Roma; e entre as nações modernas as que têm dado melhores exemplos de sobriedade, são justamente aquellas que fazem grande consumo de café; elle dá ao cerebro um estimulo ligeiro e util para as concepções do espirito, fecunda a imaginação, torna a razão mais lucida, como um vento puro dissipa os vapores da melancolia, inspira sentimentos generosos, prende mais estreitamente o homem a vida, fazendo-o saborear com mais delicias os beneficios da existencia, e contribue, emfim, a estreitar os laços da amisade e os do amor.

O inglez, que por calculo commercial prefere o chá ao café, torna-se de character sombrio, insociavel, excentrico e quasi sempre termina-se pelo suicidio.

Durante o XVII seculo uma grande celeuma se levantou entre os amadores do café e do chá; e na França principalmente os que preferiam o chá ao café foram accusados de fautores do principe d'Orange e dos inglezes.

A politica e a theologia não tardaram em entrar tambem em liça, e os devotos abstiveram-se d'esta bebida nos dias de jejum.

Terá o café alguma influencia sobre a economia domestica?

Pelo que ficou dito e pelos numerosos exemplos que nos cercam por toda a parte podemos affirmar que o café contribue poderosamente

para tornar os homens sobrios: se elle é util á saude; se augmenta os beneficios da existencia, excita o homem a sentimentos magnanimos, fecunda o genio e os talentos, contribue a adoçar os costumes, conduz o homem á temperança, e se põe, enfim, um paradeiro ás dissipações das fortunas, consequencia necessaria da embriaguez, não poderá deixar de influir directamente sobre a felicidade e economia das familias.

Os que descobriram n'elle qualidades toxicas, ou não são sinceros, ou nunca o conheceram. Se o café envenenasse, a provincia de Minas ha muito que seria um deserto, onde só reinaria a solidão e o jaguar.

A objecção de que o café não é alimento de poupança está refutada pelos magnificos resultados colhidos sobre os trabalhadores mineiros de Charleroi.

É de estranhar-se que intelligencia, aliás prometedora de um brilhante futuro, comprometta o seu criterio, publicando como resultado definitivo o producto de um ou de dous ensaios apenas, estes mesmos feitos sob a influencia do prurido da novidade, quando é sabido que um physiologia experimental uma longa serie de experiencias, que muitas vezes gasta a vida inteira de um sabio, ainda não é sufficiente para decidir de maneira peremptoria uma questão de somenos importancia, quanto mais a questão de alimento de poupança, que além de envolver um principio de economia de momentoso interesse, é tão cheia de obstaculos e de circumstancias tão fugazes, que pódem escapar mesmo aos olhos do mais perspicaz physiologista.

Voltaire chamava o café – bebida intellectual.

Generalisar o uso do café, diz o solitario misanthropo sob o manto da philantropia, é dar aos homens novas necessidades e corrompel-os addicionando-lhes mais um vicio.

As futilidades do luxo, cujo capricho e vaidade constituem todo o seu cabedal, sempre renascentes, multiplicando-se ao infinito, occupando o espirito e o coração, estragando o gosto e cegando a razão, essas futilidades consumidas por entes que nada produzem e que crescendo de dia para dia só servem para sobrecarregar a sociedade de novos

fardos, são as qualidades que corrompem e viciam os homens; aquillo, porém que torna o talento productivo, fortifica o homem, prolonga a sua existencia, e o faz mais activo e industrioso, e que sobretudo diminue diariamente o consumo das bebidas inebriantes, infinitamente mais caras do que elle, supprime e não augmenta as necessidades e os vicios dos homens.

Nada diremos sobre a maneira de cultivar e beneficiar o café, por ser já muito sabido de todos e por isso não offerecer nada de novo ou de curioso.

CONCLUSÃO

«Se quizerdes instruir-vos da grandeza de um povo entre o qual viajaes (diz o autor do Espião Chinez), levai em primeiro logar as vossas vistas sobre a agricultura; não procureis conhecer a instituição politica, as leis civis, e a fôrma do seu governo, senão depois que vos tiverdes informado da producção de suas terras: examinai a sua fecundidade.

Os Estados que não possuem sobre este ramo de administração as melhores leis possiveis não pódem chegar á grandeza.»

Até hoje nenhuma lei efficaz temos sobre a agricultura. A lei das terras e do sorteio militar só serviram para aggravar mais a posição já bastante precaria da lavoura: a primeira poz as terras devolutas nas mãos dos especuladores que as conservam incultas, á espera de melhores preços para as vender; e a segunda tirou um grande numero de braços á lavoura, garantindo a ociosidade aos vagabundos, que só por medo do recrutamento se sujeitavam ao trabalho do campo: estes, além de serem nocivos á lavoura, por serem consumidores e nada produzirem, augmentam diariamente a estatistica criminal.

O ramo mais nobre da industria humana, a base fundamental da sociedade e fonte perenne dos talentos, das luzes e das riquezas, é reservada á classe mais imbecil do nosso rico paiz, a dos escravos!! A agricultura está acima de todos os meios fundamentaes da prosperidade futura; e é o único meio efficaz para augmentar a população e para a conservar em boa saude e prosperidade.

O agricultor que possui uma riqueza territorial tem uma garantia contra as eventualidades futuras; entretanto que a riqueza movel é sempre momentanea e sujeita a variações de mil circunstancias.

Á falta d'essas leis sabias e previdentes talvez que se possa attribuir o estado ruinoso da maior parte das fortunas ruraes.

Ha muito que estamos de accordo de que a sumptuosidade e o luxo dos fazendeiros muito tem contribuido tambem para este estado de cousas. Não fallamos no consumo que hoje, de preferencia, se faz

de vitualhas e de bebidas estrangeiras; é sufficiente que o leitor saiba, que a provincia de Minas importa queijo, carne de porco, de vacca e aguardente!! Tocaremos simplesmente nas ricas baixellas de prata e nos finos apparatus de porcellana, que se encontram nas fazendas.

O que quer fazer um fazendeiro com uma baixella esplendida, que lhe tem custado dezenas de contos de réis, quando elle ignora o que seja um arado, e que nem sequer possui as machinas indispensaveis para o custeamento da sua fazenda? Onde irá parar o fazendeiro que compra escravos a 2:000\$ e que toma dinheiro a 1% ao mez para sustentar a sua desmedida ambição e os seus apparatusos luxos?

Esta censura não é dirigida unicamente aos Srs. fazendeiros d'esta provincia, ella recae com igual peso sobre os paulistas, e especialmente sobre os nossos patricios mineiros, que pouco e pouco foram se esquecendo dos costumes patriarchaes dos nossos avoengos.

O forte e tradicional tré, com que se vestiam os nossos avós, foi substituido pela fragil casimira franceza; a mesa de cedro, onde antigamente era servido um almoço, um jantar ou uma ceia frugal, mas succulenta e substancial, foi derrocada pela mesa elastica de mogno, de construcção estrangeira, circumdada de alcatifados e custosas mobílias de Paris, onde brilha a prata, o ouro, a fina porcellana, contendo iguarias francezas, molho inglez, conservas italianas, queijos londrinos, etc., etc., e onde, emfim, estoura champagne a par de outras bebidas, proprias para seduzir o paladar; porém que enervam o espirito, corrompem os costumes e anniquilam o credito; até a ceia dos tempos idos foi supprimida: hoje toma-se chá com sequilhos, tudo á parisiense.

Se um lavrador, em vez de cercar os seus filhos d'esses vaidosos luxos, d'essas sumptuosidades frivolas, fazendo-os saborear desde a infancia os fructos da luxuria, tratasse de os educar conforme a inclinação de cada um, não passaria pelo martyrio de vel-os muitas vezes passarem da molleza ao vicio, e d'este ao crime.

NOMES DA LINGUA COROADO

Anhomirim, veado.

Atlacon, caetitú.

Buri, joó.

Chambé, filho.

Chambé-te, filha.

Chanandó, tocano.

Chatlã, jacú.

Chipú, jacutinga.

Chipára, macuco.

Chopró capoeira (ave).

Chopró-te, tubaca.

Chotlã queixada (porco do matto)

Chutlã, mutum

Doqué barbado (macaco)

Nhamã, agua

Orará, surucucú.

Ororó-pé, pelle de surucucú.

Pára, casa.

Pãhuã, gato.

Pãhuã peprina, onça pintada.

Pãhuã petlurura, onça vermelha.

Pãhuã-té, jaguatirica (contracção
de jaguar tiririca, onça
bastarda)

Pé, pelle.

Penã, anta.

Tanguá, macaco.

Tanguá surui, macaco estrello.

Tinguá, saracura.

Tupã, Deus.



Papel Supremo 250 gm², com laminação fosca (Capa)
Pólen Soft 75 gm² (Miolo)

Tipologia Trajan Pro (Capa)
Bodoni Poster Compressed (Capa)
Garamond (Miolo)

Formato 16 x 23 cm (com orelhas de 7 cm)

Tiragem 1000

Impressão São Jorge Gráfica e Tecnologia
Tel.: (61) 3035-8300